

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
PROGRAMA DE MESTRADO

Esporte, entretenimento e espetáculo
As narrativas do futebol na cobertura jornalística da Copa do Mundo 2010

Rafael de Oliveira Lourenço

São Paulo
2012

RAFAEL DE OLIVEIRA LOURENÇO

Esporte, entretenimento e espetáculo
As narrativas do futebol na cobertura jornalística da Copa do Mundo 2010

Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação *stricto sensu* da faculdade Cásper Líbero, linha de pesquisa B, “produtos midiáticos: jornalismo e entretenimento”, como requisito à obtenção do título de mestre em comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino.

São Paulo
2012

Lourenço, Rafael de Oliveira

Esporte, entretenimento e espetáculo. As narrativas do futebol na cobertura jornalística da Copa do Mundo 2010 / Rafael de Oliveira Lourenço. -- São Paulo, 2012.

132 f. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Luís Mauro Sá Martino
Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade

1. Comunicação. 2. Produtos Midiáticos. 3. Telejornalismo. 4. Entretenimento. 5. Futebol. 6. Narrativas. I. Martino, Luís Mauro Sá. II. Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação na Contemporaneidade. III. Título.

À minha família que acreditou nesse sonho e
à Luciana, minha esposa, melhor amiga e
conselheira. Sem ela esse caminho teria sido
muito mais difícil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a meus familiares e amigos que durante os dois anos do mestrado entenderam minhas ausências e suportaram as horas de conversa sobre essa fase tão importante da minha vida.

A meus pais pela educação e preocupação.

A meus avós Sérgio e Maria Luiza por estarem ao meu lado sempre.

À minha esposa Luciana, que desde 2002 me acompanha, apoia e divide comigo tantas alegrias e dificuldades. Muito obrigado pelas leituras e correções de tantos textos, pela compreensão, companheirismo e carinho dedicados durante todos esses anos.

A meu orientador, professor e mentor Luís Mauro Sá Martino, que desde os tempos de graduação em 2004 se tornou para mim um exemplo a ser seguido dentro de sala de aula.

Aos professores Cláudio Novaes Pinto Coelho, José Eugenio de Oliveira Menezes e Dimas Künsch pelas aulas e conversas que tanto contribuíram para o meu amadurecimento acadêmico.

A todos os amigos da Cásper com quem tive o prazer de conviver durante esses dois anos e também aos funcionários da secretaria da Pós Graduação.

*Quem diz que futebol não tem lógica ou não entende de
futebol ou não sabe o que é lógica.*

Stanislaw Ponte Preta

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é realizar uma análise das narrativas textuais produzidas pelo *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* que foram ao ar nos dias 15, 25 e 28 de junho e 02 de julho de 2010 (período da participação da seleção brasileira na Copa do Mundo), no intuito de verificar sobre o que falaram as coberturas do futebol e quais as suas intersecções com temas além do esporte no contexto da Sociedade do Espetáculo. Para verificar as dimensões do futebol no Brasil, foram usados textos de autores como Ronaldo Helal, Hilário Franco Jr. e Hugo Lovisoló. Para a fundamentação teórica sobre a sociedade e meios de comunicação onde as narrativas analisadas são produzidas, essa pesquisa se baseou em textos de Guy Debord, Cláudio N. P. Coelho, Jorge Pedro Sousa e Michael Kunczik. Para analisar as narrativas textuais dos telejornais, o conteúdo dos programas foi dividido em três grupos: “sobre o jogo” (narrativas que falaram sobre as partidas), “extra campo” (matérias feitas com as torcidas e textos que vincularam o futebol a outros temas) e “editorial” (demais matérias dos telejornais). A partir da análise dessas narrativas textuais, foi possível verificar sobre o que falou a cobertura da Copa do Mundo 2010, que se assemelhou muito a uma festa da nação e do comércio e mostrou a dimensão comercial e de pertencimento fortemente presentes na representação do futebol na contemporaneidade.

Palavras-chave: Comunicação. Produtos Midiáticos. Telejornalismo. Entretenimento. Futebol. Narrativas.

ABSTRACT

This research aims to analyze the textual narratives of the programs *Jornal da Record*, and *Jornal Nacional*, broadcasted by *Rede Record* and *Rede Globo* on June 15th, 25th, 28th and July 2nd 2010 (days of Brazilian football team participation in the World Cup), in order to verify what the coverage of soccer reported and what are its intersections with topics beyond sport in Society of the Spectacle context. With the purpose of analyzing football dimensions in Brazil, texts from theoreticians, such as Ronaldo Helal, Hilário Franco Jr and Hugo Lovisoló, were used as a reference. For the theoretical about the society and media, where the narratives analyzed are produced, this research was based on texts by Guy Debord, Claudio N. P. Coelho, Jorge Pedro Souza and Michael Kunczik. Approaching the textual narratives of both TV News, the programs content was divided into three groups: “about the game” (narratives that report the game), “extra field” (stories made with the crowds and texts which entail soccer to other topics) and “editorial” (other stories on TV News programs). From the analysis of those textual narratives, it was possible to verify what World Cup 2012 reported, which resembled to a celebration of nation and trade, and showed the commercial dimension and membership strongly present in the representation of football in contemporaneity.

Keywords: Communication. Media Products. Telejournalism. Entertainment. Football. Narratives.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	XX
1. FUTEBOL: UM PRODUTO MUDIÁTICO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO.....	XX
1.1 – Futebol e sociedade do espetáculo no Brasil.....	XX
1.2 – Futebol e consumo na contemporaneidade.....	XX
1.3 – A industrialização da bola.....	XX
2. O “SER BRASILEIRO” PELAS NARRATIVAS MUDIÁTICAS DO FUTEBOL.....	XX
2.1 – Narrativas: a escrita de uma realidade possível.....	XX
2.2 – A narrativa espetacular que constrói identidades e patriotismo.....	XX
2.3 – A narrativa que coloca ordem no caos.....	XX
3. COMUNICAÇÃO, JORNALISMO E ESPETÁCULO.....	XX
3.1 – Os meios de comunicação na sociedade do espetáculo.....	XX
3.3 – O espetáculo do entretenimento como valor notícia na contemporaneidade.....	XX
4. A COBERTURA ESPETACULAR DO ESPORTE.....	XX
4.1. As narrativas dos telejornais.....	XX
4.2. Um jogo, várias narrativas.....	XX
4.2.1. Brasil e Coreia do Norte: estreia e ansiedade.....	XX
4.2.2. Brasil e Portugal: os “guerreiros” da defesa brasileira.....	XX
4.2.3. Brasil e Chile: a vitória do grupo.....	XX
4.2.4. Brasil e Holanda: a solidão da derrota.....	XX
4.3. As narrativas da torcida brasileira.....	XX
4.4. As narrativas “extra campo” do futebol.....	XX
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	XX

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....XX

7. ANEXOS.....XX

7.1. Transcrição *Jornal Nacional*.....XX

7.2. Transcrição *Jornal da Record*.....XX

INTRODUÇÃO

Diz um ditado popular que no Brasil a criança quando nasce ganha um nome e um time de futebol. Tal qual a religião ou ausência nas crenças tendem a ser repassadas aos filhos em uma espécie de “ritual familiar”, o mesmo acontece com o time de futebol preferido dos pais, que tende a ser sugerido ao bebê que muitas vezes já sai da maternidade com um “brasão centenário” bordado no peitoral do macacãozinho comprado pelos pais ou recebido de presente de algum familiar próximo mais apaixonado pelo time de futebol do coração. Quase um ritual de pertencimento creditado às famílias brasileiras, a cena descrita acima pode não ser fiel a realidade de forma generalizada, mas, culturalmente, faz parte de um perfil imaginado ao povo brasileiro, donos do “país do futebol”.

Espécie de relação de amor e ódio, o futebol no Brasil não está isento de discussões sobre manipulação e alienação popular. Em programa da TV Câmara do dia 9 de junho de 2010, vésperas da Copa do Mundo da África do Sul, o professor e jornalista Laurindo Lalo Leal Filho, lançou a seguinte indagação:

O sociólogo francês Pierre Bourdieu comparava a televisão ao mágico. Para o pesquisador, ambos chamam a atenção do público para o supérfluo, escondendo o essencial. A mão do mágico, que abana o lenço sobre a cartola, atrai todos os olhares. Enquanto isso, as moedas ou a pomba são sutilmente retiradas da outra manga. O futebol na Copa do Mundo não seria o lenço que distrai a audiência? Por que outros temas importantes para a sociedade não ocupam os mesmos espaços dedicados ao futebol? (Leal Filho, 2010)

Com visões das mais complexas sobre o assunto, lidar com um objeto que reúne para si tanto críticas fervorosas, como visões apaixonadas, requer, em um primeiro momento, um cuidado muito grande e uma necessidade de deixar claro sobre qual ótica este texto está observando o objeto em questão. Por isso, logo de início é bom já responder a pergunta sobre as motivações que geraram essa dissertação, principalmente perante títulos que classificam o futebol como espetáculo e produto.

Não há intenção aqui de desenvolver uma crítica ao futebol no sentido de considerá-lo apenas como um elemento de poder capaz de, dominado pelos detentores dos meios de produção, manipular as massas, o que para Lovisoló (2011) nos situaria no lado de fora das questões do esporte como uma perspectiva de considerar melhor uma sociedade sem o futebol do que uma que consiga um olhar compreensivo sobre o esporte mais popular da nação. Para o antropólogo, a outra possibilidade é nos situarmos do lado de dentro:

Em oposição, quando nos situamos dentro, apenas podemos fazer duas coisas: deleitar-nos no elogio ou postular reformas, habitualmente práticas, que aproximem a prática do esporte de um ideal superior. Há uma distância enorme entre afirmar que uma lei não é justa e dizer que ela provoca efeitos que devem ser corrigidos (LOVISOLO, 2011:21).

Entre a visão romântica e o iluminismo crítico, uma conciliação possível. Se por um lado um não afastamento do objeto pode se traduzir em uma análise apaixonada e pouco racional, por outro, na crítica sem paixão ao futebol é possível chegar à conclusão de que seria melhor uma sociedade sem ele. A defesa de Lovisolo é que a conciliação entre essas duas visões resulta na forte tendência de pesquisas no campo das ciências sociais atuais, de pessoas que, com amor pelo esporte, buscam um processo civilizador que culmine na valorização e reconhecimento desta atividade que expressa a identidade, personalidade e criatividade do povo brasileiro.

Na intersecção do futebol com a mídia, é possível questionar e discutir até que ponto esse interesse, real ou imaginado, pelo futebol é causa ou consequência da atenção dada pelos meios de comunicação ao esporte. Inviável, porém, é negar a importância dos meios de comunicação na popularização e paixão do futebol pelo povo brasileiro, em especial em época de Copa do Mundo, maior evento esportivo do planeta.

Partindo do conhecimento de que a cobertura de uma Copa do Mundo de futebol no Brasil ganha quase a unanimidade do tempo útil do telejornalismo (em 2010, conforme será explorado adiante, o *Jornal Nacional* da Rede Globo chegou a dedicar 82% de uma edição ao tema) e contextualizado pela afirmação de que vivemos em uma sociedade do espetáculo, essa pesquisa analisa as narrativas textuais produzidas pelo *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* nos dias em que o Brasil entrou em campo no Mundial da África do Sul (período entre junho e julho de 2010) na intenção de responder como foi a cobertura jornalística da participação do Brasil na Copa e verificar sobre o que falaram as narrativas veiculadas.

Ao falar sobre o jogo ou sobre a torcida, as narrativas adjetivaram pessoas, nações e jogadas e criaram uma segunda realidade, a simbólica, que tentou dar conta dos fatos ocorridos durante Mundial, seja no Brasil, na África do Sul ou em qualquer outra parte do mundo. Além desse trato com o jogo e com a torcida, houve também as vinculações do futebol a outros assuntos.

Exemplos da associação do futebol a temas além do esporte na cobertura de 2010 foram dados nas narrativas dos desabrigados de uma enchente, que acompanharam a partida da seleção mesmo tendo perdido tudo. Ou seja, todos devem participar. Inclusive os candidatos à corrida presidencial de 2010, que cancelaram seus compromissos para

acompanhar as partidas e os habitantes de isoladas aldeias indígenas, que além de acompanhar o Mundial, produziram artesanalmente cornetas que imitavam as *vuvuzelas* sul-africanas. Além destes cidadãos, há também os donos de bares e supermercados, que viram aumentar o consumo de produtos como carne e cerveja durante o Mundial. Era o brasileiro assistindo aos jogos e consumindo os produtos vinculados ao jeito de ser e de comemorar de um verdadeiro brasileiro.

Dentro dessa mistura de temas e intersecção entre futebol e assuntos além do esporte, item constante nas narrativas é o entretenimento, que misturado praticamente sem linha divisória com a informação, ajuda as narrativas dos telejornais a cumprirem o seu papel, que na lógica comercial analisada por esta pesquisa, é atrair o maior número de pessoas mediante um conteúdo agradável, rápido e de baixo custo.

Por isso, longe de considerar as escolhas feitas pelos telejornais e a insistência no tema “Copa do Mundo” como manipulação dissimulada, essa pesquisa procura contextualizar a produção jornalística como uma produção de mercado sujeita a regras universais aplicadas pelo sistema capitalista onde estão embutidas.

Portanto, para cumprir o objetivo proposto por este trabalho, de analisar as narrativas textuais feitas a partir do futebol durante a Copa do Mundo para responder como foi a cobertura e quais as dimensões assumidas pelo futebol na contemporaneidade, a dissertação foi dividida em quatro partes.

A primeira, com foco nos textos sobre a sociedade do espetáculo, procura contextualizar o futebol e suas dimensões além do esporte na sociedade contemporânea. Aqui, o foco foi, além dos textos de Guy Debord e Cláudio N.P. Coelho, a produção de autores brasileiros como Ronaldo Helal, Hilário Franco Jr. e Hugo Lovisolo sobre a relação entre futebol e sociedade que mostram, entre outras coisas, que o futebol já foi diplomacia, política e comércio ao longo das últimas décadas no Brasil.

Na segunda parte o foco são as implicações narrativas do futebol na determinação de um “ser brasileiro”. Baseado na afirmação de Cremilda Medina, que considera a narrativa uma necessidade humana diante da infalibilidade do mundo, a produção narrativa tem o poder de colocar ordem no caos, de gerar consolo, pertencimento e representar identidades. Tudo isso, porém, baseado na produção de textos espetaculares, que fogem do factual e procuram significar hábitos, sejam culturais, sociais ou de consumo.

É importante dizer também que há profissionais de comunicação produzindo essas narrativas e que estão introduzidos em uma lógica de mercado, que não necessariamente implica em manipulação. Bem por isso, o terceiro capítulo ficou responsável por situar a

produção jornalística e a importância do entretenimento dentro do contexto da sociedade do espetáculo na definição das escolhas que geram o produto analisado por esta pesquisa: as narrativas veiculadas nos telejornais nos dias dos jogos da seleção.

Baseado em textos de Michael Kunczik, o entretenimento, na visão dos espectadores, é o oposto do conteúdo que causa tédio e não o contrário de informação. Por isso, em uma sociedade capitalista onde os meios de comunicação precisam “vender” seu conteúdo, a apresentação das notícias de forma divertida atende o objetivo de visibilidade e audiência buscado pelas empresas privadas baseadas na produção de conteúdo midiático, independentemente dos interesses políticos de seus proprietários.

Para verificar o conteúdo de análise desta pesquisa, no capítulo quatro, após as reflexões feitas nos capítulos anteriores, o método adotado foi a análise das narrativas textuais produzidas pelos telejornais. Para esta análise, foram escolhidos quatro episódios do *Jornal Nacional* e quatro do *Jornal da Record*. A escolha foi baseada na proximidade desses episódios com os jogos da seleção, o que os tornou mais férteis para a análise proposta. Os programas analisados foram ao ar nos dias 15, 25 e 28 de junho e 02 de julho de 2010, período de participação da seleção brasileira no Mundial.

Para realizar essa análise as notícias dos telejornais foram separadas em três grupos. São eles: “sobre o jogo”, “extra campo” e “editorial”. No primeiro grupo, todas as notícias que falaram sobre as partidas em si, como as narrativas pós-jogo que adjetivaram jogadores, técnicos e nações.

As notícias que preencheram o grupo “extra campo”, são compostas de narrativas feitas com as torcidas das seleções em diversas partes do mundo e reportagens que, apesar de aderirem ao índice de noticiabilidade do evento, não falaram sobre o jogo em si, caso das reportagens sobre os ganhos do comércio devido ao evento e a vinculação do tema com a agenda dos candidatos à presidência da República por exemplo.

No terceiro grupo entram as demais notícias, que não fazem referência direta ao Mundial. Fazem parte deste grupo as notícias sobre o mercado financeiro a previsão do tempo e matérias policiais.

A partir da análise desse conteúdo, foi possível verificar que, tamanha é a força narrativa da “Copa do Mundo”, que, mesmo não tendo os direitos de transmissão do evento, a Rede Record dedicou mais da metade do tempo útil de seu principal telejornal à cobertura do futebol. A Rede Globo, por sua vez, por transmitir as partidas, dedicou um tempo ainda maior e chegou a ter mais de 80% do tempo útil de um episódio do *Jornal Nacional* falando a Copa.

Na análise textual sobre o que falaram os telejornais no tempo que foi dedicado ao futebol, foi possível verificar que a cobertura da Copa do Mundo 2010 se assemelhou muito a uma festa da nação e do comércio. Nas narrativas dos telejornais foi possível perceber o quanto o futebol lida com questões “extra campo”, influencia a economia e a rotina das pessoas, e possibilita pensar questões importantes sobre a sociedade capitalista e as formas de produção e relação entre pessoas no contexto da sociedade do espetáculo, como será mostrado no decorrer deste trabalho.

CAPÍTULO 1

FUTEBOL: UM PRODUTO MIDIÁTICO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Futebol e sociedade são temas cada vez mais próximos no Brasil. Por motivos diferentes, ao longo das últimas décadas esse esporte sempre esteve envolvido de uma forma ou de outra com questões de Estado. Para Gastaldo (2009:353) “o futebol no Brasil é hoje (e tem sido nos últimos cinquenta anos) uma atividade de enorme importância social, cujas consequências transcendem as linhas do campo de jogo, tornando-se mesmo questões de Estado”.

Com essa forte relação entre esporte e sociedade, cresce também o interesse de pesquisadores em ciências sociais pelo futebol (Guerra, 2002:7) e até de revistas que normalmente não dedicam espaço ao tema, como foi o caso da revista “Sociologia” da editora Escala, que, em sua primeira edição de 2011, publicou matéria sobre a “Sociologia do Esporte” e, a partir da afirmação “o esporte está em alta no Brasil”, levantou questionamentos sobre como a sociologia lida com um tema que tem despertado tanto a nossa atenção.

No Brasil, país do futebol, este esporte, em especial no auge da ditadura militar e do AI-5, assumiu várias dimensões, como arma política, direcionamento da opinião pública e alienação (GUTERMAN, 2009; HELAL, 2001; FRANCO JR, 2007).

No período pós-ditadura, essas dimensões assumidas pelo futebol acompanharam as mudanças sociais do país e se atualizaram para outras questões além do mero fato esportivo, como a noção de pertencimento, o poder dos meios de comunicação em trabalhar identidades e a industrialização da bola, fatores que possibilitam ao futebol ilustrar aspectos da evolução da sociedade do espetáculo e da própria sociedade brasileira.

Nesse aspecto, é possível fazer uma leitura das dimensões do futebol baseado na crítica da sociedade do espetáculo. Na explicação de seus conceitos, Debord fala de um poder espetacular que transforma as camadas mais profundas de pensamento em imagens superficiais e carregadas da necessidade de consumo em bens simbólicos e materiais que atendem a necessidades secundárias, geradas pela maior capacidade de produção das sociedades capitalistas e da necessidade de comercialização dessa produção.

Ao olhar para a representação do futebol no Brasil da década de 1970, é possível verificar elementos dessa crítica de Debord, contida no livro “A sociedade do espetáculo”, escrito em 1968. Falando de um momento onde ainda havia a presença de regimes socialistas

e capitalistas autoritários no mundo, os textos do crítico francês tratam o espetáculo como um poder dominador que esconde ou esvazia o que for necessário para manter o poder espetacular do Estado ou das empresas privadas.

Nesse sentido, as imagens ou narrativas espetaculares teriam o poder de desviar a atenção ou confundir as opiniões de quem gozava de suas alegrias rasas, como pensavam os brasileiros que lutavam contra a ditadura durante a conquista do tricampeonato pela seleção brasileira e achavam que comemorar as conquistas da seleção significava uma “chancela ao regime vigente na época” (GUTERMAN 2006:9).

Essa confusão entre a seleção nacional e o Estado em si permitiu à representação do futebol na década de 1970 (como será mostrado neste capítulo), servir, em alguma medida, de espetáculo de legitimação do governo militar.

Com as mudanças na sociedade e também acompanhando os comentários de Debord feitos na década de 1980 sobre a sociedade do espetáculo, é possível adaptar essas dimensões e pensar no poder espetacular do futebol na contemporaneidade.

A realidade brasileira também mudou, e o país assistiu à redemocratização. Olhando para o futebol a partir dessa nova realidade, se por um lado sua representação não está mais associada diretamente a um regime ou à imagem de um líder político, por outro lado ainda traz em si uma representação imaginada de Brasil. Adjetiva nosso povo, mostra costumes positivos e reprova as atitudes que se afastam do que se espera de um verdadeiro brasileiro.

Na leitura das narrativas do futebol na cobertura jornalística da Copa do Mundo 2010, foi possível verificar como à imagem do futebol está associado muito mais do que o jogo. Para ganhar, os jogadores devem ser guerreiros e alegres e a torcida, se quiser comemorar como um verdadeiro brasileiro, precisa seguir alguns costumes, que vão da alegria e empolgação aos churrascos com cerveja.

É a essa possibilidade e dimensão da representação do futebol que se deve a escolha de pensar as narrativas do futebol a partir da leitura do espetáculo. Isso não quer dizer que o futebol é algo negativo. Muito pelo contrário. Ao falar do espetáculo, o texto procura caracterizar elementos da sociedade capitalista, como a lógica de mercado implícita nas produções midiáticas, o comércio associado à torcida pelas partidas e principalmente a influência dessas relações nas narrativas, que, apesar de representarem importantes fontes de conhecimento, também respondem às lógicas de mercado.

1.1 – FUTEBOL E SOCIEDADE DO ESPETÁCULO NO BRASIL

Frase cada vez mais frequente nos ambientes acadêmicos e nos meios de comunicação (COELHO, 2006:09), a afirmação de que vivemos em uma sociedade do espetáculo mostra a atualidade deste conceito publicado na década de 1960 pelo francês Guy Debord e ajuda a entender algumas dimensões assumidas pelo futebol ao longo do tempo.

Pensado inicialmente como um sistema de dominação que atingiria apenas parte da população de acordo com as condições sociais e econômicas de cada sociedade, cerca de duas décadas após sua divulgação, ao constatar o aumento do espetáculo no meio social, Debord atualizou sua crítica e teceu comentários que anunciaram uma nova forma de espetáculo, à qual, com a intensificação das técnicas espetaculares, nada mais escaparia.

Como crítica aos sistemas vigentes no mundo na época – em expansão até os dias atuais – logo no primeiro parágrafo do livro “A sociedade do espetáculo”, Debord explica que, “toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997:13).

Ao dizer isso, Debord pontua um tempo histórico e uma condição social clara para a existência do espetáculo: os meios de produção vigentes na sociedade capitalista moderna. Adiante, mais pistas. Se por um lado o crescimento econômico libertou as sociedades modernas da pressão natural que exigia uma luta imediata pela sobrevivência, foi justamente essa libertação que perpetuou o que Debord sugeriu chamar de espetáculo.

Segundo Debord (1997:29-30), o desenvolvimento das forças produtivas foi o principal fator na modificação das condições da existência humana. Em suas palavras, “se o crescimento econômico libertou as sociedades da pressão natural que exigia a sua luta imediata pela sobrevivência, agora é do libertador que eles não conseguem se libertar”. A essa abundância de mercadorias, que transformou o consumidor real em um “consumidor de ilusões”, Debord chamou de “sobrevivência ampliada”.

Em outras palavras, esse alargamento na produção, ainda segundo Debord, teria gerado duas consequências imediatas: a possibilidade, sem essencialmente uma necessidade real, de se utilizar dos meios de produção para produzir cada vez mais coisas, e, principalmente, uma pseudonecessidade no consumo de objetos que não satisfazem necessidades básicas, mas sim necessidades “ampliadas”.

Nesse cenário, a sociedade do espetáculo, baseada em um “acúmulo de imagens”, serviria para reproduzir realidades e necessidades além das reais em uma corrida pelo acúmulo de capital e de mercadorias beirando a irracionalidade.

As representações, que segundo Debord afastaram o homem daquilo que era diretamente vivido, são o grande ponto de interesse deste trabalho. Isso porque o texto de Debord, que em sua essência não é sobre mídia, mas sobre um sistema espetacular de dominação, faz-se bastante útil à área de comunicação ao sugerir o espetáculo como “uma relação social entre pessoas mediada por imagens” (DEBORD, 1997:14). Nesse sentido, se a mídia, por um lado, não é a única responsável pelo espetáculo ou o tema central da obra do crítico francês, “é a manifestação superficial mais esmagadora do espetáculo” (DEBORD, 1997: 20).

Parafraseando Martino (2009:221), o livro está distante da crítica da mídia que o título pode sugerir e é, na verdade, um vigoroso ensaio sobre o capitalismo. O que há de revolucionário nos escritos de Debord, não é a crítica à indústria do entretenimento, mas sim a perturbadora concepção de que no capitalismo, todas as coisas se transformam em imagem. “Espectáculo”, em sua raiz, está ligado a “espectador”, ou seja, “aquele que assiste”.

Para Martino, “em uma sociedade do espetáculo, as relações pessoais são organizadas no sentido de uma avassaladora troca de imagens. Não existe distinção entre aparência e essência: na sociedade do espetáculo, a aparência torna-se o dado importante”.

Entender a sociedade e as alterações na vida das pessoas ocasionadas pelas mudanças sociais é uma função complicada quando não há um distanciamento ou conhecimento de como era a sociedade sem a lógica de produção atual. Com uma ilusão de normalidade, é difícil julgar acontecimentos como as consequências do sistema capitalista na relação entre as pessoas. Principalmente se levarmos em conta que praticamente todas as gerações vivas no mundo ocidental já nasceram inseridas em uma lógica capitalista. Para Debord (1997:131),

Assim como não se aprecia o valor de um homem segundo a ideia que ele tem de si próprio, não se pode apreciar – e admirar – uma sociedade qualquer tomando como indiscutivelmente verídica a linguagem que ela usa consigo mesma. [...] A estrutura é filha do poder. O estruturalismo é o *pensamento garantido pelo Estado*, que pensa as atuais condições da “comunicação” espetacular como um absoluto.

Bem por isso, o texto de Debord é uma crítica às consequências para a vida humana da intensificação do capitalismo no mundo moderno e, ao mesmo tempo, uma tentativa de gritar para quem pudesse ouvi-lo, se queremos viver em um mundo assim.

A presença do espetáculo pode ser pensada também nas sociedades pré-capitalistas. A diferença é que não era possível presenciar o espetáculo no cotidiano, era eventual, contido, por exemplo, nos ritos sagrados e religiosos.

Consequência imediata da integralização do espetáculo no cotidiano é a evolução de valores aceitos nas relações sociais, que em um primeiro momento passaram do “ser” para o “ter” e que com o acúmulo de imagens evoluíram para o “parecer ter”, como explica Lasch (1986:21):

Seja como trabalhador ou como consumidor, o indivíduo não apenas aprende a avaliar-se face aos outros, mas a ver a si próprio através dos olhos alheios; aprende que a autoimagem projetada conta mais que a experiência e as habilidades adquiridas. Uma vez que será julgado (por seus colegas e superiores no trabalho e pelos estranhos que encontra na rua) em virtude de suas posses, suas roupas e sua “personalidade” – e não como ocorria no século XIX, por seu caráter – ele adota uma visão teatral de sua própria *performance*, estando ou não em atividade.[...] Mas as condições de relacionamento social cotidiano, nas sociedades que se baseiam na produção em massa e no consumo de massa, estimula uma atenção sem precedentes nas imagens e impressões superficiais, a um ponto em que o eu torna-se quase indistinguível da sua superfície.

Teórico de um sistema espetacular de dominação, na década de 1960 Debord trabalhou com dois conceitos de espetáculo, a forma difusa, que corresponderia aos países capitalistas desenvolvidos, e a forma concentrada, referente aos países socialistas – considerados por Debord como países onde vigoravam uma espécie de “capitalismo burocrático” (DEBORD, 1997:42).

No que diz respeito à situação dos países capitalistas subdesenvolvidos, há poucas referências, mas de acordo com a explicação das duas formas de espetáculo, nestes países parece viável a afirmação de que havia uma presença simultânea de ambas.

O Brasil, país onde à época vigorava uma ditadura militar, não escapa a essa lógica. Segundo Coelho (2006:21-22), nesse período, “havia a presença simultânea de um Estado economicamente intervencionista e promotor do “desenvolvimento” a serviço da burguesia brasileira e multinacional que concentrava o exercício do poder político, e de uma sociedade de consumo em processo de constituição”. Essa sociedade, que tentou, segundo o autor, transformar um general em “líder popular” no início dos anos 1970, já era marcada por ser promotora do culto das mercadorias e da difusão social (especialmente pela Rede Globo de Televisão) das práticas espetaculares.

Neste contexto, a representação do futebol pode ser pensada como um aspecto cotidiano da vida convertido em imagens e trabalhado pela mídia ou por outras instâncias para fins de consumo. Isso porque o consumo do futebol, dissociado à mídia, não é material, é

simbólico. Logo, não satisfaz as necessidades básicas, mas sim as de entretenimento e pertencimento social.

Para Gurgel (2004:24), foi o acasalamento com a mídia que permitiu ao futebol se transformar em esporte e espetáculo. Segundo o pesquisador, o futebol hoje é “um produto espetacularizado da sociedade de consumo e também um caso de êxito da atuação dos meios de comunicação no coletivo”.

Sobre isto, Martino (2005:44-5) explica que é justamente essa “transformação de todo o cotidiano em imagem para consumo, (que) Debord chama de ‘espetáculo’ [...] um dos resultados sensíveis do espetáculo é a destruição das camadas profundas de pensamento do ser humano”.

Na contemporaneidade, as imagens veiculadas pelos meios de comunicação assumem papel privilegiado no universo espetacular. O acúmulo de imagens, citado por Debord e reproduzidas em larga escala pelo cinema, fotografia e, a partir da década de 1950 no Brasil pela televisão, ganharam o poder de reproduzir e criar realidades por vezes oníricas.

Para Feitoza (1996:13), por meio da técnica, a “linguagem dos sonhos se converteu em discurso televisivo [...] na espetacularização via telejornalismo, a técnica é utilizada para tornar a realidade mais atraente do que ela é de fato, transformando-a numa composição estética permitida pelas técnicas de edição”.

É nesse aspecto que podemos pensar sobre o papel da televisão enquanto produtor de espetáculos. Segundo Pereira Jr (2003:12), “os telejornais têm um espaço significativo na vida das pessoas. Os noticiários televisivos ocupam um papel relevante na imagem que elas constroem da realidade”.

Já para Martino (2009:223), a mídia “é um dos caminhos do espetáculo, possivelmente o mais poderoso, mas não o único”. Segundo ele, o poder que a mídia tem na sociedade espetacular se deve a uma intersecção muito clara entre o meio técnico e seu uso político. “Ao mesmo tempo pensada como indústria em si, a televisão não pode deixar de vender a si mesma como imagem, em uma autorreferência constante. Não é por acaso que o principal produto da televisão seja a circularidade de suas atrações”.

Enquanto veículo de grande alcance no Brasil, apesar de presente desde a década de 1950, a televisão começou a se popularizar apenas após o golpe militar de 1964. Em 1970, ganhou destaque por conta das tecnologias que possibilitaram a realização de coberturas em rede nacional e, pela primeira vez, a transmissão ao vivo do Mundial de futebol realizado no México.

Segundo o historiador Hilário Franco Jr (2007:181), “foi ela [a televisão] que confirmou o futebol como importante produto da sociedade de consumo e modificou a realidade financeira do setor”.

Nesta época, em lugares onde havia regimes autoritários, em especial durante as ditaduras militares na América Latina, o evento ganhava uma dimensão política forte e, não raro, rendia legitimação ao governo vigente. Segundo Hobsbawn (2006), apesar da Copa em si provavelmente não ter nenhum fundo político em particular, é quase certo que esse evento esteja vulnerável às pressões e às promessas políticas. O autor lembra que, como aconteceu na Argentina durante a ditadura militar, infelizmente esse evento pode beneficiar o regime do país vencedor da Copa, independente das posições políticas dos jogadores.

A respeito desta possível pressão por parte do Estado brasileiro, Guterman (2006:9) acredita que o caso da Copa de 1970 é a melhor forma de compreender até que ponto o futebol contamina as estruturas sociais e de poder no Brasil e representa o questionamento da sociedade do espetáculo. Isso porque, para aqueles que combatiam o regime militar e também para boa parte dos intelectuais de esquerda, o triunfo e os festejos que se seguiram a conquista do Mundial significaram uma odiosa chancela ao arbítrio estabelecido no país pelos generais.

Por outro lado, para o governo de Emílio Garrastazu Médici, presidente do Brasil na época da conquista, “a vitória significou uma oportunidade singular para se legitimar no momento em que esmagava a oposição em busca de “união nacional” para o projeto de desenvolvimento e de poder dos militares”, completa Guterman.

Em livro organizado em 2011 sobre as interações entre futebol, jornalismo e ciências sociais, Helal; Cabo e Silva (2011:203-4) apontam ainda a importância da Copa de 1970 como “divisor de águas” para esta discussão e lembram que, neste ano, além de o Brasil se tornar o primeiro tricampeão Mundial e receber em definitivo a taça *Jules Rimet*, o país vivia um contexto delicado de sua história recente. Assim como Guterman (2006), Coelho (2006), e Franco Jr (2007), os autores também afirmam que o presidente Médici utilizou a conquista da seleção para melhorar a imagem de um regime ditatorial.

Nas palavras de Franco Jr (2007:144), “antes mesmo da conquista, o presidente Médici, sem a farda de general, aparecia sorridente em fotos cabeceando uma bola. Era a pátria de chuteiras e de boina militar”.

E muitas foram as propagandas usadas pela comunicação governamental nesse período que buscaram um “despertar ufanista”. Dentre elas, Franco Jr (2007:144) resgata a marchinha “Pra frente, Brasil”, tocada nas rádios, programas de televisão, desfiles militares e nas escolas da época. Segundo o historiador, essas propagandas confundiam-se com o sucesso da escrete

nacional. Até os automóveis desfilavam adesivos com uma pequena bandeira nacional estampada e os dizeres “Brasil, ame-o ou deixe-o”.

Nos moldes da mescla entre espetacular difuso e concentrado vigentes na época, apesar de ser possível, baseado nos textos citados acima, dizer que, em alguma medida o futebol na Copa de 1970, visto pela crítica espetacular, foi usado como elemento de legitimação política da ordem vigente, por questões sociais e culturais, o espetáculo representado não teve um alcance absoluto.

Somado a vários outros fatores, o dito “milagre econômico” e os “anos de chumbo”, foram simultâneos, apesar de parecerem um a negação do outro. Por conta disso, a legitimação política espetacular da ordem vigente não foi absoluta. Para Elio Gaspari (2002:15), “quem acha que houve um, não acredita (ou não gosta de admitir) que houve o outro”.

A esse espetáculo que ainda não tinha poderes globais, anos depois Debord teceu comentários de certa forma “apocalípticos” e decretou a “universalização” do espetáculo por meio do surgimento do espetacular integrado.

Antecipando-se ao fim do “socialismo real” (COELHO, 2006:21-22), em textos escritos nos anos 70 e 80 do século XX, Debord alertou para o surgimento de uma terceira forma de espetáculo. A essa nova forma Debord chamou “espetacular integrado” e previu a tendência do espetáculo a se impor mundialmente à medida que se integrou a própria realidade. O autor completa: “Quando o espetacular era concentrado, a maior parte da sociedade periférica lhe escapava; quando era difuso, uma pequena parte; hoje nada lhe escapa” (Debord, 1997:173).

Seguindo os preceitos do “espetacular integrado”, para Debord, agora, segundo as conveniências do espetáculo, “já não existe nada, na cultura e na natureza que não tenha sido transformado e poluído segundo os meios e os interesses da indústria moderna” (DEBORD, 1997:173).

Para Coelho, a partir desse novo conceito, desenvolvido na década de 1980, “sem dúvida é possível uma análise de aspectos da sociedade brasileira [...] (pois), cada vez mais, dentro do contexto do neoliberalismo, há a proliferação da lógica mercantil e da disseminação das práticas espetaculares” (COELHO, 2006:24).

Dentro dessa nova lógica espetacular, as dimensões representativas do futebol mudaram e, se já não podemos agora falar em legitimação política, o esporte adapta suas dimensões para a lógica mercantil, para o esporte que, ao mesmo tempo é fator social, cultural, político e principalmente, comercial.

Nem por isso o esporte mais popular do mundo perdeu totalmente sua força diplomática e seu apelo político, como é possível verificar em alguns exemplos de amistosos realizados pela seleção brasileira de futebol no exterior.

Mesmo hoje, vivendo em mundo em sua maioria regido por governos democráticos, em alguns países onde ainda imperam líderes autoritários ou há guerra civil, a presença da seleção brasileira – como símbolo do time mais vezes campeão do mundo – serve, de uma forma ou de outra, para, conforme afirmou Hobsbawm, “beneficiar o regime” ou propiciar breves momentos de paz pela simples presença dos astros brasileiros vestidos com a “amarelinha”.

Casos como esse podem ser verificados no amistoso que o Brasil disputou dias antes do início do Mundial 2010 contra a seleção do Zimbábue e no jogo disputado em agosto de 2004 contra o Haiti, país onde o Brasil mantinha tropas militares em missão pacificadora.

Jogo polêmico, o amistoso contra a seleção do Zimbábue rendeu muitas matérias e virou até caso de polícia. Segundo texto publicado no portal *Terra*, o amistoso “rendeu diversas críticas da imprensa internacional à Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que aceitou se unir ao presidente Robert Mugabe, altamente questionado pelo regime ditatorial que adota. Em troca, a entidade brasileira recebeu o valor de US\$ 1,5 milhão” (PAIVA, 2010).

Nas reportagens relacionadas a este jogo, verifica-se mutuamente a dimensão comercial e política do futebol. De um lado, um país africano pequeno, pobre e governado por um ditador que, apesar da miséria do país, paga caro para ter um “espetáculo” em seu país capaz de lhe trazer legitimidade. Do outro lado, a seleção brasileira que, às vésperas de sua estreia no torneio mais importante do mundo, viaja até o Zimbábue por conta de um jogo “negociado” por uma empresa suíça. Se não bastasse, o dinheiro combinado entre as partes nunca foi pago (CHADE, 2010).

No outro exemplo citado, contra a seleção do Haiti, o jogo, que foi chamado pela imprensa brasileira de “Jogo da Paz”, assumiu um tom mais diplomático e levou ao país caribenho um outro tipo de “exército da paz”.

O papel de levar um pouco de alegria àquele país de aproximadamente dois milhões de habitantes, em sua maioria imersa na miséria, fica explícito na narrativa do jornalista Rodrigo Bertolotto. Nas palavras do repórter, cercados de frustração no país mais pobre das Américas, os haitianos viam nos atletas negros do Brasil um exemplo de sucesso. Já na pista do aeroporto, que foi invadida por mais de 500 pessoas, os locais aplaudiam cada jogador negro

ou mulato, independentemente da relevância dos jogadores no time. “Roger, por exemplo, jogador branco e autor de dois gols, passou despercebido”, narrou o repórter.

O amistoso, que contou com a presença do então presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, e ajudou na promoção dos interesses do Brasil em suas “relações internacionais”, deu à representação do futebol um patamar de poder e foi usado por Lula para dar crédito a quem realmente estava fazendo o trabalho militar e social no país como se esses (os militares) servissem àqueles (os jogadores).

A representação de poder investida nos jogadores que levaram paz, mesmo que por algumas horas usando apenas suas figuras representativas contra aqueles que estavam realmente trabalhando no dia-a-dia do país caribenho fica bem ilustrada nas afirmações do presidente Lula captadas pela narrativa do repórter Rodrigo Bertolotto, do portal *UOL*, que disse aos soldados brasileiros que “os jogadores não eram os únicos craques no Haiti”.

“Vocês também estão fazendo um gol de placa”, disse Lula. Nas palavras de Bertolotto, o presidente usou o exemplo dos jogadores pentacampeões mundiais para estimular os 1.200 homens que já estavam há dois meses no país caribenho. Segundo Lula, os jogadores são um modelo de “confiança e determinação” e os sonhos “não são inatingíveis”.

Longe de representar o todo, a tentativa com esses exemplos é mostrar a capacidade e legitimidade do futebol como elemento de alegria que, independentemente dos interesses políticos por trás de sua organização, tem seu papel de entretenimento garantido e fala uma língua universal.

Em um mundo regido por ações interessadas, toda a ação que envolva interesses políticos e financeiros traz consigo elementos questionadores sobre a transformação de aspectos da vida social, tão importantes às pessoas, em imagens exploradas largamente pelos interesses privados ou políticos, como veremos a seguir.

1.2. FUTEBOL E CONSUMO NA CONTEMPORANEIDADE

A questão do consumo enquanto fator determinante da representação do futebol nos meios de comunicação – ver tabela – é relevante, porém, de difícil medição. Afinal, o fato de uma pessoa acompanhar as partidas ou a sua repercussão na mídia, não significa, necessariamente, que ele irá consumir o produto oferecido pela publicidade embutida no espetáculo.

11/06 Abertura	15/06 Bra x Cor	25/06 Bra x Por	28/06 Bra x Chi	02/06 Bra x Hol
<i>JN – 69%</i>	<i>JN – 82%</i>	<i>JN – 67%</i>	<i>JN – 62%</i>	<i>JN – 78%</i>
<i>JR – 25%</i>	<i>JR – 51%</i>	<i>JR – 52%</i>	<i>JR – 50%</i>	<i>JR – 48%</i>

% do tempo total útil dos telejornais (Jornal Nacional e Jornal da Record) dedicados à cobertura do Mundial

Porém, se o tempo de exposição na mídia pode ser proporcionalmente comparado à intensidade de consumo, temos então uma pista a respeito da saturação do tema Copa do Mundo nos telejornais. De acordo com Gurgel (2004:2), “no mundo dos esportes, a atuação das mídias vai muito além da transmissão de eventos. Muitas vezes, as empresas jornalísticas também atuam como geradoras de conteúdo ou, por interesses econômicos, agregam valores aos espetáculos”.

Neste caso, a confusão entre torcer e consumir pode ser pensada dentro do que Barros Filho (1995:160) chama de “recepção midiática como consumo cultural”, ideia que surge justamente por conta das críticas à “cultura de massa” e a seus mecanismos de difusão. Segundo o autor, isto diz respeito à percepção “cada vez mais imediata de produtos da mídia, únicos capazes de difundir bens culturais em drágeas consumíveis pelo maior número de pessoas. Quanto mais imediata a percepção, mais fácil a reconstrução mental da mensagem e menor o número de referenciais cognitivos exigidos”.

O jornalista segue este raciocínio explicando ainda que este consumo cultural midiático marca socialmente o receptor, classificando-o em grupos de consumidores com maior ou menor capital cultural, (o que o diferencia de outros consumidores).

Para ele, “o fato de comentar sobre o produto midiático consumido, participa dessa estratégia de fazer-se ver, conhecer e reconhecer como consumidor deste ou daquele produto e, portanto, existir socialmente de uma forma ou de outra” (BARROS FILHO, 1995:161).

Nas palavras de Coelho (2003:18), justificativa para isso é que na sociedade capitalista de consumo as nossas identidades sociais podem ser entendidas como criações publicitárias que nascem das relações – mediadas pelas empresas – entre os consumidores e as mercadorias (simbólicas ou não). Para Coelho, fazem parte (imaginariamente) do mesmo grupo social aqueles que se identificam com os mesmos produtos.

Citando Debord, Coelho explica que, “na sociedade do espetáculo as relações sociais são mediadas por imagens. O consumidor se relaciona com outros consumidores através da identificação com as imagens associadas aos produtos que consomem”.

Isto não quer dizer que os meios de comunicação de massa são veículos superpoderosos atuando contra receptores indefesos que, ao verem TV, lançam-se irrefletidamente sobre os bens. Ao refutar aqueles que justificam a pobreza alheia, alegando que estes compram televisores e carros enquanto lhes falta moradia, Canclini (2006:59) questiona se os adeptos da comunicação de massa não se dão conta de que os noticiários mentem e as telenovelas distorcem a vida real. Com essa provocação é possível pensar na forma como a mídia, por vezes, representa o consumo excessivo como algo natural e necessário na intenção de despertar desejos oníricos em seus telespectadores.

Na representação do futebol enquanto produto da indústria cultural há sempre um forte vínculo entre torcer e consumir. Afinal, a cobertura do futebol nos meios de comunicação vai muito além das notícias esportivas. Somado ao jogo, há produtos e hábitos “sugeridos” pelo estilo de vida do “futebolista”, que é o cidadão que faz sucesso com as mulheres porque tem o carro *x*, bebe a cerveja *y* e é um autêntico brasileiro.

Coelho (2003:17) lembra que, “as peças publicitárias de cerveja remetem a um ambiente de descontração, de sensualidade, de alegria. A publicidade faz com que atributos humanos sejam vistos como propriedades inerentes às mercadorias”.

Sobre esse forte vínculo com a publicidade na cobertura do futebol, Guerra (2011:58) lembra que as transmissões das partidas decolaram ainda mais na direção do marketing quando os estádios ganharam placas comerciais e os jogadores começaram a fazer gestos para agradar a um patrocinador, como o dedo levantado de Romário em referência “à número 1” (cerveja).

Esse elemento citado por Guerra é facilmente verificado, não só nas transmissões das partidas, mas também na posterior cobertura jornalística do evento pelos telejornais (objeto desta pesquisa). Além dos patrocinadores ligados à Copa aparecerem em todas as chamadas, abertura e retorno de bloco dos telejornais, as entrevistas dadas pelos jogadores sempre são realizadas na frente de um *backdrop* – painel utilizado para ações de *merchandising* onde as logomarcas das empresas patrocinadoras ficam expostas de forma a ganhar visibilidade durante entrevistas e coletivas.

Parafraseando Coelho (2003:27), essa técnica pode ser entendida como uma forma da indústria cultural de incentivar o consumo, quer seja o consumo dos seus próprios produtos, quer seja o consumo dos demais produtos que ela divulga.

Exemplo dessa mercantilização foi dado pelo então técnico da seleção brasileira em entrevista coletiva durante a Copa do Mundo, quando o comandante, em frente a um painel com as marcas dos patrocinadores da seleção brasileira, tentou tranquilizar os telespectadores

dizendo: “o torcedor pode ter certeza que a gente está fazendo tudo o que for melhor para a seleção brasileira, que é a melhor mercadoria que o Brasil tem, que se expande pelo mundo todo, é a seleção (sic)” (DUNGA, *JR*:02/07/2010).

Além de mercadoria “tipo exportação”, o futebol, durante o Mundial, influencia consideravelmente o comércio e a economia do país. Em chamada do *JR*, a repórter Mylena Ciribelli afirmou que, “no país do futebol, quando a seleção entra em campo, muitos brasileiros ganham uma oportunidade de emprego. Bares e restaurantes reforçam as equipes para receber os torcedores” (*JR*:25/06/2010).

Na matéria que veio logo em seguida, a jornalista Ana Paula Gomes visitou um bar no dia do jogo entre Brasil e Portugal e constatou que, após o início da partida, era impossível achar um lugar vazio, pois o bar estava lotado. “Alegria para os torcedores e também para os comerciantes. Segundo o sindicato de bares e restaurantes do Rio de Janeiro, o movimento durante os jogos da Copa aumentou em até 50%” (*JR*:25/06/2010).

Até no dia da eliminação da seleção brasileira o âncora do *Jornal da Record*, Celso Freitas, lembrou que, “o Brasil se despediu da Copa, mas a farra nos dias dos jogos foi a garantia de vitória – pelo menos para os donos de supermercados” (*JR*:02/06/2010). Na matéria que veio em seguida, o repórter Ogg Ibrahim ilustrou a afirmativa com uma matéria que relacionou o jeito do torcedor comemorar, com muita carne e cerveja entre amigos, ao aumento dos lucros do comércio, que foi de cerca de 15%.

A representação desses elementos na mídia ganha força na agenda de consumo nacional. Segundo Martino (2005:43), quanto maior o tempo de exposição de algo à mídia, maior sua influência na definição do consumo. “Não apenas o consumo simbólico, mas também a posse material de bens de consumo é carregada de simbolismos e serve como mediação das relações sociais. O dado pode ser empiricamente comprovado pela visibilidade social dos produtos divulgados na televisão”, completa Martino.

Em artigo sobre a dimensão da Copa do Mundo na mídia brasileira, o publicitário Edson Gastaldo verificou que, no Mundial de 1998, por exemplo, no dia em que jogaram Brasil e Holanda, dos 41min30s de matérias do *Jornal Nacional*, 39min (94%) foram dedicados à Copa. No texto, Gastaldo justifica o fenômeno como consequência do imediatismo do jornalismo, que pauta seus programas instantaneamente de acordo com os acontecimentos, ao contrário do meio publicitário, que precisa de tempo para desenvolver suas peças e, a princípio, não tem garantias de ‘até onde a seleção chegará na Copa’ (GASTALDO, 2009:365-6).

Uma das possibilidades é ver essa grande cobertura, no caso de uma emissora que detém os direitos de transmissão do evento, como forma de aumentar a visibilidade de seus anunciantes, e, conseqüentemente, o valor dos espaços publicitários, tanto nos telejornais como durante as partidas. Para Lovisolo (2001:85), atualmente, “o útil para o futebol espetáculo é o que gera lucros e, para isso, é necessário ter estádios cheios e telespectadores, assim os espaços publicitários se vendem a melhor preço”. Para isso, nada melhor que usar sua própria programação para autopromover o evento.

Dentro dessa necessidade comercial de se vincular os patrocinadores ao futebol e transmitir essas imagens para o maior número de pessoas possível, os telejornais surgem como bons veículos para despertar interesse e expectativa nos telespectadores. Atualizando os dados de cobertura da pesquisa de Gastaldo, no Mundial da África do Sul, nas edições do *Jornal Nacional* e do *Jornal da Record*, foi possível notar como a Rede Globo, que transmitiu os jogos, dedicou mais tempo aos jogos do que a Rede Record, que não detinha os direitos de transmissão.

Apesar de a cobertura não ter atingido os 94% de 1998, ocupou tempo considerável nas duas emissoras. Segundo Debord (1997:17), “a atitude que por princípio ele [espetáculo] exige é o da aceitação passiva, que de fato ele já obteve por seu modo de aparecer sem réplica, por seu monopólio da aparência”. Levando em consideração as grandes audiências desses dois telejornais e o fato de, em certo momento um único tema ocupar 82% da “realidade” dos fatos ocorridos no país, é pertinente questionar até que ponto essa cobertura lida com outros elementos além do esporte e do comércio, e quais as possíveis conseqüências disso para a própria força do futebol dentro do campo, como veremos agora.

1.3. A INDUSTRIALIZAÇÃO DA BOLA

No dia 17 de julho de 2011, após a seleção brasileira de futebol empatar sem gols com o Paraguai e ser eliminada da Copa América, com direito a desperdiçar quatro cobranças de pênaltis seguidas, o comentarista da Rede Globo, Walter Casagrande, afirmou que os jogadores brasileiros estavam muito preocupados em aparecer na mídia e trabalhar suas imagens e que talvez por isso estivessem deixando a bola de lado. Um dia antes, a Argentina, considerada favorita por jogar em casa, também foi eliminada precocemente da competição após derrota nos pênaltis para o Uruguai. Conclusão: Brasil e Argentina, os dois times mais badalados do torneio, ambos eliminados nas quartas de final.

Na Copa do Mundo 2010, coincidentemente, as duas seleções também foram eliminadas da competição na fase de quartas de final, apesar de contarem com alguns dos melhores jogadores do mundo em seus elencos, como Messi e Kaká.

Em comum, Brasil e Argentina possuem, além de suas localizações geográficas, seleções altamente globalizadas, com a maioria de seus atletas espalhados por alguns dos melhores times do Mundo. Com isso, os jogadores se acostumam com escolas e culturas diferentes do seu país de origem. Para Martino (2010:108), a dimensão paradoxal disto, é que, “a seleção brasileira [por exemplo] representa a nação, mas seu vínculo contratual é com a Nike; parcela considerável dos jogadores convocados, incluindo os principais craques, atua fora do Brasil”.

Em contrapartida, na seleção espanhola campeã do mundo em 2010, os onze jogadores que derrotaram a Holanda na final atuavam em times espanhóis (7 no Barcelona, 3 no Real Madri e 1 no Villarreal). Também a Itália, campeã do mundial de 2006, empregava em seu país todos os titulares que jogaram a final contra a França. Acima de considerar isso uma coincidência, é válido perceber como a manutenção do estilo de jogo nacional, além do entrosamento facilitado, faz a diferença.

Atualmente, a Espanha, no entanto, é uma rara exceção a essa lógica de exportação de jogadores. Isso porque tamanho é o sucesso mercantil dos dois principais clubes do país (Real Madri e Barcelona), que conseguem segurar seus jogadores com salários acima da média de mercado e ainda importar grandes jogadores estrangeiros.

Já para os países que não conseguem alimentar tais valores, os efeitos da industrialização do futebol se tornam mais prejudiciais e evidentes. É como se algumas seleções não tivessem mais uma identidade nacional, pois seus jogadores estão espalhados por diferentes países por conta de contratos milionários. Nos dias de hoje, é muito difícil, se não impossível, assistir a uma partida de futebol que reúna um elemento lúdico e artístico como na época de Pelé e Garrincha.

Bom exemplo foi a partida entre Santos e Flamengo, disputada no dia 27 de julho de 2011 pelo campeonato brasileiro e comentada durante dias como algo “espetacular” e “fora do comum” devido às atuações de Ronaldinho Gaúcho e Neymar. Após o jogo, vários programas esportivos começaram a repercutir o belo futebol e questionar a falta de dribles nos outros jogos – na Copa América 2011, por exemplo, isso quase não existiu.

A industrialização da bola ajudou, enfim, a transformar o futebol em um meio eficiente de se conseguir atenção e consumo mesmo com o ‘esvaziamento’ de conteúdos lúdicos básicos a este esporte como os dribles e o amor a camisa.

Para Helal (1997:38), “a transformação do futebol em um ‘espetáculo’ das multidões é responsável pelo declínio do elemento lúdico e [...] a erosão deste é acompanhada e até mesmo causada pelo advento da comercialização do esporte, transformando-o em um negócio”.

Ou seja, se no início do século XX os frankfurtianos pensaram o termo “indústria cultural” baseados na produção e comercialização em massa de obras de arte, música erudita e cinema (ADORNO & HORKHEIMER, 1985), atualmente o esporte e, em especial no Brasil, o futebol, também compartilha desta lógica. Sobre isso, Helal (1997:36) afirma que o esporte moderno é, sem dúvida, um dos produtos da indústria cultural. Para Girardi Jr (2007:51), a lógica da indústria cultural consiste em tornar a mercantilização o sentido de sua existência, passando a visar à administração de todos os momentos de sua produção, circulação e consumo, colocando em movimento certas forças que procuram retirar da arte tudo o que lhe restaria de autonomia.

Sem a intenção de colocar Debord entre os frankfurtianos, Coelho (2006:13-4), afirma que, para compreender o conceito de espetáculo, é preciso levar em consideração os vínculos de Debord com a teoria crítica da sociedade capitalista. A diferença entre os dois conceitos, segundo Coelho, é que a teoria crítica é um conceito histórico, que não pretendeu dar conta da realidade de todas as sociedades, mas sim entender realidades determinadas historicamente, enquanto que o conceito de sociedade do espetáculo tenta compreender as características de uma fase específica da sociedade capitalista em que ainda estamos inseridos.

Neste sentido, é possível uma apropriação do texto de Walter Benjamin sobre a obra de arte e as novas técnicas de reprodução. Se por um lado, um evento esportivo está longe de representar o conceito clássico de arte definido por Benjamin, por outro, as condições de produção e os meios de reprodução explicados pelo filósofo para contextualizar aquele momento onde a cultura e a política estavam mudando, seguem a mesma lógica que proporcionou a popularização e mercantilização do futebol enquanto espetáculo.

Afinal, assim como para ver um quadro, escultura ou assistir a uma ópera era necessário o deslocamento do espectador até o museu ou teatro em questão, a única forma de ver um jogo de futebol era ir até o estádio onde a partida seria realizada. Para Lovisolo (2001:77), os jornais e os jornalistas foram e são fundamentais para a existência e sucesso do esporte moderno. Segundo o autor, “jornais, rádio, noticiários para cinemas, televisão e o próprio cinema, com rosários de filmes que focalizam os esportes, os esportistas e os torcedores, foram parceiros dos esportes ao longo dos últimos cem anos”.

Com o apoio dos jornalistas e ampla repercussão dada pelos meios de comunicação, conforme vimos neste capítulo, a representação do futebol, dentro da sociedade do espetáculo, não possui uma dimensão única. Pode ser vista como diplomacia, elemento de legitimação política, comércio e entretenimento.

No próximo capítulo, após essa primeira contextualização, a pesquisa parte para as narrativas produzidas pelos telejornais na Copa de 2010. O ser humano precisa de respostas e significação, e isso, por si só, responderia à adesão popular no acompanhamento do esporte.

As narrativas do esporte, além de assumirem diversas dimensões de acordo com o momento político do país, contam histórias e organizam o mundo sem sentido no qual vivemos.

CAPÍTULO 2

O “SER BRASILEIRO” PELAS NARRATIVAS MIDIÁTICAS DO FUTEBOL

No capítulo anterior, baseado no conceito de sociedade do espetáculo, falamos que as relações sociais na contemporaneidade são, na verdade, relações mediadas por imagens. Nesse sentido, a forma pela qual conhecemos o mundo, as coisas e as pessoas, passam pelo filtro das produções narrativas pelas quais recebemos tais conhecimentos.

Logo, se podemos afirmar que as narrativas são formas de conhecimento, em seu trato com a lógica de mercado a qual a produção das narrativas dos telejornais escolhidos por essa pesquisa estão sujeitas, é preciso pensar o comprometimento desse conhecimento com interesses que atendam às demandas de mercado.

Seguindo com o intuito desta dissertação, de analisar o conteúdo da cobertura do futebol no telejornalismo, é importante dizer que as representações a que se pretende analisar aqui, nada mais são do que narrativas produzidas pelos telejornais em questão, que contaram para os telespectadores o que estava acontecendo no país e no mundo por conta da realização do maior evento esportivo do planeta: a Copa do Mundo de futebol.

Portanto, antes de falar sobre a lógica de mercado, a qual a produção jornalística está submetida (capítulo 3), e realizar a análise das narrativas do futebol (capítulo 4), segue uma contextualização sobre a importância desses textos na organização do mundo.

Narrativas são histórias que compreendem realidade, ficção e reconstrução. Não existem apenas fatos reais e imaginados. Existem, acima disso, fatos contados, que significam acontecimentos sem sentido e organizam o caos em que vivemos.

2.1 – NARRATIVAS: A ESCRITA DE UMA REALIDADE POSSÍVEL

Enquanto forma de conhecimento em um mundo dominado pela razão, as narrativas produzidas pelo ser humano trazem em si conhecimentos possíveis e valiosos sobre a vida. Produzem significados, geram respostas, conforto e se opõem à frieza do cientificismo. Em meio à falta de sentidos e comportamentos humanos sem explicações, as narrativas permitem ao homem criar mundos, construir possibilidades e ser o que bem entender.

Por meio da arte em suas mais diversas expressões possíveis, o ser humano, com sua capacidade evolutiva de contar histórias que já vem desde os homens das cavernas, constrói uma existência simbólica, além da real. Registra o que foi e o que pretende ser.

Há milênios, narrativas ficcionais ou não, tentam significar à raça humana a razão de sua existência e do sentido de ser ou fazer coisas de determinadas maneiras. Com possibilidades infinitas e respostas nem sempre concretas sobre o motivo de estarmos aqui ou a justificativa de atos de violência incompreensíveis, como guerras e assassinatos cruéis, as narrativas procuram organizar e significar o mundo em que vivemos.

Sobre isso, Edvaldo Pereira Lima (2009:357) explica que a arte de contar histórias existe desde que a sociedade se organizou socialmente. Para o autor, o conhecimento sobre o mundo, “assim como as narrativas ficcionais que aludem à realidade, são conteúdos de formas de expressão que se multiplicam e se diversificam na linha do tempo da civilização humana em todas as culturas”.

Para cumprir esse objetivo, Lima explica que uma boa narrativa do real precisa ter personagens humanos tratados com o devido cuidado e com uma lucidez que não permita ‘endeusarmos’ tais personagens. Isso porque o real objetivo das narrativas é descobrir nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. Para isso, “precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano” (LIMA, 2009:359).

Para Medina (2003), uma definição simples sobre a narrativa é entendê-la como uma das respostas humanas diante do caos, o que também pode ser entendido como acreditar em algo ou se sentir parte de algo, conquistar um sentimento de pertencimento, seja por ideais religiosos, artísticos, sociais ou patrióticos. Em sua “arte de tecer o presente”, a jornalista usa exemplos de reportagens produzidas por ela para contextualizar o caminho construtivo das narrativas. Ao chamar a prática narrativa de “a arte de tecer o presente”, a autora afirma que a narrativa não é algo dado: é tecido.

A produção narrativa se constrói a partir de linhas diversas que vêm de lados opostos e se encontram ou são reunidas em um mesmo tecido organizado por um autor responsável por dar sentido a uma teia de relações que acrescentam sentido à vida e se constituem como uma das respostas humanas diante do caos.

Para Medina, (2003:48), ao narrar o mundo, a inteligência humana produz sentidos e organiza o caos em um cosmos. “O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se

afirma perante a desorganização e as inviabilidades da vida. Mais do que talento de alguns, poder narrar é uma necessidade vital”, completa Medina.

Ao questionar se o relato implicado na notícia jornalística constitui uma narrativa, Sodré (2009), explica que, nos termos tradicionais do jornalismo, quando a imprensa não produzia fatos sociais, não. Porém, com o modelo de produção de notícias baseado em grandes organizações de mídia, a abordagem e o relato sobre determinado acontecimento passou a independe do relato factual do ocorrido, o que aproximou essa produção midiática da narrativa.

Sodré entende a narrativa como uma função que cria aquilo que se narra, assim como quando se escreve uma obra de ficção ou se faz um filme. Nesse caso, um incidente ou episódio não tem de preexistir ao ato de narrar, “o que se pensa, predomina sobre o que ocorre”, argumenta o autor.

Atenta ao fato de que as narrativas são produzidas por jornalistas embutidos em um processo produtivo baseado nas leis de mercado, que exigem processos produtivos rápidos e burocráticos, Medina (2003:48) reconhece haver uma insatisfação latente nos profissionais mais sensíveis diante das rotinas técnicas que comandam a produção de significados nas empresas, instituições e grupos organizados das sociedades contemporâneas. Porém, para cumprir sua função organizadora e consoladora, necessárias devido aos impasses, impotências e os paradoxos do caos, as narrativas, para serem capazes de produzir um encaminhamento dinâmico, precisam ser baseadas no diálogo. Para a autora, é a dialogia que dá forma a atos emancipatórios.

Falando de lugares e tempos diferentes, mas em total diálogo, Flusser (2007:89-90), em artigo contido no livro “O mundo codificado”, assumindo o caráter artificial da comunicação humana mesmo em suas relações mais naturais como a mãe com o lactante ou as relações sexuais, que seriam amplamente influenciadas por artifícios e pela cultura, mostra a comunicação dialógica como fator essencial para a sobrevivência humana diante da infalibilidade da vida.

Segundo o autor, do ponto de vista existencial, o objetivo da comunicação humana é fazer-nos esquecer do contexto insignificante em que vivemos completamente sozinhos. Para o filósofo, a intenção da comunicação humana é ainda nos distrair da brutal falta de sentido de uma vida condenada à morte.

Neste sentido, um exemplo desse poder “anestésico” foi verificado na narrativa da jornalista Beatriz Castro no *Jornal Nacional*. Na cobertura das fortes enchentes que assolaram o nordeste brasileiro durante o Mundial, a matéria mostrou uma pequena cidade no interior de

Alagoas chamada Murici, onde, apesar do desespero de ter perdido pessoas e bens materiais, acompanhar o jogo da seleção representou um alívio no sofrimento dessas pessoas. De acordo com a reportagem, “a maior paixão dos brasileiros aliviou as preocupações enquanto a bola rolou”.

É claro que nem todos os moradores participaram dessa ‘função terapêutica momentânea’ representada pela transmissão do futebol na televisão. Outros moradores, em prantos, lamentavam as perdas e choravam as vítimas.

Todavia, o clima dos telejornais era de alegria por conta da realização da Copa do Mundo. Noticiar uma tragédia era como entrar no meio de uma festa onde as pessoas estão comemorando e contar algo capaz de lembrar às pessoas a fragilidade das comemorações perante a crueldade dos acontecimentos do mundo. Para muitas pessoas, tomar ciência desse tipo de situação poderia trazer desconforto no ‘continuar celebrando’ a Copa e ignorar o sofrimento alheio. Porém, se até quem está vivendo na pele o problema ainda assim consegue celebrar a Copa, fica mais fácil manter o entusiasmo pelo evento e colocar todos no mesmo colo.

Nesse caso o *Jornal Nacional*, além de representar que nem mesmo quem estava na cidade atingida pelas enchentes deixou de acompanhar o Mundial, ainda realizou uma campanha que vinculou o evento à solidariedade: a Copa solidária. Por meio desta campanha, o torcedor não precisava se sentir culpado por celebrar o Mundial mesmo sabendo do sofrimento dos atingidos pela enchente, que também estavam sendo consolados pela transmissão do futebol. Pelo contrário. Foi oferecido aos torcedores pela Rede Globo, acompanhar os jogos em locais públicos, celebrar a festa e ainda contribuir com doações para os desabrigados em postos de arrecadação espalhados por pontos de transmissão das partidas realizadas pela emissora em várias cidades brasileiras.

Mais uma forma de consolar, ser consolado e pertencer ao evento e a ajuda humanitária. Contar essas histórias ajuda a significar o povo brasileiro e a organizar – pelo menos para quem está distante – o caos gerado pelas enchentes no Nordeste. É o poder das narrativas, que organiza o caos e ainda constrói identidades, como veremos agora.

2.2. NARRATIVA ESPETACULAR E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Ao organizar o cosmos e consolar os participantes das narrativas, esses textos representam hábitos, identidades e adjetivam nações. Em matéria publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, do dia 26 de julho de 2011, o britânico Simon Anholt, que presta

consultoria a governos de todo o mundo e foi o criador do ranking que desde 2005 lista os países pelo peso com que sua marca é percebida pelos mercados, afirmou que a “marca Brasil” está muito forte internacionalmente no momento, mas que pode acabar caindo caso decepcione na realização da Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016.

Segundo o consultor, que se diz apaixonado pelo Brasil, para que o país se torne uma potência econômica e política Mundial, “o mundo precisa aprender que ele não é só atraente, simpático e carinhoso”.

Essa definição de Brasil, visto como o país do futebol, do samba e do “povo mais feliz do mundo” (nas palavras de um comercial de sandálias que tinha como protagonista um casal de franceses), passa, antes da aprovação de cada cidadão, pela construção de uma comunidade imaginada. Seja por meio dos anúncios publicitários, jornais ou narrativas ficcionais, o poder de representar a identidade nacional na contemporaneidade depende da capacidade de cada meio de comunicação em afirmar as qualidades imaginadas da nação, seja pela aprovação de costumes ou pela reprovação daquilo que não devemos ser.

Para Benedict Anderson (2008), a formação destas comunidades imaginadas a qual pertencemos (ou pensamos pertencer), dependeu intensamente do surgimento de um “capitalismo tipográfico”, que possibilitou o acesso ao conhecimento das narrativas e feitos da nação pelos seus habitantes.

Na contemporaneidade e dentro do contexto da sociedade do espetáculo, as identidades em jogo nas representações dos meios de comunicação perdem a subjetividade, são coletivas e voltadas para o pertencimento a determinado grupo. São formadas e distribuídas por meio de imagens e reforçam ou sugerem modos de ser e de consumir.

Para Kellner (2001:297), nas sociedades de consumo e de domínio da mídia, a identidade está cada vez mais vinculada ao modo de ser, à produção de uma imagem e à aparência pessoal. Paradoxalmente, é como se cada um tivesse um jeito e imagem particular, mas que na verdade nascem de uma cultura de consumo. Para o autor, “na sociedade de consumo atual, a criação da individualidade passa por grande mediação”.

Adorno e Horkheimer (1985), em sua “Dialética do esclarecimento”, já atentavam para o fato de que na sociedade moderna os produtos são cada vez mais parecidos e ao mesmo tempo capazes de seduzir um número cada vez maior de pessoas ao redor de novidades que não passam de acessórios que pouco fazem diferença na utilidade final dos produtos, mas sim no status de possuir determinado item.

Pensando nas marcas comerciais fortes na contemporaneidade, grupo onde podemos incluir a marca “seleção brasileira”, Klein (2002:44), lembra que Scott Bedbury, vice-

presidente de marketing da *Starbucks*, “reconhece abertamente que ‘os consumidores não acreditam realmente que exista uma grande diferença entre os produtos’, e é por isso que as marcas devem ‘estabelecer laços emocionais’ com seus consumidores através da ‘experiência *Starbucks*’”.

Ou seja, na contemporaneidade, a identidade ganha um vínculo muito forte com o pertencimento a grupos de consumo onde, segundo Klein (2002:45), de acordo com o novo modelo, o produto em si é sempre secundário ao verdadeiro produto, que é a marca, e a venda de uma marca, adquire um componente adicional que só pode ser descrito como espiritual. Dentro dessa lógica, “o jornalismo, como qualquer outro segmento de nossa cultura, está sob constante e crescente pressão para se fundir com as marcas (KLEIN, 2002:64)”.

Ainda versando sobre o fim das identidades subjetivas e a importância para os grupos comerciais da formação de identidades coletivas para consumo, com forte vínculo com o conceito de Debord, para Klein (2003:184), a reação à privatização dos aspectos da vida é o fio que liga muitas campanhas. E esse “fio comum”, reage não apenas à privatização de nossas ideias mais poderosas, transformadas em suportes de marca, como também às ruas públicas, que se transformam em *shopping centers* privados, escolas que são invadidas por anúncios e cidadãos que são remarcados como consumidores com poderes que nada mais são do que uma coleção dos seus hábitos de compra.

Para a autora, “as necessidades humanas básicas, como assistência médica, são tratadas como se fossem mercadoria, e somos simples clientes; necessidades básicas como água passam a ser tratadas como mercadorias comercializáveis” (KLEIN: 2003:184).

No Brasil, devido a todo o interesse popular pelo futebol já citado anteriormente nesta dissertação, o futebol é um dos produtos que melhor assume a tarefa de formar grupos de pertencimento ao redor de um estilo de vida, que segundo as representações feitas do esporte nos comerciais e narrativas jornalísticas, têm tudo a ver com o verdadeiro brasileiro.

Os que consomem bebidas alcoólicas são classificados como guerreiros, porque além de brasileiros, tomam a cerveja *Brahma*, que é a cerveja dos guerreiros brasileiros, que nos comerciais ganham poderes sobre-humanos para enfrentarem os adversários. Já os que preferem refrigerante, são pessoas alegres e contagiantes, assim como o guaraná *Antártica*, que além de patrocinar a seleção brasileira, tem uma “energia que contagia”, característica creditada ao povo brasileiro. Não por acaso as duas marcas citadas anteriormente pertencem ao mesmo grupo comercial, a Ambev.

Porém, pode ser curioso o fato de tamanha importância e privilégio ser dado apenas ao futebol (e masculino) em um país com grande potencial para outros esportes coletivos. Sobre isso, vale uma citação do antropólogo Roberto DaMatta (2003:33-4):

Por que se privilegia tanto o futebol? [...] O futebol é coletivo, é jogado com os pés (o que permite um alto grau de imprecisão), funda-se na continuidade e é jogado em um ritmo crescente, destinado à explosão agônica do êxito ou do fracasso e da perda da oportunidade. Tudo isso ajuda a compreender por que o futebol tem sido – pelo menos no caso do Brasil – um dos instrumentos dos mais efetivos na difícil mediação entre sociedade e país, povo e governo, regras impessoais válidas para todos os cidadãos e teias de relações pessoais que distinguem as pessoas umas das outras numa complexa hierarquia.

Para DaMatta, no país do “você sabe com quem está falando”, da “malandragem” e do “jeitinho brasileiro”, termos que ficaram famosos nas obras do antropólogo que tentou explicar várias características dos brasileiros nas décadas de 1970 e 1980, o futebol é uma das atividades, ao lado do carnaval, que melhor explica o comportamento nacional.

Vale ressaltar que o autor fala de uma época onde o Brasil era apenas o país do futuro, e não do presente. As oportunidades, que hoje aumentaram, eram escassas, e o futebol, “elemento aglutinador da nação”, era uma das únicas possibilidades de ascensão social para os jovens.

Além disso, como o autor explica, “jogado com os pés e com um alto grau de imprecisão”, o futebol, diferente de outros esportes coletivos como o basquete e o vôlei, que exigem algumas características físicas específicas dos seus praticantes, como estatura elevada, por exemplo, pode ser praticado por qualquer pessoa. Para jogar futebol, não é preciso ter 1,90m de altura nem capacidade para levantar peso. Todos podem jogar. Outro fator seriam as regras do jogo, que diferente do que acontecia no trato social no contexto de uma ditadura militar, eram iguais para todos, ou seja, dentro de campo, as pessoas não sofriam distinção ou eram enquadradas em uma hierarquia complexa.

Já na representação de identidades, no futebol temos a possibilidade de identificação cultural pelo outro representado, ou seja, pela distinção entre o que somos ou não de acordo com as identidades apresentadas. Sobre isso, Bhabha (2003:209) explica que, na significação do povo, o modelo “performativo intervém na soberania da autogeração da nação ao lançar uma sombra entre o povo como imagem e sua significação como um signo diferenciador do Eu, distinto do Outro ou do Exterior”.

Bom exemplo disso foi dado pelo repórter Tadeu Schmidt, da Rede Globo, que traçou diversas qualidades negativas, (indesejadas ao verdadeiro brasileiro), ao narrar, de forma épica, lances decisivos do jogador Felipe Melo na derrota para a Holanda. Com trilha sonora

digna de filme de ficção científica onde a destruição do planeta é iminente, o repórter narrou o descontrole do meio campo brasileiro e falou sobre os defeitos indesejados a um verdadeiro brasileiro.

Se por um lado, na vitória, características positivas como: “garra”, “caráter”, “criatividade”, “habilidade” e “organização” são atribuídas aos brasileiros (MARTINO, 2010:118), na derrota, o negativo também é representado e, no lugar da “organização”, entra o “nervosismo”. A garra cede lugar ao “desistiu” e até o “amaldiçoado” entra no jogo para justificar o insucesso. No *JR*, o apresentador Celso Freitas também exemplificou essa inversão de qualidades e, sobre a derrota, afirmou que, “do nosso lado vieram as falhas e o descontrole. No adversário, acertos, raça e gols” (*JR*:02/07/2010).

A inversão dessas qualidades durante a partida representada pelo descontrole do jogador Felipe Melo, para Huizinga (2010), pode ser significada pela tensão do jogo. Na busca pelo alívio físico e emocional, ganhar significa acabar logo com essa tensão. Segundo o autor, esse elemento de tensão e busca da solução pela vitória, toma conta dos participantes das competições esportivas que, para manter a lealdade, deveriam atentar-se às regras da partida.

Para ele, embora o jogo enquanto tal esteja para além do domínio do bem e do mal, “o elemento de tensão lhe confere um certo valor ético, na medida em que são postas à prova as qualidades do jogador: sua força e tenacidade, sua habilidade e coragem e, igualmente, suas capacidades espirituais, sua lealdade”.

Na narrativa do descontrole do jogador Felipe Melo, vemos que a tensão, no brasileiro falou mais forte e transbordou o limite do aceitável. Essa oposição de valores e qualidades, como a nossa contra a deles, a boa contra a ruim, por exemplo, é uma das principais formas de se representar as identidades e classificar as diferenças. No entendimento de Woodward (2009:39-40), as identidades são produzidas na marcação da diferença, quer por meio dos sistemas simbólicos de representação, quer pelas formas de exclusão social.

Portanto, a identidade não seria o oposto da diferença, mas sim dependente dela. A autora explica que, nas relações sociais, formas de diferença (simbólicas e sociais) são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios, que por sua vez aplicam princípios de diferenças a uma população capaz de dividi-la em ao menos dois grupos opostos – nós/eles; eu/outro.

Na concepção de Silva (2009:77), no Brasil, a definição da identidade nacional passa pela criação de variados e complexos atos linguísticos que a definem como sendo diferente de outras identidades nacionais. Adiante, o autor afirma ainda que essa identidade só tem sentido

quando submetida a cadeias de significados formadas por outras identidades nacionais, que tampouco são fixas, naturais ou predeterminadas (2009:80).

No caso da Copa do Mundo 2010, a narrativa do pré-jogo entre Brasil e Portugal veiculada pelo *Jornal da Record*, serve para ilustrar essa construção da identidade pela marcação de semelhanças e diferenças. Na matéria, a repórter Adriana Bittar, diz que Brasil e Portugal são “dois povos que se identificam”.

Nas palavras da jornalista, o “Brasil já foi colônia de Portugal, mas o encontro entre as duas seleções foi festejado hoje em Durban”. Para reforçar ainda mais esse vínculo, após imagens das duas torcidas se provocando mutuamente, Bittar afirma que, “dentro de campo, claro que todos querem levar a melhor, mas, aqui fora do estádio o que agente vê é uma grande festa, uma confraternização entre dois povos diferentes, mas que têm muito em comum [...] brasileiros e portugueses nem parecem adversários”.

Apesar das conhecidas piadas brasileiras que zombam os portugueses, a torcida de Portugal, quando questionada pela repórter alega que “são amigos, povos irmãos”, ao que os brasileiros retribuem dançando o “roda-vira” e provocando que “o time da Maria tem um belo de um bigode, mas não ganha de ninguém”.

Ao fim da reportagem, Bittar confessa que, apesar da animação de todos, são os brasileiros que “se tiverem oportunidade [...] roubam a cena” e finaliza, “hoje o verde e amarelo se misturou ao verde e vermelho. Nem mesmo na época do Brasil colônia as duas nações estiveram tão próximas” (*JR:25/06/2010*).

Apesar das proximidades entre essas nações, essa narrativa serviu para mostrar algumas diferenças comportamentais entre os dois povos. Enquanto os portugueses provocavam acanhados prevendo apenas uma vitória de Portugal, os brasileiros estavam mais preocupados em aparecer na televisão e festejavam de forma bem extrovertida e com um pouco menos de “inocência”. Típico caso do reconhecimento de uma identidade em oposição à outra, marcada pelas diferenças comportamentais entre os torcedores brasileiros, mais entusiasmados e com uma “energia contagiante”, e os portugueses, que provavelmente não bebem guaraná *Antártica*.

No livro “Consumidores e Cidadãos”, Canclini (2006:129) afirma que “a identidade é uma construção que se narra”. A partir de acontecimentos fundadores, enfrentamentos históricos ou façanhas de habitantes locais, durante muito tempo os livros escolares, museus, rituais cívicos e até discursos políticos, foram os responsáveis pela formação das identidades nacionais. Porém, apenas com o surgimento dos meios de comunicação de massa, como o rádio, o cinema e a televisão, foi possível aproximar grupos geograficamente distantes dentro

das mesmas narrativas que anteriormente uniam apenas nichos da população. Foi a partir daí que as identidades nacionais começaram a se transformar, graças às novas técnicas de reprodução que possibilitaram uma comunicação de maior alcance.

Sobre isso, Martín-Barbero (2008:234) afirma ainda que, “o cinema, em alguns países, e o rádio em quase todos, proporcionaram aos moradores das regiões e províncias mais diversas, uma primeira vivência cotidiana da nação”. Como exemplo, o autor cita um trabalho sobre a história do rádio na Colômbia que narra a difícil unidade entre os diversos países existentes dentro daquele país e sua possível “unificação” cultural com o advento da radiodifusão após a década de 1940.

Desde então, outros meios de comunicação de massa surgiram, e a relação entre comunicação e identidade se faz cada dia mais intensa. De acordo com Canclini (2006:136), para se pensar a construção das identidades na contemporaneidade, é preciso levar em conta “a diversidade de repertórios artísticos e de meios de comunicação que contribuem para a reelaboração das identidades [...] por isso a necessidade de se fazer um trabalho transdisciplinar em que intervenham especialistas em comunicação”.

De forma análoga, Martino (2010:16) afirma que, outro motivo para se vincular identidade e comunicação, é que, “em uma sociedade articulada com a mídia [como a de hoje], a construção da identidade passa pela relação entre as pessoas e os meios de comunicação em diversos graus de articulação entre eles”.

Ao entender a cultura nacional como um discurso que se narra, Hall (2004:50-1) a significa como um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. Para o autor, as culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Essas identidades nacionais, porém, não são coisas com as quais nascemos, são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa (HALL, 2004:48-49).

Na mesma direção, Woodward (2009:17) explica que, a representação inclui “as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos”.

No desenvolvimento deste “conjunto de significados”, pensados e apreendidos por meio das representações, as narrativas feitas pela mídia, como textos culturais responsáveis pela divulgação dessas representações, são fundamentais para “escrever a nação”.

Portanto, aqueles que detêm os meios para produzir e veicular tais narrativas possuem também o grande poder de atuar na definição (ou ao menos sugestão) de características culturais e sociais que, na ponta, podem refletir em uma maior intensidade no consumo de bens (materiais ou simbólicos) e até posturas políticas (ou a falta dela).

Na concepção de Silva (2009), na formação da identidade pela representação da diferença há uma relação de poder sujeita a vetores de força. Isso porque as identidades não são simplesmente definidas, mas sim impostas e disputadas. Por isso, deter o poder de representar, significa também ter o poder de definir e determinar a identidade, o que eleva os meios de comunicação à condição de principal ator nas relações mais amplas de poder.

No Brasil, a relação de amor gerada pelo futebol em parcela considerável de sua população, possibilita a transformação deste esporte em um produto valioso dessa definição e atua como ator constante nas narrativas jornalísticas e ficcionais com um alto grau de identificação nacional. Para Toledo (2000:8), se o futebol hoje é percebido e vivido como um relevante índice de identificação de grupos sociais distintos, em especial em época de Copa do Mundo, “isso foi resultado da apropriação inventiva, negociada, confrontada e conquistada pelos diversos agentes mobilizados em torno de sua prática ritual e cotidiana”.

Na produção das narrativas do futebol, os telejornais lidam invariavelmente com representações, e acabam por criar ou reforçar estereótipos a respeito de determinados grupos. A forma que nós, enquanto sujeitos, lidamos com o outro, depende relevantemente da maneira como o vemos, e isso passa invariavelmente pela percepção que recebemos do outro. Nesse ponto, vale pensar sobre a importância dos estereótipos na percepção que temos do diferente.

Na nossa relação com o mundo, na maioria das vezes, primeiro definimos as pessoas para depois vê-las e pensá-las enquanto interlocutores. Para Lippmann (1996:151), “na grande confusão florida e *zunzunante* do mundo exterior, colhemos o que nossa cultura já definiu para nós e tendemos a perceber o que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura”. A consequência disso pode ser a recusa do reconhecimento de um outro enquanto interlocutor digno de atenção devido à imagem pré-montada que fazemos deste ‘outro’ em nossas mentes. Novamente Lippmann (1996:153),

Se não podemos compreender plenamente os atos de outras pessoas enquanto não sabemos o que elas acham que sabem, precisamos, para ser justos, apreciar não só as informações de que elas dispuseram mas também as mentes através das quais as filtraram. Pois os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas, interceptam a informação no trajeto rumo à consciência.

O problema dessa disseminação de estereótipos, conforme alertam Sigelman e Tuch (1997:87-9), é a capacidade que estes têm de contribuir no desenvolvimento de ideologias que justifiquem comportamentos preconceituosos.

Nas narrativas feitas a partir da cobertura da Copa do Mundo, o terreno para representar características do brasileiro de forma estereotipada, é fértil. Seja a partir da imagem pura e simples do brasileiro, ou deste em oposição ao outro, a formação daquilo que a “comunidade imaginada” Brasil acredita ser têm seu espaço nas manifestações populares, nos símbolos nacionais e no patriotismo ocasional que domina as ruas brasileiras a cada quatro anos e reforça o sentimento de pertencimento gerado pelas narrativas e representações produzidas durante a cobertura do Mundial, como veremos agora.

2.3. NARRATIVA ESPETACULAR: PATRIOTISMO E PERTENCIMENTO

A Copa do Mundo de futebol é, sem dúvida, um momento privilegiado para o exercício do patriotismo, da paixão pela nação e do uso de símbolos nacionais, como bandeiras, roupas e de todo tipo de apetrecho possível em verde e amarelo. Tudo isso, claro, sempre motivado por uma grande adesão popular que faz com que todos os participantes se sintam parte da comemoração. Em suma, é o momento onde, pelo menos durante alguns dias, todos compartilham dos mesmos anseios e torcem pelo mesmo objetivo – a conquista do Mundial pela seleção de futebol nacional.

Neste período, em dias de jogos do Brasil, basta sair pelas ruas para sentir o clima de festa e o orgulho dos cidadãos em ostentar símbolos nacionais que vislumbrem pertencimento à nação. Nenhum outro evento, seja cívico ou religioso, faz os brasileiros se sentirem tão brasileiros. Segundo o historiador Hilário Franco Jr (2007:175-6), se ao longo de um ano comum quase não se vê a bandeira ou se ouve o hino nacional, em ano de Copa do Mundo, esses dois símbolos nacionais são numerosos em todos os lugares, sejam luxuosos ou humildes.

Os pesquisadores Helal; Cabo e Silva, (2011) lembram ainda do embaraço causado nos representantes da nação, sejam atletas ou políticos na hora de cantar o hino nacional, “ilustre desconhecido da maioria da população”. Para os autores, em época de Copa do Mundo, porém, é nítido que os brasileiros ficam mais unidos em torno de um mesmo ideal. “Percebe-se nas ruas uma motivação diferenciada, as cores nacionais estão por toda parte, os indivíduos se unem para tarefas como pintar ruas, enfeitar as casas, expor em todo canto o seu

amor pela pátria [...] em uma espécie de nacionalismo cíclico” (HELAL; CABO E SILVA, 2011:195).

Para se ter uma ideia da representatividade desse pertencimento nas narrativas dos telejornais, em matéria do *Jornal da Record*, a repórter Ana Paula Gomes reportou que, “na estreia da seleção brasileira, até a estátua do poeta Carlos Drummond de Andrade vestiu verde e amarelo” (*JR:15/06/2010*). Em matéria veiculada no mesmo programa na cidade do Rio de Janeiro, crianças aprendendo a andar e falar já entravam no clima e ensaiavam o grito de “Brasil, Brasil”.

Aparentando um pouco de timidez e falta de jeito no meio da torcida, o pai do menino Pedro, de apenas um ano e meio, rosto pintado com as cores brasileiras e olhar perdido na multidão, demonstrou o prazer em honrar o país e afirmou, “tem que entrar no clima *né* (sic)? É bom isso, *né* (sic)? Brasileiro, Brasil acima de tudo” (*JR:15/06/2010*).

Nesse clima de amor à pátria e a seus principais símbolos, o momento do hino nacional é um dos mais representativos dentro da formação de um “orgulho nacional”. Em matéria do dia 15 de junho no *Jornal Nacional* com torcedores brasileiros direto da África do Sul, Eric Faria, narrou essa emoção. Nas palavras do repórter, quando as *vuvuzelas* se calaram e começou a ser tocado o hino, o que se ouviu foi a emoção dos brasileiros. “Na Copa do Mundo, o hino toca diferente. As lágrimas de Maria da Glória e Raquel Pina, são o ponto final de um conto de fadas. Lá no campo, os filhos Luis Felipe e Carlos Eduardo marcaram seus gols na Copa do Mundo carregando a bandeira do Brasil”, completou o jornalista.

Segundo Hobsbawm (2008:9), esse “conjunto de práticas” (rosto pintado, hino nacional, bandeira, etc), “normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas [...] de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”. Nomeado pelo historiador como parte de uma “tradição inventada”, o estudo dessas práticas são fundamentais, pois são indicadores de situações (problemas) que de outras formas poderiam não ser detectadas.

Como exemplo, o historiador ilustra que, “pela história das finais do campeonato britânico de futebol podem-se obter dados sobre o desenvolvimento de uma cultura urbana operária que não se conseguiriam através de fontes mais convencionais” (HOBSBAWM, 2008:21).

A partir deste conjunto de práticas, ao ver, por exemplo, uma “torcida empolgada”, enquanto para uma pessoa isso pode gerar uma sensação boa e uma vontade de compartilhar daquela alegria, outro indivíduo pode ver na cena o seu oposto e identificar que, diferente

daquele que se emociona e se diverte com o futebol, para ele aquilo não faz o menor sentido. Pode representar apenas “um monte de gente que não tem o que fazer”.

A essa situação, soma-se o grupo social ao qual a pessoa pertence ou deseja pertencer e qual capital simbólico é mais valorizado para este ou aquele grupo. Na tentativa de pertencer, por exemplo, a um grupo de amigos que costumam jogar futebol com frequência e acompanham todas as “mesas redondas” sobre o esporte, diminuir a importância da Copa do Mundo talvez não seja uma boa forma de impressionar ou ingressar no grupo. Da mesma forma que, entrar em uma reunião corporativa demonstrando demasiado interesse ao evento e trajando uma camisa amarela da seleção pode não ser algo aceitável.

Para Martino (2010:34), “a questão da identidade é ao mesmo tempo, reflexiva e autorreflexiva: as pessoas se definem em relação a si mesmas, mas também em relação aos outros, aos grupos com quem convivem, às situações políticas, sociais e econômicas nas quais se vive”. Ou seja, na sociedade do espetáculo, as narrativas têm influência direta na reprodução de imagens e na forma como as pessoas veem a si próprias e ao outro.

Até aqui, vimos a importância das narrativas em colocar ordem no caos e, por meio da representação de identidades, criar grupos de pertencimento ao redor de características aceitas a uma espécie de brasileiro imaginado. Nas próximas páginas, a intenção é contextualizar a produção jornalística, responsável pela escrita dessas narrativas, como uma produção de mercado imersa na sociedade do espetáculo e sujeita às mesmas regras comerciais de qualquer empresa privada, que para sobreviver no sistema capitalista, precisa mirar lucros. No caso dos canais de TV, como veremos agora, isso significa ter uma programação atraente para o grande público e manter bons índices de audiência para atrair melhores anunciantes.

CAPÍTULO 3

JORNALISMO, ENTRETENIMENTO E ESPETÁCULO

Na contemporaneidade, informação e entretenimento são elementos cada vez mais difíceis de se separar. Seja pela quantidade imensurável de informações disponíveis ou pela necessidade humana de desfrutar de elementos lúdicos, a fronteira entre conteúdo informativo e divertido, é cada vez mais tênue.

Para Huizinga (2010:217), com a profissionalização das competições e seu vínculo cada vez mais forte com questões econômicas, o esporte em si tem perdido, desde o século XIX, um pouco do seu lado lúdico.

Com a “industrialização da bola” discutida no capítulo 1, é possível afirmar que, hoje, a transmissão do futebol é um espetáculo. Os clubes (empresas) contratam seus atletas (funcionários) de acordo com o nível de resultado esperado. Nesse trato, atletas de alto rendimento, clubes e seleções, para transformarem seus bons resultados em lucros, precisam trabalhar suas imagens na mídia.

Na sociedade do espetáculo, “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997:16-17). Por isso, às grandes empresas privadas, associar seu produto a atletas, clubes e seleções de sucesso é uma grande jogada na busca pelo sucesso de seus produtos e serviços.

Se por um lado a transformação do esporte em comércio pode, conforme afirma Huizinga, ter reduzido o lado lúdico das competições, por outro, essa mesma transformação intensificou seu lado “comercializável”. Em outras palavras, se o esporte de alto rendimento se transformou em vitrine publicitária acima de diversão, essa vitrine precisa, para dar resultados, atrair a atenção do público.

Como vimos no capítulo anterior, a produção narrativa tem uma função que ultrapassa seu lado informativo. É importante fonte de conhecimento, e organiza a desordem do universo. Mais que isso, serve também para divertir, para nos levar para outra realidade.

Apesar de argumentar sobre a profissionalização do esporte e da diminuição de seu lado lúdico, Huizinga, (2010:05), ao falar do lado lúdico do ser humano (*homo ludens*), questiona a fascinação do homem pelo jogo, que o absorve inteiramente por paixão, e pergunta: “por que uma multidão imensa pode ser levada até o delírio por um jogo de futebol?”. Para ele, não existe resposta biológica para isso.

Em suas palavras, a natureza poderia ter oferecido à suas criaturas funções úteis de descarga de energia excessiva, de distensão após um esforço, de preparação para as exigências

da vida e de compensação de desejos insatisfeitos. “Mas não, ela nos deu a tensão, a alegria e o divertimento do jogo”, completa Huizinga (2010:05).

Independente do lado “burocrático” e “industrializado” do futebol na contemporaneidade, o acompanhamento de sua cobertura, mantém o alto índice de interesse e divertimento por parte de quem o acompanha. E esse fator é justamente o que sustenta as longas coberturas, que para entreter seus espectadores não pode ser totalmente séria nem causar tédio.

Por isso, após falar sobre elementos da sociedade contemporânea e explicar a importância das narrativas na compreensão do mundo, as próximas páginas versam sobre os meios de produção responsáveis pela elaboração das narrativas do futebol. Seus produtores estão dentro e não alheios às regras da sociedade. Em tempos de espetáculo e acúmulo de imagens, suas narrativas precisam ser ágeis, divertidas e, principalmente, necessitam manter um índice de audiência que permita a manutenção financeira da programação.

Nesse sentido, histórias humanas que causem identificação nos espectadores, são fundamentais. Além, é claro, do entretenimento, elemento cada vez mais frequente nos meios de comunicação na sociedade do espetáculo.

3.1 – OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA SOCIEDADE DO ESPETÁCULO

Vivemos em uma sociedade do espetáculo onde as imagens e representações esvaziam as camadas mais profundas de pensamento e transformam tudo, na cultura e na vida cotidiana, em imagens para consumo. E é de dentro dessa realidade que falam os jornalistas responsáveis pela produção das narrativas veiculadas pelos telejornais, que precisam de audiência para vender melhor seus espaços publicitários e se manterem no ar.

Nesse caso, apesar de equivocado, é possível considerar os jornalistas os responsáveis por processos de manipulação e distorção da realidade. Não é difícil fazer tal afirmação parecer correta. Afinal, se a mídia produz espetáculos, estes, na verdade, são produzidos por seus profissionais, o que situaria os jornalistas, em uma visão bastante simplista e apocalíptica da questão, como responsáveis pela sociedade em que vivemos.

O grande erro de pensar dessa forma, é ignorar que os meios de comunicação estão embutidos na sociedade, são parte dela e estão sujeitos às mesmas regras que regem o funcionamento de qualquer outra empresa dentro da sociedade capitalista.

A premissa básica de qualquer empresa privada que deseja manter sua atividade, é produzir algo que traga lucro para os donos do negócio, que possibilite o pagamento da mão de obra e de todas as matérias primas e estruturas necessárias para que a empresa possa continuar produzindo seus produtos e provendo lucro para os envolvidos.

Em defesa das pessoas envolvidas no processo, para Sousa (2002:40), se as notícias são dissonantes da realidade, isso acontece menos ou tanto devido aos jornalistas e mais ou tanto a fatores que os escapam ao controle, como as organizações, o meio social e comunitário e as culturas e ideologias em que os jornalistas trabalham.

Nas características contemporâneas da sociedade capitalista, onde se consome primeiro imagens para depois se consumir produtos, a notícia, como defende Medina (1988), é um produto à venda. Se por um lado podemos afirmar que as notícias tendem a carregar em si os interesses do dono do jornal em levantar determinadas questões ou agradar a determinadas pessoas e empresas, antes disso, é preciso dizer que notícia boa é aquela que dá audiência e que ao mesmo tempo não desagrade aos anunciantes, que ao pagarem para promoverem seus produtos e serviços em determinado canal, não podem patrocinar a depreciação de seu próprio negócio.

Isso porque, como explica Martino (2009:221), ao pensar o alto capitalismo, Debord traça uma linha de continuidade entre a mercadoria e a imagem e coloca a imagem como a forma mais desenvolvida da mercadoria no capitalismo. Na contemporaneidade, o aspecto material da mercadoria não é o mais importante, mas sim a imagem da mercadoria, que é fator determinante na sociedade.

Retomando a questão do pertencimento por meio das narrativas discutidas no capítulo 2, na contemporaneidade, o consumo de mercadorias acontece antes por meio do consumo de imagens que procuram vincular o consumo de determinados produtos e serviços à imagem de pessoas bem sucedidas, alegres e sem problemas. Nesse sentido, a noção de pertencimento ao futebol brasileiro que toda a torcida parece ter nas narrativas da Copa, sugere aos consumidores brasileiros imagens vinculadas a um estilo de vida a se perseguir.

Ao afirmar que a televisão, por exemplo, é uma instituição dentro dessa estrutura social, França (2006:36) lembra que “a TV não é extrema nem avessa a essa estrutura, mas, ao contrário, espelha (e ao mesmo tempo reproduz) as relações de classe e de poder que marcam a vida de uma sociedade”.

Para Bourdieu (1997:77), o universo do jornalismo é um campo que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência. Nessa relação, o campo

jornalístico está fortemente sujeito às pressões comerciais e exerce, ele próprio, uma pressão sobre todos os outros campos.

Argumento semelhante usa Sousa (2002:17), ao afirmar que as notícias são um artefato construído pela interação de várias forças que podem ser situadas ao nível das pessoas, do sistema social, da ideologia, da cultura, do meio físico e tecnológico e da história. Para Sousa, “os meios noticiosos conferem notoriedade pública a determinadas ocorrências, ideias e temáticas, que representam discursivamente, democratizando o acesso às (representações das) mesmas e tornando habitual (ritual?) o seu consumo”.

Segundo o raciocínio do autor, os meios jornalísticos são veículos determinantes nas significações que fazemos do mundo, embora a definição final de sentido dependa do consumidor das mensagens midiáticas e das várias mediações sociais, como escola, família e grupos sociais em que o indivíduo se integra.

A partir dessa breve reflexão, a questão não é mais pensar os meios de comunicação e o jornalismo, em especial, como meios que manipulam indiscriminadamente a realidade, mas sim como empresas privadas dentro de uma estrutura capitalista que possui algumas “regras de sobrevivência”.

Retomando a reflexão de Debord acerca do aumento da força produtiva e da quantidade cada vez maior de bens materiais e simbólicos produzidos, e a necessidade para manter esse sistema girando de que as mercadorias sejam consumidas, é possível ilustrar a importância para a manutenção do sistema, do acúmulo de imagens na televisão.

Para Debord (1997:16-17), “o espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de ‘o que é bom aparece e o que aparece é bom’”. Ou seja, os meios de comunicação que têm o poder de alcançar um grande número de espectadores, ouvintes ou leitores, ao mostrar determinados produtos e representações, transmitem imagens ou discursos que situam aquilo como “bom”. Na lógica do consumo a partir de imagens, essa é a primeira pista sobre o que consumir: geralmente o que aparece.

Em um mundo com um número quase infinito de possibilidades de consumo possibilitado pela força dos meios de produção atuais, o filtro da mídia é fundamental para direcionar os consumidores. Em especial nas grandes cidades, onde os indivíduos recebem um número surreal de informações e imagens, a velocidade desse fluxo não deixa tempo para o aprofundamento de nenhum tipo de relação além da esfera do parecer e da identificação rápida (Martino, 2009:222), o que ajuda a entender um dos motivos das narrativas do futebol serem como são. Geram identificação, conforto e entretenimento aos espectadores.

Nesse sentido, falar da produção dos meios de comunicação tem mais a ver com a lógica industrial de mercado do que com manipulação. Ao falar sobre as relações entre televisão, capital e Estado, Capparelli e Lima (2004:83), afirmam que a televisão no Brasil, além de instrumento informativo e ideológico, acolhe uma cultura de fluxo contínuo onde os produtos difundidos hoje, automaticamente tornam obsoletos os difundidos ontem. Para os autores, esse veículo no Brasil, “é o suporte preferencial da publicidade, que acelera o ciclo do capital das indústrias tradicionais e igualmente das indústrias culturais”.

Essa possibilidade se torna ainda mais factível quando pensamos a força e presença deste veículo no país. De acordo com França (2006:22-3), quase todos os lares brasileiros possuem pelo menos um aparelho receptor e essa horizontalidade da recepção de TV claramente tem implicações no conteúdo e na criação de um repertório social comum. Para a autora, a presença da televisão, “é responsável pela disseminação e partilhamento de códigos, referências, representações e pelo estabelecimento de uma pauta ou roteiro de atenção. A televisão sintoniza todos numa agenda coletiva: Copa do Mundo, Olimpíadas, catástrofes, efemérides”.

Para Fraser Bond (1962 apud SOUSA, 2002:98) “o que o público quer, carrega o significado econômico de ser aquilo que ele compra. Ao repórter inteligente não escapam nunca as tendências do mercado”. Sobre essa afirmação, Sousa (2002:98), comenta que, para o êxito comercial, importaria privilegiar histórias que atendam aos interesses da audiência, que falem sobre “dinheiro, sexo, crime, culto do herói e da fama, conflitos (guerras, greves, homem contra a natureza, pessoa contra a sociedade, conflitos entre grupos políticos e econômicos, etc.), descobertas e invenções”.

Isso porque, segundo o autor, o ser humano tende a interessar-se pela informação jornalística que lhe proporcione algum proveito, o que implica em uma relação “evento-notícia”, pelo menos em parte, baseada em uma lógica comercial. Para Sousa (2002:98), a valorização ou desvalorização dos acontecimentos, é resultado “da submissão da ocorrência à lógica discursivo-comercial dos *news media*. E as notícias necessitam seduzir para, em um ambiente concorrencial, funcionarem como uma mais-valia para um determinado órgão de comunicação social”.

Seria ingenuidade, baseado nessa lógica comercial presente em todos os meios empresariais-privados da sociedade, retirar os jornalistas das regras de mercado e dar a eles uma aura superior, de vigilante da sociedade imune às leis implícitas no sistema capitalista.

Se em uma instituição financeira, por exemplo, o funcionário é cobrado pelo volume de empréstimos realizados em determinada agência bancária, em uma redação, os

responsáveis pelas notícias são cobrados pelos números do IBOPE ou pela quantidade de ‘cliques’ recebidos por determinada notícia publicada em um portal web.

O departamento comercial é quem viabiliza a própria manutenção das redações e do emprego de centenas de jornalistas. Não é raro, nos últimos anos, ver notícias de redações com certo grau de prestígio anunciarem a demissão de dezenas de funcionários.

Para seguir essas regras de mercado e atingir a audiência necessária dentro da lógica da sociedade do espetáculo, a apresentação das notícias em forma de entretenimento, respondem aos índices de audiência como critério fundamental de noticiabilidade na contemporaneidade, como veremos a seguir.

3.2 – O ESPETÁCULO DO ENTRETENIMENTO COMO VALOR NOTÍCIA NA CONTEMPORANEIDADE

O infotenimento, que segundo Martino (2009:155) consiste em um “gênero híbrido, apresentando informação na linguagem do entretenimento”, ou “intercalando os dois gêneros praticamente sem linha divisória”, é amplamente verificado no jornalismo atual, tanto no meio eletrônico quanto no impresso.

Nas palavras de Dejavite, (2006), o jornalismo de infotenimento, “é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público”. Para a autora, esse termo sintetiza a intenção editorial dos meios de entreter ao mesmo tempo que atende às necessidades de informação do receptor dos dias de hoje.

Em seus “Conceitos de Jornalismo”, Michael Kunczik (1997), baseado em argumentos principalmente de Marcuse, Habermas e DeFleur, discute a cultura difundida pelos meios de comunicação e a questão do entretenimento como fator determinante para atingir um grande público e atrair melhores anunciantes. Para o autor, esse processo é inerente aos meios e produz uma manipulação sem manipuladores, produzida porque os meios de comunicação partilham um propósito comum: a conquista de melhores anunciantes e maiores verbas publicitárias. Para Kunczik (1997:88), são os motivos econômicos que levam a televisão a produzir programas rentáveis, que com um custo mínimo, garantam audiências máximas.

Nesse trato, segundo os “técnicos da manipulação”, a televisão “despolitizaria” seu conteúdo para atender um público amplamente variado. Essa compulsão para colocar mensagens publicitárias diante de um público cada vez mais amplo pelo mínimo custo possível, segundo Kuncsik significa que é necessário “contar histórias emocionantes no

menor tempo possível e produzi-las de maneira rápida e regular. Como a programação depende da publicidade, isto significa que se evita a disseminação de conteúdos potencialmente ameaçadores à estabilidade social”.

Seguindo raciocínio semelhante, Aguiar (2008:14), defende que a capacidade de entretenimento constitui-se como um valor-notícia fundamental para que um acontecimento possa adquirir os requisitos necessários para ser construído enquanto narrativa jornalística. Essa mistura, que pela afirmação acima pode ser considerada como apenas mais um critério positivo de noticiabilidade, não é unanimidade entre autores e profissionais e preocupa alguns em relação à possível degradação do papel de formadora de opinião exercida pela mídia.

Na opinião de Sousa (2000:63), informar jornalisticamente, significa permitir que os cidadãos possam agir responsabilmente. “Entreter ‘jornalisticamente’, pelo contrário, tende a degradar, em maior ou menor grau, essa função informativa e, conseqüentemente, reguladora e mediadora, que os meios de comunicação possuem na sociedade”, conclui o autor.

A visão de Sousa, porém, é bastante questionável. Afinal, em um mundo com tantas possibilidades midiáticas, falar em prejuízo e degradação da informação pelos jornalistas seria limitar demais o universo das notícias. Além disso, a classificação da palavra “entretenimento” como uma coisa bem definida e que por si só traria prejuízos para o jornalismo, é problemática. Paraphraseando Kunczik (1997:106), para o receptor, o entretenimento é simplesmente aquilo que entretém. “Para eles (público) o oposto da mensagem de entretenimento nos meios de comunicação não é o conhecimento informativo, mas o conteúdo que não lhes agrada”.

Ainda em defesa do entretenimento como forma de atração do público e compreensão de temas que talvez passassem batido pelo grande público, para Kunczik (1997:108), “alguém que não consegue imaginar o entretenimento como algo legítimo e necessário, com funções sociais positivas, não poderá aceitá-lo nem como vocação nem como uma tarefa que também inclua a informação e o esclarecimento do público”. Para o autor, a atitude pessimista em relação a essa cultura, que se nega a reconhecer a legitimidade e necessidade de se utilizar o entretenimento, é inadequada tanto para o jornalista como para o público.

Às características do jornalismo de entretenimento, além das narrativas que serão expostas a seguir, soma-se o próprio formato do telejornal e o trato dos apresentadores com os telespectadores e também entre eles.

Durante a cobertura do Mundial pelo *Jornal Nacional*, a exemplo do que já havia acontecido em Copas anteriores, o casal de apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner, se dividiu e o telejornal foi apresentado em parte dos estúdios da Rede Globo no

Brasil, em parte do estúdio montado na África do Sul. Pais de trigêmeos e verdadeiras “celebridades” da televisão com direito a aparições em revistas e programas de TV, durante a cobertura do evento o casal não escondeu a saudade e, com uma linguagem visual mais solta, humanizaram as relações do jornal com o seu público e conseguiram, sem contar nem uma história, trazer uma das principais emoções para telejornal: a da família feliz.

A relação entre os dois, a preocupação do marido com a “voz rouca” da esposa Fátima e o elogio sobre o bom gosto na escolha do “cachecol” usado por ela nas transmissões, deram às edições do *Jornal Nacional*, veiculadas durante a Copa, um tom mais leve. Por mais que assuntos sérios fossem levantados durante o programa, sempre eram precedidos ou superados por algo agradável e com o tom familiar dado à transmissão pelo casal que, quando dividiam tela, transpareciam no olhar e no sorriso uma feição carinhosa.

Independente do prejuízo para as notícias no quesito “esvaziamento do discurso” e das discussões ditas mais ‘sérias’ à sociedade, em um noticiário que costuma ter em média 30 minutos de tempo útil e as notícias são passadas de forma rápida e objetiva, as conversas entre o casal ocuparam, facilmente, o tempo de pelo menos duas ou três pequenas notas na agenda do telejornal.

Por outro lado, seguindo o raciocínio de Kunczik de que, para o público, o contrário de entretenimento não é informação, mas “algo que não agrada ou prende a atenção do público” e a necessidade dos telejornais de atrair o maior número possível de telespectadores para vender seus espaços a melhores preços, dar um tom mais divertido e leve ao programa, certamente atende a lógica capitalista na contemporaneidade.

Retomando o argumento de Aguiar, (2008:14), ao defender o entretenimento como um valor fundamental para a construção das narrativas jornalísticas, o autor classifica notícia como um “produto industrial resultante de um processo empresarial organizado que implica em uma perspectiva prática dos acontecimentos”.

Durante a cobertura da Copa, ao dedicar boa parte do tempo útil de suas programações, que variou de 50 a 82%, os telejornais usaram elementos de entretenimento para prender o público. Isso porque, para noticiar o factual, poucos minutos seriam suficientes. Por outro lado, para falar sobre o jogo e também sobre o evento de forma a gerar interesse no maior número de pessoas, as narrativas fugiram do tema futebol.

Com grandes equipes de reportagem na África do Sul, tanto a Globo como a Record produziram, dentre outras coisas, narrativas dignas de programa de turismo. Além disso, mesmo quando o tema não foi a bola, deu-se um jeito de vincular o tema a assuntos ditos mais sérios e mostrar que até os candidatos à presidência da República, em plena campanha

eleitoral estavam acompanhando a seleção brasileira, como contou o âncora do *Jornal da Record* Celso Freitas no dia 15 de junho.

Em sua narrativa, em dia de jogo do Brasil, a atenção dos candidatos à presidência se voltou para a seleção. José Serra assistiu à estreia da seleção em um restaurante no Rio de Janeiro e até posou para fotos ao lado da presidente do Flamengo, Patrícia Amorim, que vibrou com cada lance ao lado do candidato. Em viagem a Paris, a candidata Dilma Rousseff acompanhou a partida em uma casa de espetáculo, e Marina Silva não teve compromissos públicos e também assistiu ao jogo.

A informação está presente. Por mais relevante ou irrelevante que possa ser para a decisão dos eleitores sobre em quem votar, a eles foi informado o que os candidatos estavam fazendo por aqueles dias e mostrado que se importam com a seleção brasileira, independentemente da veracidade disso. Com um tom leve e sem tirar o assunto “Copa do Mundo” do radar, soubemos que Dilma Rousseff foi a Paris e falou com Sarkozy. José Serra associou sua imagem à da presidente do time de maior torcida do Brasil (Flamengo) e Marina Silva não teve agenda. Informação dada. Agora, de volta às narrativas da Copa do Mundo.

Narrar elementos da Copa do Mundo foi também algo divertido. Para falar da torcida holandesa no Brasil, por exemplo, no *Jornal da Record* do dia 02 de julho, a repórter Daniela Boaventura foi até a cidade de Holambra, no interior de São Paulo, e mostrou as belezas da cidade, que “amanheceu no melhor estilo holandês”. O município de Holambra é ponto turístico, devido à colônia holandesa que ali reside, festas e arquitetura da cidade.

Houve também narrativas sobre turismo na África do Sul. Nas palavras de Rodrigo Viana, no *Jornal da Record* do dia 28 de junho, quem foi acompanhar a Copa poderia conhecer um castelo em estilo italiano, arquitetura suntuosa. O “Monte Cassino”, mostrado na reportagem, é um gigantesco complexo turístico, com hotéis, lojas, teatros, cinemas e muita jogatina. Por sinal, fica a dica para os brasileiros: desde o fim do *apartheid*, o jogo é liberado no país africano.

Para quem gosta de aprender sobre comidas exóticas, a narrativa de Adriana Bittar, no *Jornal da Record* do dia 15 de junho, foi uma verdadeira aula. Na narrativa, aprendemos, por exemplo, que pelo menos para a repórter, a carne de girafa, servida como se fosse uma peça de picanha em uma churrascaria sul-africana, é adocicada e “fibrosa”. Já a carne do “impala”, é bastante saborosa, similar a uma picanha. Até carne de crocodilo a repórter provou, e afirmou: “Adorei o crocodilo. Realmente eu não gostaria de me encontrar com um, mas no prato, é uma delícia”.

Para provar essas carnes de caça, o rodízio custa o equivalente a R\$50, valor bastante alto para a maioria dos sul-africanos. Bem por isso, a reportagem foi ao Soweto, bairro negro de Johannesburgo, para ver o que a população média come no dia-a-dia. Na nova investida, a repórter se depara com um “cozido de cabeças de carneiro”, prato tradicional entre os moradores da região, nutritivo e barato: R\$4 a unidade. “É, alguns sabores da África são realmente exóticos demais”, finaliza a jornalista ao provar a iguaria.

As histórias das Copas do Mundo também tiveram espaço nas narrativas. No *Jornal da Record* do dia 15 de junho, Celso Freitas lembrou que nos 18 mundiais anteriores, a exemplo da vitória obtida na estreia em 2010, a seleção brasileira venceu outras 14 partidas de estreia. Empatou duas e perdeu apenas duas vezes.

Nas seis narrativas expostas aqui, informação e entretenimento estiveram presentes. Em algumas delas, porém, a “informação” se aproxima mais de programas de variedades da rede “Discovery”, do que de notícias que contenham algum grau de relevância e influenciem de alguma forma a vida das pessoas que estão acompanhando o telejornal. Conhecer um cassino e um restaurante sul-africano diverte os telespectadores. É agradável. Talvez até eduque, já que carrega em si conteúdo interessante e conhecimentos de mundo que, de outra forma, não chegariam à maior parte das pessoas.

Pensando a problematização de Debord, sobre a importância das imagens e no esvaziamento dos discursos no capitalismo atual, as narrativas citadas servem para apontar o quanto o uso do entretenimento, dessa forma, atende aos critérios de noticiabilidade na sociedade do espetáculo.

Com tantas possibilidades de se obter informação e com a briga pela audiência, usar meios que tornem o conteúdo produzido mais agradável para a maioria das pessoas e, conseqüentemente, viabilize comercialmente o produto, é o processo natural aos meios de comunicação privado que dependem de anunciantes.

Neste cenário, infográficos, ilustrações e animações, só para citar algumas “ferramentas”, podem, sem dúvida, possibilitar a transmissão de conteúdos de difícil compreensão e ao mesmo tempo prender os telespectadores frente a uma programação divertida e não “tediosa”.

Os temas das narrativas, porém, muitas vezes mostram que não é isso que acontece. Acima do problema acerca da forma como a informação é transmitida de maneira divertida, nas narrativas da Copa é preciso questionar a relevância das informações transmitidas em formato de entretenimento e não a transformação da notícia em diversão.

Isso porque, além da discussão sobre “prejuízo para a informação”, vale pensar a questão “assertividade da comunicação”. A comunicação, para ser eficiente, não precisa, nem deve ser séria. Deve, pelo contrário, ser transmitida de maneira a atingir os receptores. Logo, a questão do entretenimento não é determinante na despolitização dos noticiários, e sim na busca por assertividade e audiência.

A forma como se transmite mensagens do emissor para o receptor é o meio, e deve ser pensada da maneira mais assertiva possível. Os temas e o tipo de informação, eles sim podem mostrar, com maior clareza, os interesses e dimensões dos assuntos veiculados. Afinal, um meio pode, sem problemas, de maneira séria, usar um discurso altamente tendencioso em prol de determinado interesse e esvaziar uma consciência crítica acerca de outro assunto pela sugestão de pontos de vista.

A mescla entre informação e entretenimento é, sem dúvida, um dos mais valiosos elementos de noticiabilidade. Porém, fala pouco sobre o conteúdo e sobre o que foi a cobertura do futebol durante a Copa do Mundo. Por isso, o próximo capítulo contempla uma análise das narrativas baseada nos temas vinculados ao futebol, que de forma descontraída ou não, podem nos dizer algo sobre do que falam as coberturas e quais dimensões são assumidas pelo futebol na sociedade do espetáculo no recorte feito por essa dissertação.

CAPÍTULO 4

A COBERTURA ESPETACULAR DO ESPORTE

Neste capítulo busca-se analisar os textos das narrativas produzidas e veiculadas pelo *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* durante a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo 2010. Para realizar essa verificação, após as reflexões feitas nos capítulos anteriores, que procuraram, dentro dos conceitos da sociedade do espetáculo, contextualizar a sociedade, as narrativas e a lógica de mercado na qual os meios de produção das coberturas jornalísticas estão embutidos, será verificado sobre o que falaram as narrativas da Copa e quais temas foram associados ao futebol.

Ciente da grandeza de possibilidades de análise das narrativas propostas, a escolha deste trabalho foi estudar as narrativas textuais dos telejornais. Logo, não há a intenção aqui de realizar uma análise das imagens veiculadas nas narrativas. Há sim, por outro lado, a intenção de explorar a forma como o Brasil, o brasileiro e o futebol são “imaginados” a partir dos textos verbais produzidos pelos telejornais. Em outras palavras, na intenção de verificar sobre o que falam as coberturas do Mundial, a proposta é olhar para essa produção pela ótica das narrativas textuais, que adjetivaram nações e torcedores, anunciaram as implicações econômicas do evento e narraram as consequências da realização de uma Copa do Mundo para a vida das pessoas.

Para essa análise, foram escolhidos quatro episódios do *Jornal Nacional* e quatro do *Jornal da Record*, conforme a proximidade deles com os jogos da seleção, o que consequentemente tornou esses episódios mais férteis para a análise proposta. Os programas analisados foram ao ar nos dias 15, 25 e 28 de junho e 02 de julho, dias dos jogos do Brasil contra Coreia do Norte, Portugal, Chile e Holanda.

O critério escolhido para essa análise foi o de separar as notícias veiculadas em três grupos e, posteriormente, expor exemplos das narrativas contidas em cada grupo para, além de quantificar as matérias, expor o conteúdo dos textos que preencheram cada uma das três divisões temáticas estabelecidas por essa dissertação.

Para isso, as narrativas dos telejornais foram separadas entre os grupos: (1) sobre o jogo, (2) “extra campo” e (3) editorial. No primeiro grupo, todas as notícias que falaram sobre as partidas em si, como as narrativas pós-jogo, que adjetivaram jogadores, técnicas e nações. As notícias que preenchem o grupo “extra campo”, são compostas de matérias feitas com as

torcidas das seleções em diversas partes do mundo e narrativas vinculadas aos efeitos do evento, como as reportagens sobre os ganhos do comércio e a vinculação do tema com a agenda dos candidatos à presidência da república por exemplo. No terceiro grupo, entram as demais notícias, que não fazem referência ao Mundial.

Com isso foi possível verificar as diferenças entre as narrativas dos dois telejornais, listar quais temas foram mais utilizados, se sobre as partidas ou assuntos “extra campo”, e por fim quais assuntos foram associados ao futebol, como veremos ao longo deste capítulo.

4.1. AS NARRATIVAS DOS TELEJORNAIS

Dentro do universo explorado por esta pesquisa, vale uma primeira diferenciação entre a cobertura dos dois telejornais pesquisados. Isso porque, enquanto a Rede Globo tinha os direitos de transmissão dos jogos, a Rede Record fez apenas a cobertura jornalística do evento. Líder e vice-líder de audiência, respectivamente, em seus segmentos, os dois telejornais enviaram grandes equipes para a África do Sul.

O tempo absoluto dedicado pelos dois programas ao tema foi praticamente o mesmo. Proporcionalmente, porém, o *Jornal Nacional* dedicou uma parte maior de seu tempo útil ao tema, já que seus programas duram em média 33 minutos enquanto que os de sua concorrente chegam a ter uma hora de duração.

Para a cobertura jornalística, um acontecimento como a Copa do Mundo é o que podemos chamar, segundo explicação de Katz (1993:53-4), de um “evento da mídia”. Segundo o sociólogo, esses eventos trazem em si uma insistência implícita, de que é necessário às pessoas abandonarem outras funções e compromissos a favor da televisão, ação obrigatória durante a realização de tais eventos.

Sobre a aplicação desse conceito à realidade brasileira, Martino (2009:163) comenta que temas assim conseguem monopolizar a atenção dos meios de comunicação e conquistam quase a hegemonia no espaço social. Para o autor, no Brasil a Copa do Mundo é um exemplo de sucesso dessa teoria. Até mesmo os canais que não transmitem os jogos noticiam o evento, como é o caso da Rede Record.

Enquanto produto de entretenimento e consumo de sucesso no Brasil, não apenas as partidas vendem. Também a representação e narrativas do futebol possuem alto apelo comercial, como citado anteriormente. Independentemente dos interesses específicos de cada

emissora na cobertura da Copa, em ambas o jogo foi transformado em algo fora do jogo e representado em narrativas espetaculares, grande ponto de interesse dessa dissertação.

Na somatória geral dos quatro programas, no *Jornal Nacional* as notícias “sobre o jogo” lideraram a cobertura com 29 notícias em um universo de 77 matérias. Em seguida, com 28 notícias, ficaram os temas classificados como “editoriais”. Por último, mas ainda assim representando quase 30% das notícias, as reportagens enquadradas no grupo “extra campo” responderam por 20 matérias. Na somatória dos dois grupos que respondem pela cobertura da Copa contra o grupo das notícias editoriais, o placar ficou em 49 a 28 a favor dos temas vinculados ao futebol.

Tabela 1 - Contagem notícias *Jornal Nacional*

Narrativas do <i>Jornal Nacional</i>					
DATAS	15/jun	25/jun	28/jun	02/jul	TOTAL
Editorial	6	9	7	6	28
Sobre o jogo	9	8	7	5	29
Extra campo	3	5	4	8	20
TOTAL	18	22	18	19	77
<i>Número de notícias dentro de cada grupo</i>					

Tabela 2 - Contagem notícias *Jornal da Record*

Narrativas do <i>Jornal da Record</i>					
DATAS	15/jun	25/jun	28/jun	02/jul	TOTAL
Editorial	13	12	12	14	51
Sobre o jogo	3	5	3	3	14
Extra campo	10	11	11	8	40
TOTAL	26	28	26	25	105
<i>Número de notícias dentro de cada grupo</i>					

No *Jornal da Record*, que não transmitiu as partidas, as notícias relacionadas ao futebol também superaram as notícias editoriais. Placar do jogo: Copa 54 x 51 Editorial. A grande diferença aqui foram as escolhas narrativas voltadas para o extra campo, que respondeu pela maior parte das narrativas vinculadas ao evento. Em um universo de 105 notícias, o grupo “sobre o jogo” respondeu por apenas 14.

Em números proporcionais, isso corresponde a 13% da cobertura do *Jornal da Record* dedicado a falar sobre o jogo, contra 38% do *Jornal Nacional*. No quesito “extra campo”,

porém, o telejornal apresentado por Ana Paula Padrão, preencheu os mesmo 38% que o programa global utilizou para as narrativas sobre o jogo, o que mostra o potencial do futebol em ser repercutido em seu trato “extra campo”.

Nas narrativas do futebol analisadas, ao contrário do que é possível pensar em um primeiro momento, a personagem principal não é a bola ou as narrativas sobre resultados, consequências para o campeonato ou estatísticas sobre as partidas. Pelo contrário, o tema lida largamente com outros fatores importantes para a sociedade e tem espaço dentro e fora de campo. Altera a agenda dos políticos, movimenta o comércio, e unifica, durante três semanas, diversos brasileiros, pouco lembrados, em uma mesma torcida. Ao explorar narrativas “extra campo”, o *Jornal da Record* esteve, mais de uma vez, em aldeias indígenas e mostrou o quão ‘brasileiros’ e apaixonados pelo futebol são os habitantes das ‘malocas’ visitadas. Saber o que acontece com a seleção durante o Mundial parece ser tão importante, que até populações desabrigadas pelas enchentes ou isoladas em lugares sem energia elétrica, como algumas comunidades das regiões Norte e Centro-Oeste do Brasil dão um jeito de assistir à partida em algum ponto seco da cidade ou ligar aparelhos de TV dentro de barcos com a ajuda de geradores de energia.

Com base nas tabelas 1 e 2, e contextualização feita nos capítulos anteriores, é possível quantificar sobre o que falaram as narrativas baseado nas divisões temáticas estabelecidas por este trabalho e já responder, pelo menos de forma superficial, sobre ‘o que’ falaram as narrativas, se sobre o jogo, assuntos “extra campo” ou simplesmente temas habituais a um telejornal.

Para aprofundar essa análise e saber ‘como’ falaram essas narrativas, a seguir veremos exemplos de como os telejornais contaram os fatos e construíram narrativas sobre as partidas e a forma como a torcida brasileira foi representada em vários cantos do mundo. A ideia com isso, agora que já sabemos sobre o que falaram as narrativas, é analisar como falam as narrativas, quais são os elementos que as permitem construir identidades, vincular o tema a outros assuntos e, por fim, narrar, de forma espetacular fatos esportivos como se estivessem falando de relatos épicos ou filmes de ficção.

Para um maior detalhamento temático do conteúdo de cada grupo de notícias que gerou a contagem das tabelas 1 e 2, no item “anexos” há tabelas com o conteúdo completo dos telejornais e também a transcrição das narrativas que serão analisadas a seguir.

4.2. UM JOGO, VÁRIAS NARRATIVAS

O primeiro jogo da seleção brasileira no Mundial de 2010 foi contra a Coreia do Norte. A partida foi realizada no dia 15 de junho, no estádio Ellis Park. Os jogadores Maicon e Elano marcaram um gol cada para o Brasil, Ji Yun-Nam descontou para a Coreia do Norte e o brasileiro Ramirez recebeu um cartão amarelo.

Somado às estatísticas, que mostram quantos passes certos e errados, cruzamentos, finalizações e outros fundamentos aplicados por cada equipe foram realizados, a informação acima resume o factual da partida. Como qualquer outra informação, porém, os dados são altamente interpretativos e dizem muito pouco, ou quase nada, sobre o desempenho real das equipes, sobre a dedicação de cada jogador em campo, sobre jogadas bonitas que podem não ter acabado em gol, faltas desleais que não receberam punição ou dribles desconcertantes que não alteraram o placar, assim como as ‘bolas na trave’.

Durante a transmissão do Mundial, milhões de brasileiros acompanharam as partidas e as notícias sobre a Copa. A leitura dos acontecimentos para cada telespectador é diferente e vários pontos de vista são possíveis, não só aos torcedores, mas também aos jornalistas responsáveis pela cobertura. Retomando o texto de Sodré (2009:27), é essa possibilidade, de narrar algo que não precisa preexistir, de contar um fato de forma que o que se pensa sobre aquilo predomina sobre o que ocorreu, que caracteriza a produção jornalística como uma produção narrativa.

O jogo entre Brasil e Coreia do Norte, partida de estreia da seleção, aconteceu no dia, horário e local programado. Porém, além dessas informações, poucas outras são fatuais. A maior parte do que se narrou sobre a partida dependeu de formas particulares de se olhar o acontecimento. No *Jornal Nacional*, por exemplo, para contar como foi essa partida, quatro jornalistas diferentes, em momentos distintos do mesmo programa, tiveram oportunidade de contar o que aconteceu no Ellis Park naquela terça-feira de inverno sul-africano.

Das nove narrativas “sobre o jogo” listadas na edição do dia 15 de junho do *JN*, cinco falaram sobre a partida da seleção brasileira e quatro sobre os jogos de outras equipes, sendo uma narrativa para cada participação de seleção estrangeira. Para os jogos do Brasil, no entanto, foram quatro narrativas e mais uma conversa sobre o jogo. Tudo isso para falar sobre o mesmo acontecimento.

Durante o Mundial, na construção narrativa sobre as partidas, o *Jornal Nacional* trabalhou com narrativas com apelos diferentes, que detalharam os lances, adjetivaram atletas, seleções e jogadas e incluíram emoção em cada palavra falada. Foram várias narrativas para falar do mesmo jogo, como veremos a seguir.

4.2.1. BRASIL E COREIA DO NORTE: ESTREIA E ANSIEDADE

Na primeira narrativa sobre a primeira partida do Brasil, o repórter da Rede Globo Tino Marcos narrou a emoção da estreia, que atingiu os atletas dos dois times. O adversário tinha nomes diferentes, difíceis de se pronunciar. Nem por isso, deixou de ser emocionante ver o choro de Tae-Se durante o hino norte-coreano ou de Ji Yun-Nam, autor de um gol que, nas palavras de Tino Marcos, foi histórico para eles e permitiu aos norte-coreanos uma derrota para ser festejada.

No primeiro tempo, “expressão enfezada” de Kaká, pedido de clemência de Luís Fabiano, pedaladas “destoantes” de Robinho e chutes distantes. Seleção lenta, carente de movimentação. No intervalo, “congelaram o futebol brasileiro?”. “Tem micro-ondas no vestiário?”, perguntou o repórter.

Mas veio o segundo tempo, os gols do Brasil e com eles os adjetivos. O passe que Elano deu para o gol de Maicon foi “carinhoso”. Maicon, por sua vez, chutou “com os três dedinhos do lado externo do pé” para fazer o primeiro gol do Brasil. Beijou a aliança, foi abraçado por todos e perdeu o fôlego. Fechou os olhos e agradeceu. No segundo gol, uma jogada gerada nos tempos de Santos, oito anos atrás. Lindo passe de Robinho para Elano, que com precisão, deu uma “tacada de sinuca” para o gol, foi substituído e saiu de campo feliz. Por fim, Maicon e Elano “salvaram o Brasil na estreia e mereceram todos os abraços”, narrou o repórter.

O tom espetacular dessa narrativa tomou conta de toda a cobertura e contou coisas que podem ter existido ou não factualmente. “Pedaladas destoantes”, futebol brasileiro “congelado” e gol “tacada de sinuca” foram alguns dos elementos presentes no jogo assistido por Tino Marcos, e que logo em seguida deu lugar à narrativa do repórter Mauro Naves, que também falou sobre a ansiedade da estreia, responsável, segundo ele, pelo placar reduzido do jogo.

O ganho desta narrativa em relação a anterior é a voz dos personagens. Para Luís Fabiano, que nas palavras de Tino Marcos pediu clemência e deu chutes com destinos “equivocados”, “o importante foi vencer, ainda mais em uma estreia, com toda a ansiedade e adversário complicado”. Elano, autor de um dos gols, estava muito feliz por ter “gravado o nome em uma Copa do Mundo” e lembrou que o objetivo do grupo era conquistar o título Mundial e levá-lo para a torcida brasileira, “povo que a gente sabe que está torcendo pela gente”, disse o jogador.

Na terceira narrativa, de Marcos Uchôa, discurso parecido. Se Mauro Naves falou sobre o jogo e a ansiedade da estreia entrevistando os jogadores, a tarefa de Uchôa foi acrescentar a essa narrativa o técnico da seleção brasileira, Dunga, que apesar de já ter sido jogador e capitão e já ter vivido o clima de Copas anteriores, não fugiu da tal “ansiedade da estreia”, presente nele e em todos os jogadores.

Durante o primeiro tempo mexeu-se pouco, assim como a seleção, que para Uchôa, foi a “cara do treinador”. A Coreia do Norte, por sua vez, mostrava um grupo unido e fechado. Até que, com a inestimável cooperação do “goleirinho” coreano, o Brasil conseguiu abrir o placar e fez o técnico Dunga abrir um sorriso pela primeira vez. Quietos no primeiro tempo, no segundo Dunga mostrou seu lado competitivo e irritado. Brigou com os erros do juiz e com a fraca atuação de seu time. Em seu discurso pós-jogo, lá estava a ansiedade novamente para justificar a fraca atuação do time. Na conclusão do repórter, a seleção jogou mal contra o adversário mais fraco do grupo, fez apenas dois gols em uma defesa frágil, sendo um deles falha do goleiro e ainda tomou um gol de um ataque fraco.

Para o repórter Tadeu Schmidt, ficou, durante toda a cobertura, a tarefa de produzir as narrativas mais espetaculares. Em seus textos, o fantasioso ganha espaço sobre os acontecimentos. As narrações, trilha sonora e imagens são épicas e mostram um jogo que se aproxima mais da imaginação do que do factual. O ponto de vista do repórter para as suas narrativas é o do destaque do jogo. Pode ser o autor do gol, o responsável por uma derrota ou o grupo, se for o caso. Para a narrativa do jogo contra a Coreia do Norte, o jogador Maicon, autor do primeiro gol da seleção no Mundial, foi o escolhido como protagonista.

Nas palavras de Schmidt, antes da estreia, vários jogadores poderiam assumir o papel de destaque do time. Entre eles, o “astro” Kaká, o “artilheiro” Luís Fabiano ou o “endiabrado” Robinho. Mas o que importava mesmo era fazer o primeiro gol e aliviar o nervosismo. E isso quem fez foi o Maicon, que, por isso, mereceu os agradecimentos de um país inteiro.

O jogador, que começou a partida patriota, cantando o hino com orgulho, está acostumado a fazer “jogadas que as pessoas duvidam”. “Maicon Douglas Sizenando, 28 anos. Quando garoto, foi atropelado e teve que reaprender a andar. Parece que aprendeu direitinho. Quando falarem do Brasil nesta Copa, todos devem-se lembrar que essa campanha começou com o pé direito. Pé direito e surpreendente de Maicon”, finalizou o repórter da Rede Globo.

Na narrativa de Schmidt, o herói da vitória é patriota, cantou o hino com orgulho. Se não bastasse, tem também uma história de superação. Chegou a ser atropelado, teve que reaprender a andar e agora está “acostumado a fazer jogadas que as pessoas duvidam”. O “roteiro” do jogador Maicon, pode, facilmente, representar uma metáfora de Brasil, um país

que, apesar das dificuldades enfrentadas no passado, com persistência, atinge os seus objetivos. É a história do brasileiro que não desiste nunca ilustrada pelas chuteiras do jogador brasileiro, que não é apenas um número: tem nome, sobrenome, idade e “mereceu os agradecimentos de um país inteiro” pelo feito alcançado.

No *Jornal da Record*, as narrativas enquadradas no grupo “sobre o jogo”, ocupam espaço pequeno na programação. Dos quatro episódios analisados, três programas contaram com três narrativas sobre o jogo e o programa do dia 25 de junho apresentou cinco narrativas. Porém, sobre a partida da seleção brasileira em si, na Record há apenas uma narrativa sobre o jogo e uma conversa em estilo comentário.

Outra diferença foram as entrevistas com os jogadores. Enquanto o *Jornal Nacional* usou a fala dos atletas em todos os programas, o *Jornal da Record* não contou com entrevistas dos jogadores em nenhum episódio e, como foi habitual em toda a cobertura, deu voz à torcida brasileira, sempre presente em suas narrativas.

Dessa forma, para Roberto Thomé, faltou ao futebol da seleção brasileira a alegria da torcida canarinho, de muitos amores à pátria e de duas cores na Copa (verde e amarelo). A criatividade, ausente nas jogadas da equipe nacional, sobrou nas ruas de Johannesburgo, tomadas pela torcida brasileira.

Sobre o jogo, apenas o básico. Estreia nervosa, futebol abaixo do esperado, gols de Maicon e Elano e vitória brasileira. Para os torcedores entrevistados, o Brasil poderia ter jogado melhor, não fosse a escalação do técnico Dunga com três volantes. Apesar disso, os torcedores entrevistados saíram felizes com a vitória e confiantes para os próximos jogos.

Nas outras três partidas da seleção brasileira repercutidas pelos dois telejornais, foram respeitadas as mesmas estruturas, com pequenas alterações no repórter responsável pelas narrativas no caso da Rede Globo. Em relação à quantidade de notícias sobre o jogo, manteve-se a média verificada nesse primeiro episódio em todos os outros programas pós-jogos do Brasil, como veremos nos exemplos das outras narrativas.

4.2.2. BRASIL E PORTUGAL: OS “GUERREIROS” DA DEFESA BRASILEIRA

Após o jogo do Brasil contra a seleção portuguesa, três narrativas do *Jornal Nacional* e uma do *Jornal da Record* sobre a partida. O Brasil já entrou em campo com a classificação garantida e jogava para manter o primeiro lugar no grupo. Já uma derrota dos portugueses poderia eliminá-los da competição. A vitória daria ao vencedor o primeiro lugar no grupo,

enquanto o empate, resultado mais seguro para ambos, manteria tudo como estava: Brasil e Portugal classificados. E foi o que aconteceu.

Difícil saber se o empate era o que os jogadores queriam que acontecesse ou se o placar foi resultado casual. E é por isso que pensar nos fatos, por vezes pode levar a conclusões precipitadas. Na narrativa de Tino Marcos no *Jornal Nacional*, mesmo com a classificação garantida e já disputando a terceira partida do Mundial, a ansiedade “teimava” em perturbar os jogadores. Rostos travados, densos de rivalidade.

Para o repórter, esse papo de zero a zero e times desinteressados é “balela”. O jogo foi duro, disputado em cada trecho do campo, com direito a bola na trave portuguesa e defesa milagrosa do goleiro do Brasil. Trombadas, duelos e intimidação mútua, assim narrou Tino Marcos a partida entre as duas seleções, que tiveram jogadores machucados em lances fortes e advertências com cartões amarelos pelas jogadas mais pesadas.

Já nesse jogo, o volante brasileiro Felipe Melo, apontado posteriormente como responsável pela eliminação brasileira frente à Holanda, acendeu o alerta. Após dar uma pancada em um jogador português, Felipe levou cartão amarelo e foi substituído pelo técnico Dunga, fato considerado pelo repórter como “precaução antes que o cartão ficasse vermelho”.

Com um número alto de cartões amarelos e sem fartura de belos lances, sobraram gritos e gestos. Após o apito final do juiz, porém, toda a tensão acabou e deu lugar à cordialidade total entre os atletas. Apesar da frustração por novamente não ter feito um grande jogo, veio o primeiro lugar no grupo, finalizou Tino Marcos.

Na narrativa seguinte, discurso parecido. Nas palavras de Mauro Naves, em um estádio belíssimo, o espetáculo dos dois times não correspondeu à beleza do palco. Para o atacante Luís Fabiano, o bonito é fazer gols, mas Portugal veio com os onze homens atrás (na defesa). Já para o meio campo Júlio Baptista, “eles (Portugal) não queriam perder, vieram com um jogo muito travado”. Mesmo discurso dos jogadores Josué, Grafite e do técnico Dunga, que reclamou da formação defensiva dos portugueses e disse que eles não queriam jogar.

A narrativa mais espetacular, porém, estava por vir. Para Tadeu Schmidt, de tudo há que se tirar um lado positivo. Se o Brasil não jogou bem, pelo menos não tomou gol pela primeira vez nesta Copa. Destaque do jogo: a defesa. Na narrativa, Schmidt ressaltou a grandeza do zagueiro brasileiro Lúcio, que, em um diálogo imaginado, teria dito ao atacante português Cristiano Ronaldo: “amigão, fica para a próxima, hoje não deu para você”.

Ao longo da matéria, o repórter engrandece a vitória da defesa brasileira, que nos dá segurança mesmo quando a causa parece perdida. Quando um lançamento para a área deixou

Cristiano Ronaldo sozinho para fazer o gol, Lúcio parecia longe demais para bloquear o que poderia ser o gol de Portugal. “Demais foi a recuperação do zagueiro”, disse Schmidt, insatisfeito com a escolha do atacante português como o melhor em campo. “Se Cristiano Ronaldo foi eleito o melhor da partida, o que dizer do marcador que não deixou o português fazer nada de relevante?”, questionou.

Além de anular Cristiano Ronaldo, os passes mais bonitos da partida foram do zagueiro Lúcio, que até se fingiu de parede para parar o adversário. Em última instância, até a mão na bola o zagueiro colocou dentro da área. “Ainda bem que, fora o português, que reclamou, ninguém viu”, disse Schmidt.

Apesar de toda essa dificuldade em parar o adversário, o torcedor brasileiro pode ficar tranquilo. Como é bom saber que depois de tudo ainda há Júlio César! “Quando eu vi uma camisa vermelha chegando, eu falei ‘tem que dar a vida aqui agora’ (risos)”, disse o goleiro da seleção brasileira. Seguindo a linha de um famoso comercial de cerveja veiculado durante a Copa, onde o próprio Júlio César é garoto propaganda, ser brasileiro é ser guerreiro. É ter dificuldades e dar a vida para superá-las, como fez o goleiro da vida real ao “ver uma camisa vermelha chegando”.

No *Jornal da Record*, narrativa mais compacta, sempre com influência da torcida. Ao ouvir na porta do estádio torcedores brasileiros cantando “o campeão chegou”, Roberto Thomé começa sua narrativa: “Por enquanto chegou o campeão do entusiasmo”. A exemplo do que aconteceu na narrativa da partida contra a Coreia do Norte, Thomé defendeu a beleza e empolgação da torcida sobre a burocracia e chatice do futebol brasileiro apresentado em campo.

Para ele, o jogo bonito que todos esperavam não apareceu, e, apesar do primeiro lugar no grupo, não há muito que se comemorar. Em diálogo com a torcida, Thomé encontrou torcedores irritados e outros apenas conformados. Ainda assim, como é característico do brasileiro, seguiam comemorando e tirando sarro com o adversário, como fez um torcedor brasileiro ao recordar que, após perder por 6 a 2 para o Brasil em Brasília, o empate foi um ótimo negócio para Portugal.

4.2.3. BRASIL E CHILE: A VITÓRIA DO GRUPO

Contra a seleção chilena o Brasil atingiu seu melhor resultado no Mundial. Venceu a partida por 3 a 0, sem sustos. Para o repórter Tino Marcos, do *Jornal Nacional*, essa vitória começou a ser construída antes mesmo do apito do arbitro, quando os chilenos, na hora das

cordialidades, se depararam com a cara de mau dos brasileiros. Bonzinho mesmo só o Kaká. Para o atacante brasileiro Luís Fabiano, “fazer uma cara feia é bom para o adversário saber que tem que ter um respeito e que o bicho vai pegar para o lado (sic) deles”.

O jogo começou “carrancudo”, sem grandes chances de gol. Depois do início do jogo, cara de bravo só a do goleiro chileno, que se chama Bravo. Agora, se alguém no time do Brasil tem patente de cara de mal, esse é o Lúcio, que também sabe fazer cara de dor. “Foi pênalti, senhor juiz!”, afirmou Tino Marcos, revoltado com a decisão do árbitro.

Mas logo em seguida veio o escanteio. “Subiu a autoestima, subiu Juan”. Gol do Brasil, construído com a “fraterna retaguarda” do parceiro de zaga Lúcio. Aí até o Luís Fabiano, que pregou cara de mau, se enrolou. No lance seguinte, jogada de quem nunca perdeu jogando junto. Sempre que Robinho, Kaká e Luís Fabiano iniciaram uma partida juntos a seleção venceu. E foi de Luís Fabiano o segundo gol, que driblou o goleiro. Cara e jeito de artilheiro, três gols na Copa.

No segundo tempo já não precisava mais fazer cara de mau. Com 2 a 0 no placar contra um time que a seleção de Dunga já havia derrotado cinco vezes, não havia porque manter a tensão. E veio o terceiro gol, uma alegria para Robinho que marcou seu primeiro gol em um Mundial. Ramirez, responsável pela jogada do gol brasileiro, interceptou a bola e passou pelo meio de dois chilenos antes de entregar a bola para o gol de Robinho. Em seguida, o jogador “franzino” e com cara de bom menino, varreu as pernas do jogador chileno e levou cartão amarelo.

Para finalizar a narrativa sobre o jogo, Tino Marcos afirma: “o melhor resultado da seleção nesta Copa até agora foi construído com jogadas que são a cara da seleção de Dunga nos últimos anos. Bola parada e contra ataque. 3 a 0. Isso tem cara de quê? De abraços e sorrisos. Isso sim é cara de futebol brasileiro”.

Com um placar confortável e sem sustos, a “criatividade” e “empolgação” brasileira que no jogo contra Portugal ficaram apenas na torcida entraram em campo e ajudaram a reforçar, nas palavras do repórter, o que é a cara do futebol brasileiro: “abraços, sorrisos e vitória”, isso sim é cara de Brasil.

Na próxima matéria, contra uma equipe teoricamente mais fraca, até o técnico Dunga relaxou, enquanto o argentino “el loco”, apelido do técnico da seleção chilena, levantou, depois ficou de cócoras e viveu momentos de aflição junto à sua comissão técnica, graças à inferioridade de sua equipe. Assim começou a narrativa de Eric Faria no *Jornal Nacional*. Em suas palavras, a superioridade se refletiu no placar: dois gols e duas vibrações ainda no primeiro tempo.

No banco adversário, “expressão séria”, “fechada”, até o “ar faltava”. Esse confronto dá pesadelos e até “arrepios” ao treinador chileno. Nos últimos três confrontos, três vitórias brasileiras. “É ou não é um bom freguês?”, pergunta Eric Faria. “E freguês bom merece tratamento VIP. Vai uma água? Será que tinha açúcar? Pelo jeito não”. Fim de jogo, três a zero no placar. “Conta fechada e, por favor, um cafezinho para o freguês. Ele bem que merece”, completa o repórter.

Com o clima tranquilo e a vitória garantida, as narrativas utilizaram ainda mais o entretenimento como critério de noticiabilidade. Com a vitória tranquila, vieram as brincadeiras e comparações do bom futebol apresentado pela seleção com as características do brasileiro.

Na narrativa de Roberto Thomé, pelo *Jornal da Record*, novamente a tônica do freguês. Para o repórter, os chilenos entraram em campo querendo fazer história, mas entraram em uma roda bem “brasileirinha”. Para o Brasil, freguês que é bom freguês, nunca tem razão, ainda mais em Copa do Mundo. A “tradição” pesa, e o Chile não resistiu. Aos 35 minutos do primeiro tempo Maicon cobrou escanteio e Juan, de cabeça, fez 1 a 0. Três minutos depois, um ataque “letal” de Robinho, Kaká e Luís Fabiano terminou em “golaço”.

No segundo tempo, Robinho, eleito o melhor em campo pela FIFA, completou arrancada de Ramirez e fechou o placar: Brasil 3, Chile 0. Para o repórter e para os torcedores entrevistados, uma vitória segura, que encheu todos de confiança.

Com três gols marcados em jogadas coletivas e nenhum gol sofrido, na narrativa de Tadeu Schmidt, o destaque foi o grupo. Para ele, em um jogo tão bom, seria impossível pensar em um único destaque. Em suas palavras, e também nas entrevistas com os jogadores, a “entidade chamada grupo”, foi a grande responsável pela bela vitória da seleção.

Em meio a tantos jogadores destaques nessa partida, até uma “mão misteriosa” contribuiu para a vitória da seleção. “De quem será essa mão que tirou o Luís Fabiano da jogada para não atrapalhar Juan? Lúcio é o homem da mão misteriosa. E você nem imaginava que era possível contribuir dessa forma”, disse o repórter referindo-se ao primeiro gol da seleção na partida.

“Essa é a receita dessa seleção, não tem aquele grande astro, tem muitos jogadores com grande responsabilidade”, disse o jogador Kaká que, substituído durante o jogo fez questão de cumprimentar um por um os jogadores que estavam no banco de reservas. “Acaba a partida e o maior ídolo não sai correndo para o vestiário. Cumprimenta um por um outra vez. Tudo dividido, abraços compartilhados em doses iguais. São 23 em nome de 190

milhões. O nome dele é Grupo da Silva Santos, esse cara é o orgulho nacional”, finaliza Tadeu Schmidt.

Ao explicar os motivos pelo qual o futebol e a Copa do Mundo fazem mais sucesso do que as Olimpíadas no Brasil, DaMatta (2003) elege a coletividade e espírito de grupo como fatores determinantes. Segundo o antropólogo, no campeonato Mundial, diferente do que acontece nas olimpíadas, onde a vitória tende a ser mais individual (em vários esportes um atleta representa sozinho o país), o campeonato Mundial de futebol é “um dos raros momentos nos quais sociedade e “nação”, “povo” e “governo”, seguem na mesma direção e compartilham do mesmo evento com um mesmo e irrestrito entusiasmo” (DaMatta, 2003:29).

Essa coletividade é o que permite ao futebol representar e unir a nação em torno de sua prática e comemoração. Se na vitória, como aconteceu contra o Chile, quem ganha é o time, que joga de forma alegre, na derrota, erros individuais são apontados e características indesejadas ao verdadeiro brasileiro começam a aparecer, como veremos agora nas narrativas da eliminação do Brasil na Copa do Mundo 2010.

4.2.4. BRASIL E HOLANDA: A SOLIDÃO DA DERROTA

Com a vitória considerada pelos telejornais como tranquila contra a seleção chilena, o Brasil se classificou para as quartas de final do torneio e, ao contrário do jogo anterior, onde as narrativas chamaram o adversário de “bom freguês”, o próximo desafio não trazia apenas boas lembranças. A Holanda, apelidada na década de 1970 de “laranja mecânica”, já havia eliminado o Brasil na Copa do Mundo de 1974. A seu favor, a seleção brasileira tinha o trunfo de 1998, quando eliminou os holandeses na Copa da França. Era o tão esperado duelo entre duas equipes consideradas “favoritas” à conquista do Mundial.

Na narrativa de Roberto Thomé, do *Jornal da Record*, o jogo bonito, que todos esperavam, apareceu. Só que a cor desta quarta de final foi laranja. No primeiro tempo, o azul, cor usada pela seleção brasileira, dominou a partida. Melhor atuação do Brasil no Mundial. Logo aos 10 minutos do primeiro tempo, Robinho completou para o gol o belo passe de Felipe Melo e abriu o placar. Após o gol, porém, a seleção perdeu diversas chances de aumentar o placar e tomou a virada no segundo tempo.

Aí começaram a aparecer as falhas da seleção. No primeiro gol holandês, “Júlio Cesar errou na falta cobrada por Sneijder e Felipe Melo fez o gol contra”. Em seguida, em um escanteio, o segundo gol da Holanda. Sneijder, de cabeça, decretou a eliminação do Brasil. Com pouco tempo para se recuperar no placar, bateu o desespero. Não bastasse isso, o

jogador Felipe Melo ainda foi expulso após pisar no holandês Robben e se tornar o jogador mais visado e culpado pela derrota da seleção.

Era o fim da festa, do glamour e dos jogadores guerreiros. Logo que o jogo acabou, todos os jogadores e delegação entraram rapidamente no hotel e ninguém mais foi visto pelos torcedores. Para Roberto Thomé, os erros individuais da seleção superaram o futebol coletivo e o projeto do hexa virou sonho para 2014.

Mal acabou a partida e a torcida já se baseava nessa esperança. “No Brasil, com certeza vamos dar a volta por cima e vamos ser hexa campeão”, dizia um torcedor, já prevendo o triunfo em 2014. “Foi morte anunciada. Sabíamos. O Dunga, infelizmente, morreu abraçado com o seu grupinho”, disse outro torcedor brasileiro, contrariando o ‘grupo’ narrado após o jogo contra o Chile.

Segundo o torcedor consolado, para torcida brasileira é difícil de aceitar, mas a Holanda jogou melhor e mereceu o resultado. Já para a torcida presente na África do Sul, nas palavras de Thomé, a sexta-feira, que poderia ser gloriosa para o futebol brasileiro, terminou com a cara “triste”, “melancólica” e “cheia de lágrimas”.

A partir dessa primeira narrativa da derrota exposta aqui, já é possível perceber como todas as características positivas se invertem. Tudo virou tristeza. Não havia mais em campo um time guerreiro, alegre e unido. Na derrota, o time guerreiro e contagiante, adjetivos vinculados a patrocinadores da seleção, deixam de aparecer. Associar os produtos a um time derrotado já não parece ser um bom negócio.

Na narrativa de Tino Marcos, do *Jornal Nacional*, para a mulher, o homem e a criança que torciam pela seleção, aquilo não era penas um fim de tarde, era o fim. Para o goleiro Júlio César, com as atuações do segundo tempo, o time holandês mereceu ganhar a partida. E foi por isso que doeu mais. Porque não parecia que seria assim.

Para Tino Marcos, os olhos ‘esbugalhados’ de Robinho gritando era a cara de uma seleção que tinha pressa e vontade. Já no primeiro contra-ataque, gol de Robinho anulado pelo juiz. Dois minutos depois, em um momento ‘espetacular’ de Felipe Melo, conclusão perfeita de Robinho: gol do Brasil. Naquele momento, Felipe Melo foi tão saudado quanto Robinho. “Não sabia que a passagem dele pelo céu duraria pouco”, antecipa o repórter.

Defesa exuberante e ataque aprontando na frente. Isso foi o primeiro tempo. Infelizmente, houve o segundo. E logo na saída de bola brasileira, bola para fora. Quarenta segundos depois, ‘firula’ perigosa de Felipe Melo. Era o herói começando a transição para vilão. “Schneider não esperava fazer o gol, mas Felipe e Júlio ajudaram. A bola quase passou

direto, raspou na cabeça de Felipe. O céu não existia mais. O primeiro gol “contra” do Brasil em uma Copa do Mundo”, anunciou Tino Marcos.

E podia ficar pior. A seleção, que começou mal o segundo tempo, piorou, vítima de seu próprio “desequilíbrio emocional”. Relembrando o drama de 1998, quando o Brasil perdeu a final da Copa para a França, o atacante holandês Schneider virou o “Zidane” da vez (atacante francês). O “carrasco versão 2010”, mede apenas 1,60m. Nunca havia feito um gol de cabeça sequer. Até hoje. Gol do baixinho Schneider em cima da zaga mais badalada do mundo.

Para ficar pior, além da desvantagem no placar veio a desvantagem numérica. “Com o pé em Robben, Felipe Melo pisava de vez sobre o destino infeliz que vai marcar a despedida dele desta Copa”. Ao “desespero” brasileiro, somavam-se os contra-ataques holandeses. A seleção estava mais perto de sofrer o terceiro gol do que de empatar a partida. A seleção “não mereceu chegar à semifinal”, decretou Tino Marcos.

Na narrativa de Mauro Naves, do *Jornal Nacional*, também era difícil imaginar que a cor laranja daria o tom da festa após um primeiro tempo tão vitorioso e envolvente da seleção brasileira. Ao contrário da narrativa de Tino Marcos, onde o goleiro Júlio César e o próprio repórter acharam justo o placar negativo para o Brasil, na matéria de Mauro Naves, o zagueiro Juan discorda dessa opinião. Para os jogadores Juan, Maicon e Robinho, a superioridade brasileira no primeiro tempo da partida mostra a injustiça do placar.

Questionado se seria mais marcado que os outros jogadores pela derrota, Felipe Melo, apesar de ter agredido um jogador holandês, nega essa marcação. “É diferente você ser expulso porque você deu um soco na cara do jogador, porque você cuspiu na cara de alguém ou por uma jogada normal, num lance de jogo”, disse o jogador.

Para o zagueiro Lúcio, bastante elogiado em todas as outras partidas, a derrota o deixou com “o coração destruído”. Para Júlio César, era o sonho que se acabava, enquanto Kaká lamentava a derrota apesar do grupo forte e desabafava sobre a dor que estava sentindo.

As adjetivações mais fortes e narrativas mais espetaculares sobre os erros da seleção vieram com a reportagem de Tadeu Schmidt. Para o repórter, após um primeiro tempo “excelente” e “insuperável”, onde Felipe Melo foi “brilhante” até onde não se esperava dele, como no passe para o gol de Robinho, a sorte do jogador e da seleção mudou. Em sua narrativa, “uma bola viaja pelo campo “amaldiçoada”, para estragar tudo. Enquanto três brasileiros marcavam três holandeses, Felipe Melo era o único que não marcava ninguém”.

Para o repórter, “era o destino de Felipe Melo que estava “marcado”. Talvez nem tenha sido culpado no lance, mas acabou fazendo o primeiro gol “contra” brasileiro em uma

Copa do Mundo”. E tinha mais: se isso já não fosse “cruel” demais, quando a Holanda marcou o gol da virada, era Felipe Melo quem estava na marcação. O jogador chegou a encostar a mão nas costas do holandês, mas “desistiu”. Atrás no placar, “o nervosismo que tomou conta de todos os brasileiros, jogadores ou não, se revelou mais forte nele (Felipe Melo). Um gesto impensado, intempestivo e a expulsão”.

Após ressaltar qualidades negativas ao jogador Felipe Melo dentro de um cenário “amaldiçoado”, Schmidt afirma que esse era o destino do jogador. O “nervosismo” bateu mais forte nele do que nos outros jogadores. Tentou, mas “desistiu” e agiu de forma impensada, intempestiva e por fim foi expulso. Felipe Melo foi o primeiro jogador na história das Copas a fazer um gol contra e a ser expulso no mesmo jogo. Apesar de tudo isso, nas palavras do repórter, “Felipe não merece ser considerado culpado, apenas personagem central de um jogo muito ruim”.

Se na vitória quem ganha é o grupo, na derrota são apontados culpados individuais. Em outras palavras, o time ganha quando joga de forma coletiva e munido das características positivas do brasileiro, perde devido a erros individuais e comportamentos indesejados, como “nervosismo”, “descontrole” e falta de persistência (desistiu). Esse é o gosto solitário da derrota. É como se o time deixasse de representar o Brasil e os brasileiros, o povo que não desiste nunca.

Nem o dia, que nos outros jogos estava com “cara de Brasil”, manteve as características nacionais. Ficou com cara de fim de festa. O verdadeiro brasileiro, que honra as características imaginadas a qual é conhecido durante as narrativas, foi representado pela torcida que, durante todo o Mundial, independente do resultado, compareceu alegre e acreditou no time até o último instante, como veremos agora.

4.3. AS NARRATIVAS DA TORCIDA BRASILEIRA

A partir daqui, a análise das narrativas será focada no material “extra campo”, que será dividido em duas partes. Nesse primeiro item, serão expostas as narrativas que mostraram a torcida brasileira nos estádios sul-africanos, em transmissões públicas dos jogos realizadas no Brasil e também em outros países.

Já no próximo item serão consideradas as narrativas da torcida que foram vinculadas a ganhos no comércio, o impacto do Mundial na economia e narrativas que associaram o tema a outros assuntos, como a agenda dos políticos, o funcionamento de serviços públicos e as enchentes no Nordeste.

As matérias que preenchem o grupo “extra campo”, ocuparam grande espaço na programação dos telejornais. Em especial no *Jornal da Record*, é possível afirmar que a torcida brasileira foi personagem principal das narrativas do programa. Se a média do *Jornal da Record* foi de apenas três narrativas sobre o jogo por programa, por outro lado, as notícias “extra campo” passaram de dez em alguns episódios.

Deste total, a maior parte foi produzida a partir de narrativas que falaram sobre a torcida brasileira, suas cores, gritos e costumes tipicamente brasileiros. Nesse quesito, o *Jornal Nacional* não ficou para trás e também produziu narrativas que representaram e de certa forma estereotiparam identidades e costumes nacionais.

Logo na estreia da seleção no Mundial, no dia 15 de junho, na narrativa de Mônica Sanches, do *Jornal Nacional*, vemos uma torcida que gosta de ir para a rua. Reúne a turma e faz a festa nas praças e nas praias. Ocupa espaços com gente “vestida para a felicidade”. Se os jogadores estavam ansiosos, na torcida não foi diferente. Segundo a repórter, o começo do jogo foi só ansiedade e o “coração de São Paulo pulsou acelerado” no Vale do Anhangabaú. Até o centro da cidade, tão barulhento, se calou no nervosismo do primeiro tempo.

E não foi só em São Paulo que isso aconteceu. Em Minas Gerais, mais de 10 mil torcedores foram à Praça da Estação e ficaram de mãos juntas, em sinal de prece. Em Copacabana, o primeiro gol foi comemorado com muita emoção, enquanto em Salvador os tambores pediam mais gols no Pelourinho. E o gol veio, segundo a repórter, com “a benção do anjo da guarda”.

No final, gol da Coreia do Norte. A torcida brasileira protestou e até chorou. Mas depois, a chuva da vitória caiu sobre o Recife e com ela também a vontade de continuar festejando. “A seleção vai seguir abençoada por esta torcida que ainda promete muitos espetáculos”, finalizou Mônica Sanches.

A alegria brasileira esteve presente em todas as narrativas, seja em terras tupiniquins, ou em território estrangeiro como narrou o repórter Luiz Monteiro, do *Jornal da Record*, em matéria gravada na porta do estádio onde o Brasil enfrentou a Coreia do Norte. Lá, até o maior jogador de todos os tempos de Camarões (Roger Milla), botou fé na seleção. Para o jogador, o nosso futebol é o mais bonito do mundo.

Para evitar o frio de Johannesburgo, alguns torcedores preferiram acompanhar o jogo saboreando um verdadeiro churrasco brasileiro. “Não dá não. Está muito frio lá fora. E não tem nada melhor do que comer uma picanha e uma feijoada”, disse o torcedor que preferiu ver o jogo com os amigos em um restaurante da cidade. Para finalizar, Luiz Monteiro dá seu veredicto: “fim de jogo no Ellis Park, vitória do Brasil. Aqui não falta carvão, nem calor

humano. Até quem tinha cara de coreano vibrou. E no próximo domingo, pode esperar, vai ter mais picanha na brasa”.

Longe da terra natal ou do país da Copa, também teve torcida representando o jeito brasileiro de comemorar. Em Nova Iorque, nos EUA, o repórter Herbert Moraes, do *Jornal da Record*, narrou a atenção com que os torcedores acompanharam a primeira partida da seleção. Olhos grudados no telão, capricho no figurino e claro, muita animação.

Em Jerusalém também teve torcida, e foi em uma churrascaria. O dono do lugar, um israelense, entrou na torcida e até criticou o técnico Dunga por não levar Ronaldinho para o Mundial. Aos brasileiros fica a saudade de casa. “Não é a mesma coisa que estar no Brasil, mas em qualquer lugar do mundo, Brasil vai ser sempre Brasil”, diz um dos torcedores que mora em Israel.

Em Belém, nas Cisjordânia, os palestinos trouxeram até a bandeira brasileira. O dono do bar, fã da seleção canarinho, garantiu que se o Brasil chegasse à final enfeitaria a rua inteira com as cores do Brasil. Para Herbert Moraes, “quando vemos o Brasil jogar, pelo menos por 90 minutos “esquecemos o conflito”. Em Copa do Mundo, Israelenses e palestinos torcem pelo mesmo time. Coisas, do futebol”.

Essas representações do futebol mostram a força narrativa desse esporte. Nas palavras dos jornalistas, o futebol organiza o mundo, coloca ordem no caos, reúne pessoas. As imagens e exemplos mostrados pelos telejornais, porém, são um recorte. É impossível, pelas narrativas, saber o que realmente acontece e qual a representatividade das pessoas envolvidas nessa emoção na região Palestina por exemplo.

As narrativas mostradas são a representação do espetáculo. Não do jogo, mas de uma representação espetacular por imagens que mostram partes de uma realidade que não necessariamente são a realidade. Escondem conflitos, misérias e problemas políticos. Bem por isso, colocam ordem no caos. Mostram uma parte bela da realidade, onde povos se abraçam e esquecem os conflitos enquanto a bola está rolando. Organiza. Mostra pessoas felizes e incluídas em um convívio social por meio do gosto pelo futebol e pelo pertencimento aos hábitos nacionais, como comemorar com churrasco, pintar o rosto e as ruas.

Em São Paulo, por exemplo, na narrativa de Emerson Ramos, dois torcedores correram para terminar a pintura da rua antes da estreia do Brasil na Copa e afirmaram: “é um trabalho em equipe. A gente faz isso porque gosta, e fazemos sempre”, disse.

Na África do Sul, a alegria brasileira levou o até o “rebolation” para os estádios, que para homenagear o ex-presidente sul-africano Nelson Mandela, virou “mandelation” na narrativa feita por Eric Faria para o *Jornal Nacional* no dia 15 de junho. Na comemoração,

além do “barulhation”, como foi apelidado pelo repórter, “o verde e o amarelo reuniu todos os sotaques e também a tradicional combinação entre tamborim, samba e sorriso”.

Na narrativa de Regis Rösing, no *Jornal Nacional* do dia 28 de junho, a *vuvuzela* sul-africana ficou fraquinha perto do acordeom brasileiro. “A bateria de um homem só anuncia: é carnaval em Johannesburgo”, completou.

Até nas isoladas tribos indígenas brasileiras teve torcida animada pela seleção. Na narrativa de Cassiano Rolim, no *Jornal da Record* que foi ao ar no dia 25 de junho, os índios não esqueceram que o adversário do dia (Portugal), no passado “conquistou os povos da floresta e maltratou os povos brasileiros”, afirma o torcedor da aldeia que explicou que, em dia de jogo da seleção, só entra na maloca quem tem bons pensamentos. Para o repórter, o ambiente vira uma concentração, e, por que não, um “barulhão”? Em criatividade, a tribo não quer perder nada para os sul-africanos. Feita de palha de inajá, os índios criaram um instrumento ainda mais barulhento que as *vuvuzelas*.

Ao fim do jogo, os índios ainda mostraram que conheciam os jogadores e deram seu veredicto sobre a partida: “Hoje teve empate porque faltou o Robinho, Kaká. Mas próximo jogo a gente espera mais ainda”, disse o torcedor.

E diferente da seleção, nem na derrota a torcida brasileira perdeu suas características. Antes de o jogo começar, na narrativa de Ogg Ibrahim, do *Jornal da Record* do dia 2 de julho, “fogo acesso, sal a gosto e cuidado para não passar do ponto. Todo churrasqueiro tem o seu segredinho e essa turma aqui faz churrasco desde o primeiro jogo da seleção brasileira na Copa”.

No *Jornal Nacional*, segundo o repórter Bruno Laurance, na África do Sul, um dia com “cara de Brasil”. Muito sol, calor e até um samba improvisado saiu. Entre brasileiros e holandeses, rivalidade rimou com amizade. Ambos sabiam que só uma torcida sairia sorrindo. Antes de a bola rolar por que então não sorrir juntos? Mas veio o apito final e a resposta sobre quem continuaria sorrindo. Como convencer a criança de que tudo era apenas um jogo de futebol? Para o repórter, é hora de arrumar as malas e voltar para casa, mas já pensando no futuro. “A gente podia ser hepta em 2014, vamos ter que ser hexa em 2014, fazer o que?”, disse o torcedor já confiante da conquista na próxima Copa.

Para a repórter Sandra Moreyra, no *Jornal Nacional* do dia 2 de julho, antes do início da partida, parecia um dia perfeito. “Hino nacional no ritmo da bateria da Mangueira e a praia de Copacabana pronta para mais um espetáculo”. Se na África a seleção não conseguiu avançar na competição, no Rio de Janeiro a torcida fez a parte dela. Compareceu colorida, alegre e vibrante como sempre. Nos pontos de transmissão pública das partidas organizados

pela Fifa e pela Rede Globo, gente de todos os cantos do país torceram juntos. No meio da multidão, um grupo de holandeses decretou: “o Brasil vai chorar depois do jogo”. Mas do nosso lado também tinha profeta, disse a repórter: “Se passar hoje é campeão, o mais difícil é hoje”, profetizou um torcedor brasileiro.

E os festejos, na narrativa da repórter da Rede Globo, se seguiram por todo o Brasil. Em Recife, o colorido do frevo “tomou” a praia do Pina. Em Salvador, no Pelourinho, o batuque e a fé. Em Belo Horizonte, o fervor da torcida mineira e, no Vale do Anhangabaú, a força da multidão paulistana. Por todo o país a “torcida canarinho” cumpriu seu papel. Sonhou, gritou, prendeu a respiração, fez mandinga e acreditou até o último minuto. E depois se desmanchou. Lágrimas, tristeza e decepção. “Brasil é isso aí. Ganha, perde, nós estamos aí. Não desiste nunca”, disse o torcedor em prantos enquanto o outro, com a taça na mão e aquela cara de fim de festa já previa o sucesso da seleção em 2014.

Assim como os profetas da narrativa acima, essa tendência em prever resultados ou depositar a crença no sucesso da seleção em coisas não convencionais, teve espaço também na narrativa de Ana Paula Gomes, no *Jornal da Record* do dia 15 de junho. Em reportagem feita com a torcida brasileira, a repórter se deparou com o galo “Paquito”, um veterano na torcida brasileira. “Pé quente”, o galo costuma dar sorte a seleção. Após a apresentação do “galo da sorte” pela jornalista, a ave começa a cantar e a multidão ao redor vibra com a promessa (feita por um galo) de vitória no jogo que aconteceria naquela mesma tarde.

Segundo DaMatta, (2003:25), no Brasil é rotineiro atribuir a um fator moral a vitória ou a derrota de um time ou pessoa. “Ganhamos – graças a Deus, ou a Nossa Senhora da Penha, ou aos orixás, ou a nossa fé – ou perdemos (por falta de garra, por ausência de altruísmo, desmedido individualismo e puro ou simples e terrível azar)”, completa o autor.

Nas narrativas das torcidas e também nos textos dos repórteres sobre os jogos citados anteriormente, essa característica atribuída aos brasileiros por DaMatta, aparece em vários trechos. Na derrota, por exemplo, a bola do gol holandês estava “amaldiçoada”. Já o torcedor que acreditava na seleção, fechou os olhos, realizou suas preces, acreditou e vibrou com os gols da seleção, que para a repórter, vieram com a ajuda do nosso “anjo da guarda”.

Como vimos até aqui, na vitória ou na derrota, a torcida brasileira mantém suas características. Na torcida pela seleção, o povo brasileiro representado pelas narrativas, chorou, torceu, vibrou e, principalmente, acreditou. É como se todos estivessem assistindo ao espetáculo e representando, cada um, um pedacinho de um Brasil imaginado.

No próximo item, veremos as narrativas da torcida que lembraram a relevância dos jogos e das comemorações em seu trato com a economia. As narrativas do futebol ultrapassam

a linha do gol. Isso porque o evento, mesmo realizado em outro continente, movimentou o comércio, gera empregos e influencia as agendas dos políticos, como será exposto agora.

4.4. AS NARRATIVAS “EXTRA CAMPO” DO FUTEBOL

Após falar das narrativas sobre os jogos e sobre as torcidas, neste item serão mostradas as narrativas que vincularam o futebol a assuntos “extra campo”. Nesse grupo merecem destaque as narrativas sobre o aumento nos lucros do comércio e a força do maior evento esportivo do mundo em movimentar a economia. Vale lembrar, que como afirmou o técnico Dunga em entrevista coletiva, a própria seleção brasileira é, não só um produto, como “o melhor produto que o Brasil tem e que exporta para o mundo inteiro”.

Com o alto interesse popular e a grande visibilidade do evento, como já foi mostrado nos itens anteriores, não basta torcer pelo time nacional. Existem formas de o verdadeiro brasileiro torcer e comemorar as vitórias da seleção, como disse o repórter Ogg Ibrahim, por exemplo, no *Jornal da Record* do dia 02 de julho, ao mostrar o “fogo aceso e sal a gosto antes de o jogo começar”.

Existem produtos e estilos de vida fortemente associados a essas comemorações e jeito alegre de ser do brasileiro, itens que foram lembrados e vinculados por algumas narrativas dos telejornais que falaram sobre o aumento do movimento em bares e restaurantes, onde a torcida juntou os amigos e aproveitou a festa para consumir. E esse não foi o único exemplo do trato do Mundial com a economia. O evento também aumentou as vendas nos supermercados de itens como carvão, carne e cerveja e movimentou a produção industrial e comércio popular de itens personalizados da seleção, como camisetas, bandeiras e cornetas.

Nas notícias do *Jornal Nacional*, encontramos exemplos de narrativas que representaram o estilo nacional e o gosto brasileiro pelas comemorações, jeito alegre e festeiro. Porém, não há referências ao aumento do movimento no comércio ou na indústria. As narrativas que falam diretamente sobre o trato do evento com a economia se concentraram na cobertura feita pelo *Jornal da Record*, que, por não ter o direito de transmissão das partidas, teve um foco narrativo mais voltado para a torcida e para a influência do Mundial na rotina dos brasileiros, movimento no comércio e aquecimento na produção industrial.

Nas narrativas do *Jornal Nacional*, apesar de pequeno, teve espaço o impacto do trânsito nas cidades brasileiras. Nas palavras de William Bonner, âncora do telejornal, a estreia da seleção na África do Sul deu um nó no trânsito nas principais cidades brasileiras. Engarrafamentos por todos os cantos e pontos de ônibus lotados. Em São Paulo, às 15 horas,

203 km de congestionamento, recorde para o horário. “Depois, com a bola rolando, uma tranquilidade rara no trânsito paulistano”, disse o jornalista.

Outra referência importante ao esporte em seu trato “extra campo”, foi a vinculação do tema com as enchentes no Nordeste brasileiro. Os dois telejornais produziram narrativas sobre o tema e mostraram o futebol como alívio do sofrimento do povo que tinha perdido vidas, bens materiais e “até a esperança”.

Nas palavras de Beatriz Castro, do *Jornal Nacional* do dia 25 de junho, na rodoviária de Murici, interior de Alagoas, “a pequena TV atraiu todos os olhares. Durante alguns instantes, a maior paixão dos brasileiros aliviou as preocupações daquelas pessoas”.

No *Jornal da Record*, após a apresentadora Ana Paula Padrão anunciar 51 mortes causadas pelas enchentes, o âncora Celso Freitas também falou sobre a torcida pela seleção brasileira nas cidades devastadas pelas chuvas. Na narrativa, destruição e esperança. Com casas e eletrodomésticos destruídos, quem quis ver o jogo teve que se deslocar até o centro da cidade, como fez Gilvan, que pedalou por 20 minutos, da zona rural onde mora até o centro e conseguiu chegar a tempo de ver a seleção jogar. “Não podia perder, não. É importante (ver o jogo do Brasil), nê (sic)?”

Na cidade de Rio Largo, apesar de toda a destruição provocada pela enchente, os moradores também conseguiram parar e acompanhar a seleção em um abrigo onde estavam dez famílias. Apesar da destruição e da falta de conforto do lugar, ver o Brasil em campo aliviou o sofrimento de Fábio. “A gente não pode viver também só pensando no que aconteceu, temos que pensar num futuro mais pra frente, nê (sic)?”, disse o morador.

Apesar desse alto apelo de que “todos devem acompanhar a Copa”, no *Jornal da Record*, ao contrário do *Jornal Nacional*, houve espaço para quem não participou dessa “função terapêutica temporária”. “Nem jogo de Brasil nem nada mais, pra mim acabou. Sofrimento de mais, a situação é grave. Meus irmãos perderam as casas”, disse uma moradora em prantos à repórter do *Jornal da Record*. Assim como Dona Antônia, que nem lembrou que tinha jogo do Brasil.

Também nos postos de arrecadação de doativos, diferente do que fez pensar a narrativa do *Jornal Nacional*, de que mesmo com o sofrimento todos pararam para ver o jogo, lá ninguém parou para ver a seleção entrar em campo. Maria José, até se vestiu de verde e amarelo, mas a prioridade era outra. “Tem mais gente sofrendo nessa lamentável [...] o que aconteceu nê (sic)? Mas junto com as minhas colegas a gente tá fazendo o que pode (sic)”, disse a moradora que trocou a partida pela ajuda humanitária.

E essa não foi a única vez que o *Jornal da Record* falou sobre brasileiros que não acompanharam os jogos. Se no caso acima a recusa foi por motivo de força maior, em matéria transmitida no mesmo dia das notícias sobre as enchentes, a narrativa da repórter Cristiana Gomes falou sobre os brasileiros que aproveitaram a calmaria para aproveitar as cidades.

Durante a partida, em Santos, litoral de São Paulo, o tempo estava bom para pescar, disse um morador. Em Recife, outro brasileiro afirmou preferir aproveitar a tranquilidade para refletir a assistir a partida. Em cidades grandes, com paisagens bonitas, também tem sempre alguém que prefere fazer exercícios quando a seleção entra em campo. Durante 90 minutos, ruas vazias. Quem não gosta de futebol, descobre que o silêncio é valioso. “Será mesmo que alguém consegue ficar assim tão indiferente a uma Copa do Mundo?”, questiona a repórter. “Richard consegue”, afirma. E mais, despreza a Copa, finge que nem existe e acha exagerada a vibração dos brasileiros com o evento.

As matérias do *Jornal da Record* que mostraram a existência de brasileiros que não se engajam com o evento, apesar de mostrar uma possibilidade que não foi citada em nenhum momento por sua concorrente, mostraram apenas dois tipos de brasileiros que estariam isentos da paixão pela seleção: no primeiro grupo, pessoas cercadas por uma tragédia natural e que certamente tinham coisas mais urgentes com o que se preocupar. No segundo grupo, uma minoria de pessoas que, justamente por não ligarem para ao evento, são tratadas como diferentes e estranhas.

Fora esses dois grupos mostrados pelo *Jornal da Record*, nas narrativas dos telejornais o restante da população parou o que estava fazendo para acompanhar o Mundial e mudaram a rotina das empresas, do comércio, do serviço público e até dos políticos.

Na estreia do Brasil na Copa, nas palavras do apresentador do *Jornal da Record* Celso Freitas, em dia de jogo do Brasil até a atenção dos candidatos à presidência se voltou para a seleção. Na narrativa, os locais onde cada candidato assistiu ao jogo mostrou a preocupação dos políticos com a seleção e os marcou como verdadeiros brasileiros.

Em Brasília não foi diferente. Acostumados a falar sobre as votações e decisões importantes na câmara, no dia 15 de junho o repórter Alessandro Saturno, do *Jornal da Record*, narrou a debandada dos deputados e senadores para os seus estados de origem. “Ainda no aeroporto eles prometeram que mesmo com a seleção em campo voltariam para trabalhar”, disse o jornalista que seguiu a narrativa com entrevistas com alguns parlamentares.

No texto, o deputado Ibsen Pinheiro afirmou que voltaria para o trabalho e acompanharia os jogos na câmara. “Radinho no ouvido acompanhando a votação e o Brasil no telão do salão verde”, contou Ibsen. Já Fernando Gabeira, afirmou que todos deveriam

trabalhar, mas não na hora do jogo. Nas palavras do repórter, mesmo que os parlamentares quisessem, o dia era realmente de pouco trabalho no congresso. Até uma importante votação sobre o “pré-sal” havia sido adiada e o expediente reduzido.

Faltando duas horas para o início do jogo os servidores apertaram o passo para ir embora. Até os seguranças fecharam as portas apressados para limitar o acesso ao congresso. Segundo o repórter, “depois [do jogo], até teve muita gente no plenário. Agora, votação que é bom mesmo, nada. Se o congresso é o retrato do país ...”, indagou o repórter, que em seguida teve a fala completada pelo então deputado federal Raul Jungmann, que disse não acreditar que alguém durante o jogo teria cabeça para trabalhar.

E as narrativas seguintes mostraram que esse era realmente o “retrato do país”. No dia 2 de julho, dia da eliminação da seleção brasileira, o repórter Jean Brandão visitou uma central de serviços públicos (Poupatempo) na Zona Leste de São Paulo e constatou que, apesar do funcionamento do serviço, com exceção de algumas pessoas que aproveitaram a oportunidade para resolver problemas com documentação, o movimento foi quase zero.

Durante o jogo a torcida dos funcionários que precisaram trabalhar no posto de atendimento era para que não aparecesse ninguém para ser atendido. Pelas cadeiras vazias, parece que a maioria dos brasileiros estavam mesmo era preocupados com o jogo da seleção. Os assentos que um dia antes estavam lotados permaneceram vazios durante toda a partida.

Com o baixo movimento, Cícero, funcionário do posto de atendimento, dividiu a atenção entre o trabalho e a TV do celular, onde viu o único gol do Brasil. “Mas bastaram os dois gols para a Holanda acabar com os futuros momentos de descontração dos trabalhadores brasileiros”, disse o jornalista.

Na mesma narrativa, de Jean Brandão, no aeroporto de São Paulo, que teve expediente normal, o clima foi de “apreensão” entre os funcionários e muita gente não conseguiu “espiar” o jogo e por isso não viram a derrota brasileira. Foi o caso de “Seu Pedro”, que já acompanhou 13 Copas carregando bagagens em rodoviárias de São Paulo e lamentou a derrota da seleção.

Ao fim do jogo, quando o comércio reabriu as portas, muitos funcionários ainda tiveram um trabalho ingrato: retirar os enfeites que alegraram os torcedores. “Tudo que era verde e amarelo perdeu espaço. A camiseta da Copa entrou em promoção. Com a derrota, muita coisa ficou fora de moda. E as *vuvuzelas* vão ficar silenciosas por algum tempo. O destino por enquanto é o estoque”, finalizou o repórter.

Esses mesmos produtos “patrióticos” que com a derrota foram para o “estoque”, durante o Mundial movimentaram a economia. Na narrativa de Mauro Wedekin, no *Jornal da*

Record do dia 15 de junho, “as máquinas que produziam camisas da seleção não pararam”. Na região de Santa Cruz do Capibaribe, no agreste de Pernambuco, cinco mil confecções produziram mais de 500 mil peças, que foram vendidas para todo o país. A produção foi 50% maior que na Copa anterior e aumentou a oferta de empregos na região.

Segundo o repórter, por lá todos torceram pela seleção. Isso porque, vitórias, significavam mais encomendas, trabalho e gols para comemorar. Para Jânio, dono de uma das fábricas, as vitórias do Brasil geraram mais emprego, aumentaram a produção e o lucro. Já para Joanildo, funcionário da confecção, a Copa foi uma oportunidade de emprego. Chamado pelo repórter de “Robinho” da seleção do bordado, Joanildo se disse orgulhosos por trabalhar na confecção desses produtos que rodaram o Brasil e causaram disputa entre os consumidores.

E nas palavras de Natália Leite, no *Jornal da Record* do dia 15 de junho, causaram mesmo. No centro de São Paulo era difícil até chegar perto da camisa da seleção. Nas ruas e nas lojas, as camisas com as cores da seleção eram vendidas rapidamente. Para os compradores, o preço baixo ajudava. Enquanto uma camisa oficial custava quase R\$240, no comércio popular havia opções a partir de R\$5. E tinha de tudo, dos modelos “baby look” aos mais parecidos com os uniformes oficiais da seleção. Mas a mais procurada mesmo era a camisa 10 de Kaká.

E as camisas da seleção tinham destino certo. Na mesma narrativa a repórter Natália Leite visitou uma agência de publicidade e constatou que “assim como em boa parte dos escritórios do país, nessa agência todos vieram exibindo as roupas novas. Em dia de jogo não importa o tipo e nem o preço da camiseta [...] o importante é usar as cores da seleção para se sentir mais perto, empurrando os jogadores para a vitória”, disse a repórter.

Situação igual as presenciadas pelo repórter Emerson Ramos no *Jornal da Record* no dia 25 de junho. Na multinacional, pausa no trabalho para torcer. Já na montadora de automóveis, até parecia torcida organizada. Linha de produção parada durante o jogo enquanto os funcionários torciam com camisa, bandeira, corneta e muita confiança. “Hoje é a vez do Brasil, hoje não é a vez da empresa, agora é o coração que fala mais alto”, disse um dos torcedores mais empolgados.

E para quem foi liberado do trabalho, bares e restaurantes serviram de ponto de encontro para a festa. Em narrativa de Ana Paula Gomes no *Jornal da Record* do dia 25 de junho, “o carioca lotou os bares da cidade”. E a festa não foi só dos que tiraram folga do serviço. “Para quem está procurando trabalho, a torcida maior é pelo emprego”, disse a repórter que em entrevista com o dono do bar constatou que o local precisou reforçar a

equipe. “Cada vez que o Brasil ganha nossa casa enche mais ainda”, disse o proprietário do local.

Para o grupo de samba, foi a garantia de agenda lotada. “Se o Brasil ganhar dá pra ganhar um dinheirinho a mais, é mais animado. Aí duplica o cachê, nê (sic)? Final supervaloriza, o chope aumenta, o músico tem que ganhar mais”, disse o vocalista do grupo. Na mesma reportagem, segundo o sindicato de bares e restaurantes do Rio de Janeiro, o movimento em dias de jogos da Copa aumentou em até 50%.

E assim também aconteceu nos supermercados. Em narrativa de Ogg Ibrahim, no *Jornal da Record* de 2 de julho, em 2010 o consumo de produtos como carne, carvão e cerveja subiu cerca de 15% e foi motivo de comemoração para os comerciantes, que mesmo em um mês de inverno venderam quase a mesma quantidade de cerveja vendida em um mês de verão.

Se para Celso Freitas, mesmo com a despedida da seleção na Copa, a informação do aumento das vendas garantiu a farra nos dias dos jogos para os donos de supermercado, na narrativa de Cristiana Gomes, também do *Jornal da Record*, ao fim do jogo contra a Holanda, o que se via era a imagem de uma festa que não houve. Era possível ver o tom de tristeza bater forte até no gesto dos vendedores. Para a repórter, era hora de “recolher as armas e guardar o que antes era exibido com orgulho”. E nessa hora, teve gente que reagiu com raiva.

Na Saara, maior área livre de comércio popular do Rio de Janeiro, assim que o jogo terminou começou uma super “queima de estoque”, mas nem assim os produtos interessavam ao público. Em apenas 90 minutos, o maior símbolo nacional (bandeira) tão procurada durante os jogos, saiu da vitrine e foi para o estoque. Era o fim da relação de amor entre a torcida e o maior símbolo da nação, disse a repórter.

Era o fim da festa e das comemorações, que fizeram, nas narrativas dos telejornais, os brasileiros gastarem mais e movimentou a economia. Era o fim também do “patriotismo ocasional”. Em síntese, era o fim provisório daquelas narrativas que, durante a participação da seleção brasileira no Mundial, representaram elementos da identidade nacional por meio das características do futebol brasileiro, da torcida e do jeito de torcer.

Como essa dissertação procurou expor neste último capítulo, o futebol lidou largamente com a economia e com a paixão nacional. Por isso, nas narrativas do futebol, há espaço também para elementos que, apesar de estarem além do esporte, não estão imunes aos resultados dentro de campo, como a “farra dos comerciantes” e o aumento no consumo de produtos vinculados às vitórias da seleção brasileira no Mundial. Isso porque, como mostraram as narrativas, o aumento nas vendas e as comemorações que caracterizaram o povo

brasileiro, estão intimamente ligados aos resultados alcançados pela seleção brasileira dentro das quatro linhas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É impossível enquadrar todas as dimensões e possibilidades do futebol em uma teoria que o classifique como um evento único e fechado. Tampouco há alguma palavra capaz de resumir as vertentes deste esporte, que no Brasil assume um caráter cultural, social, econômico e político.

Na escolha feita por este trabalho, falar do futebol contextualizado pela crítica contida em “A sociedade do espetáculo” é entender que, enquanto produto comercializado pelos meios de comunicação, a representação do futebol se transforma em um “acúmulo de imagens” que permeia e media as relações entre pessoas – que enchem bares, restaurantes e estádios e se relacionam a partir das representações do espetáculo da Copa do Mundo. Além disso, essas imagens permeiam também as relações entre pessoas e empresas, que incentivadas pelas narrativas e pela transformação do esporte em imagens para consumo, multiplicam a produção e desempenho do comércio e da indústria de itens vinculados ao maior evento esportivo do planeta.

Na crítica de Debord sobre a sociedade capitalista, que segundo o autor, dotada de uma capacidade de produção de todo o tipo de bem material e simbólico, precisa “convencer” as pessoas da importância no consumo dos bens produzidos, o que é bom e desejado pelo público é o que aparece.

A imagem, ou o que se pensa sobre determinada coisa, tornou-se preponderante sobre seu conteúdo, daí a afirmação de que na sociedade do espetáculo, as pessoas se relacionam através de imagens (DEBORD, 1997:14). Essas relações acontecem por meio da afirmação e representação dos elementos e imagens mais valorizados em cada situação. Ou seja, os produtos ou hábitos que a pessoa precisa aderir para ter a imagem classificada como boa.

Na exposição das narrativas do Mundial de 2010, produzidas pelo *Jornal Nacional* e *Jornal da Record*, foi possível verificar como as representações jornalísticas destes programas mostraram, constantemente, essas relações entre pessoas e entre pessoas e produtos. Isso porque estamos tratando da cobertura de um evento que, apesar de esportivo, carrega consigo dimensões culturais, econômicas e políticas que vão além do simples jogo disputado entre 22 jogadores durante 90 minutos. As imagens e representações narradas pelos telejornais mostram, além do jogo, hábitos comportamentais e de consumo a serem seguidos pelos

telespectadores para se enquadrarem na imagem positiva de um brasileiro que representa a nação “mais feliz do mundo”.

Na intenção de verificar sobre o que falaram as narrativas propostas, se apenas de futebol ou se de outros assuntos, foi possível verificar também que, apesar da aderência ao tema “Copa do Mundo” ser superior a 50% em todos os programas analisados, até nas narrativas enquadradas nos grupos vinculados ao evento, vários temas importantes para o “funcionamento da sociedade capitalista” foram incluídos e narrados dentro do espetáculo do futebol.

A adaptação de assuntos sobre o comércio, produção industrial e agenda dos políticos são exemplos dessa transformação de temas “sérios” em narrativas de entretenimento transmitidas de forma leve e humana.

Essa transformação das notícias em entretenimento, apesar de presente na cobertura do futebol, não é exclusividade deste esporte, nem dos telejornais em questão. É parte de uma evolução dos meios de comunicação que adaptam seus conteúdos de forma a se tornarem menos “entediante”, de mais fácil compreensão e conseqüentemente interessante para um número cada vez maior de telespectadores. Retomando o argumento de Kunczik (1997:106), para o receptor, o entretenimento é simplesmente aquilo que entretém, é o oposto da mensagem que não lhes agrada.

Se o entretenimento é a representação daquilo que agrada e prende a atenção dos receptores, baseado nos argumentos defendidos no capítulo 3 sobre a lógica de mercado na qual todas as empresas privadas estão embutidas (inclusive os meios de comunicação), a potencialidade de um tema em ser retratado de forma divertida, como é o caso do futebol, já o classifica como um produto com alto grau de noticiabilidade e, pensando a notícia como “um produto à venda”, com um nível elevado de comercialização.

E foram esses elementos que permearam a maior parte das narrativas do Mundial de 2010, que mostraram o futebol como índice de identificação nacional, patriotismo cíclico, consumo de determinados produtos e representação de um jeito de ser ou agir do “verdadeiro brasileiro”.

Na contagem das narrativas baseada nos três grupos temáticos propostos por este trabalho, foi possível verificar que, em um universo de 77 narrativas produzidas em quatro episódios do *Jornal Nacional*, 49 foram relacionadas ao Mundial, sendo 29 “sobre o jogo” e 20 “extra campo”.

No *Jornal da Record*, que não transmitiu as partidas, foram 54 narrativas enquadradas nos grupos relacionados à cobertura do evento em um universo de 105 narrativas. Por não

possuir os direitos de transmissão do evento e não contar com as entrevistas com os jogadores utilizadas pela sua concorrente, o telejornal produziu apenas 14 narrativas “sobre o jogo” e 40 narrativas “extra campo”, número quase igual às 49 narrativas relacionadas à Copa produzidas pela Rede Globo.

Com uma média de sete narrativas sobre o jogo por programa, sendo pelo menos três sobre o jogo da seleção brasileira, o *Jornal Nacional* contou de formas diferentes os principais acontecimentos das partidas do Brasil e permitiu a seus repórteres escolherem pontos de vistas distintos para narrar as partidas, o que aproximou ainda mais essas reportagens de narrativas espetaculares, que mostraram aos telespectadores, de forma lúdica, jogadas e jogadores “apelidados” pelos jornalistas como “carinhosos”, “enfzados” ou até “amaldiçoados” no caso da derrota.

Com apenas uma narrativa específica sobre a partida do Brasil por episódio, o *Jornal da Record*, diferente de sua concorrente, usou informações mais pontuais para falar sobre o jogo. Em compensação, nas narrativas sobre a torcida e também a respeito das consequências do evento para a economia e rotina das pessoas, o telejornal explorou diversos adjetivos e características dos brasileiros e da nação.

Ao narrar o que acontecia com os torcedores, os repórteres da Rede Record mostraram “a cara do Brasil” e as consequências das comemorações realizadas durante o Mundial para o comércio e a produção industrial. Nas narrativas do *Jornal da Record*, apesar de seguirem a mesma lógica espetacular da Rede Globo, foram citados elementos cotidianos e próximos da realidade da população.

No *Jornal da Record*, por exemplo, foi mostrado que também é possível “ignorar o Mundial”, principalmente para quem perdeu tudo devido às fortes chuvas no Nordeste ou se sente na obrigação de participar da ajuda humanitária aos desabrigados das enchentes.

Longe de ser apenas um evento festivo, imune de questões econômicas e burocráticas, como fica a impressão a partir das narrativas do *Jornal Nacional*, na Record, a vertente comercial da Copa foi mostrada em pelo menos seis das 40 narrativas “extra campo” veiculadas durante o evento. Em síntese, para os repórteres da Record, o Mundial teve influências na vida das pessoas, na economia, nos serviços públicos, na agenda dos políticos e foi, também, uma festa.

Independente das diferenças entre as duas coberturas, as metáforas sobre o Brasil e os brasileiros estiveram presentes em ambas, seja nas narrativas sobre os jogos ou com as torcidas, e possibilitaram ilustrar algumas afirmações “imaginadas” e utilizadas em peças publicitárias sobre a alegria e tendência festiva creditada ao povo brasileiro.

Os hábitos de consumo, as crenças e a irreverência marcaram toda a cobertura e permitiram à análise mostrar o quanto o futebol pode explicar sobre a nação, os brasileiros e a sociedade. Para participar da festa, consumir e sair com os amigos não é necessário gostar do jogo. Pelo contrário, em entrevistas do *Jornal da Record*, por exemplo, várias mulheres sem o menor interesse pelo futebol se mostraram felizes pela “pausa no trabalho” e oportunidade de “paquera”. Aos donos de supermercados, bares e fábricas, também não fazia a menor diferença o gosto pelo futebol, “a torcida mesmo era pelo emprego”, disse uma das narrativas do *Jornal da Record*.

Bem por isso, a intenção de pensar as narrativas do futebol pela ótica da sociedade do espetáculo, foi mostrar o quão caro é a representação deste esporte no Brasil, independentemente do gosto ou não das pessoas pelo futebol, e o quanto o tema permeia outros campos de interesse e influência.

O que está representado nas narrativas do futebol é mais do que o jogo; é a nação, os brasileiros e o trato deste esporte com a economia. Para fazer essa análise de elementos da sociedade brasileira por meio de sua representação nos meios de comunicação, outro item poderia ter sido utilizado, porém nenhum passaria perto do grau de influência e aderência do que representa o futebol para a sociedade brasileira.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

AGUIAR, Leonel Azevedo. **Entretenimento: Valor-notícia fundamental**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia – Florianópolis: n° 1 (jan / jun). 2008. p.13-23, ano V.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2008

ARAÚJO, R.; MARTINHO, S.G. **Nota dos editores**. In. Revista Aurora, PUC, São Paulo: 2010.

BALDINI JR, Wilson. **Mundial deve ter recorde de audiência**. Disponível em <http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20100605/not_imp561842,0.php>. Acesso em 12 jun. 2010.

BARROS FILHO, C.; MARTINO, L. M. S. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BARROS FILHO, Clóvis. **Ética na comunicação**. São Paulo: Summus, 2003.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na época das suas técnicas de reprodução**. In: Textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, Col. Os Pensadores vol. XLVIII, 1975.

BERTOLOTTO, R. **'Diplomacia da bola' cria aparição na miséria haitiana**. UOL, 2004. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/08/18/ult59u86748.jhtm>> Acesso em 06 de janeiro de 2011.

BERTOLOTTO, R. **Lula chama soldados brasileiros no Haiti de "craques"**. UOL, 2004. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/08/18/ult59u86734.jhtm>> Acesso em 06 de janeiro de 2011.

BHABHA, Homi, K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BUCCI, Eugenio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: Ensaio Sobre Televisão**. São Paulo: Boitempo, 2004.

BUCCI, Eugenio. **Brasil em tempos de TV**. São Paulo: Boitempo, 2000.

BUCCI, Eugênio et al. **A TV aos 50 – Criticando a Televisão Brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

BOBO, Laurence. **Race, Public Opinion, and the Social Sphere**. The Public Opinion Quarterly, Vol.61, Nº1, Special Issue on Race. Spring, 1997.

CANCLINI, N.G. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

CAPPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A de. **Comunicação e Televisão: Desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

CHADE, J. **Renda do amistoso entre Brasil e Zimbábue sumiu**. O Estado de S. Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticia_imp.php?req=esportes,renda-do-amistoso-entre-br> Acesso em 06 de janeiro de 2011.

COELHO, C. N. P. Em torno do conceito de sociedade do espetáculo. *In*: COELHO, C. N. P; CASTRO, V. J. (orgs.). **Comunicação e sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

COELHO, C. N. P; CASTRO, V. J. (orgs.). **Comunicação e sociedade do Espetáculo**. São Paulo: Paulus, 2006.

COELHO, C. N. P. **Publicidade: é possível escapar?** São Paulo: Paulus, 2003.

CONH, Gabriel (orgs.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Cia Editorial Nacional, 1977.

DAMATTA, Roberto. **Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia**: Notas sobre as imagens e representações dos jogos olímpicos e do futebol no Brasil. In Antropolítica, Niterói, UFF, n.14, jan-jul 2003, p. 17-39.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEJAVITE, F. A. **O jornalismo de infotimento nas páginas do jornal diário impresso de referência**. *In*: V Encontro dos núcleos de pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro, 2005.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

FEITOZA, Mirna. **A imagem do real:** A espetacularização da realidade através do telejornalismo. Manaus: Edua, 1996.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado.** Por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRANÇA, Vera (org.). **Narrativas televisivas:** programas populares na TV. Autêntica, Belo Horizonte: 2006.

FRANCO Jr. Hilário. **A dança dos Deuses:** Futebol, Sociedade, Cultura. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada.** São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GASTALDO, Édison Luis. **Copa do Mundo no Brasil:** a dimensão histórica de um produto midiático. *In:* Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: PósCom-Umesp, n. 41, p. 115-133, 1º sem. 2004.

GASTALDO, É. Luis. **“O país do futebol” mediatizado:** mídia e Copa do Mundo no Brasil. *In:* Sociologias. Porto Alegre: ano 11, nº 22, jul./dez. 2009, p. 352-369.

GIRARDI JR. L. **Pierre Bourdieu:** Questões de Sociologia e Comunicação. São Paulo: Annablume e FAPESP, 2007.

GUERRA, M. **O que está em jogo no jogo?** Reflexões sobre a transformação do futebol em um grande negócio. *In:* Comunicação, Mídia e Consumo. ESPM, São Paulo: nº21, p.53-65, 2011.

GUERRA, M. **Você, ouvinte, é a nossa meta:** a importância do rádio no imaginário do torcedor de futebol. Juiz de Fora: ETC Editora, 2002.

GURGEL, A. **O futebol no campo econômico:** Construção jornalística da Copa de 2002 como negócio. 2004, 144p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) PUC/SP.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil.** Dissertação de Mestrado apresentada à PUC de São Paulo, 2009.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HALL, S. **Da Diáspora.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HELAL, Ronaldo; SOARES, A. J; LOVISOLO, H. (orgs). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, R. **Futebol e comunicação**: A consolidação do campo acadêmico no Brasil. *In*: Comunicação, Mídia e Consumo. ESPM, São Paulo, Ano 8, nº 21, mar. 2011, p.11-37.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, H; SOARES, A. J.G. (orgs). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HELAL, R; CABO, A.V.do; SILVA, C. Pra frente, Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. *In*: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, H; SOARES, A. J.G. (orgs). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: Interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

HELAL, R. **Passes e impasses**: Futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBSBAWM, Eric. “**A Copa do Mundo e suas paixões, no olhar de Eric Hobsbawm**”. Agência Carta Maior, 2006. Disponível em:
<http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11507> Acesso em: 25 de março de 2011.

HOBSBAWM, Eric, J. Introdução: A invenção das tradições. *In*: HOBSBAWM, Eric, J.; RANGER, Terence (org.) **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2010.

KATZ, Elihu. Os Acontecimentos mediáticos: o sentido de ocasião. *In*: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia** – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós moderno. Bauru: EDUSC, 2001.

KLEIN, Naomi. Marcas globais e poder corporativo. *In*: MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação**. São Paulo: Ed. Record, 2003.

KLEIN, Naomi. **Sem logo**: A tirania das marcas em um planeta vendido. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. **A síndrome da antena parabólica**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1998.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul. São Paulo: Edusp, 1997.

LASCH, Christopher. **O mínimo eu: Sobrevivência psíquica em tempos difíceis.** São Paulo: Ed. brasiliense, 1986.

LIMA, Edvaldo Pereira. Simbiose com o jornalismo literário e o futuro. *In: Páginas ampliadas: O livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.* Barueri: Manole, 2009.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: teoria e política.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. *In: STEINBERG, Charles (org.). Meios de Comunicação de massa.* São Paulo: Cultrix, 1996.

LOURENÇO, R. O. **A representação do futebol enquanto fenômeno cultural e político na cobertura da copa do mundo 2010.** *In: Revista Comtempo, v.3, p.1 – 12.* São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2011.

LOURENÇO, R. O. **A Sociedade do Espetáculo ilustrada pelas dimensões da representação do futebol no Brasil: os anos de chumbo e a globalização.** *In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, 2011.*

LOURENÇO, R. O. **Copa do Mundo 2010 no Telejornalismo Brasileiro.** *In: KÜNSCH, D.A. MARTINO, L.M.S. (Orgs). Comunicação, Jornalismo e Compreensão.* São Paulo: Plêiade, 2010.

LOVISOLO, H. Sociologia do Esporte (futebol): conversões argumentativas. *In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, H; SOARES, A. J.G. (orgs). Futebol, jornalismo e ciências sociais: Interações.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.

LOVISOLO, Hugo. Saudoso futebol, futebol querido: A ideologia da denúncia. *In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria.* Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Quem manipula quem? Poder e massas na indústria da cultura e da comunicação no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1992.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo.** São Paulo: Moderna, 1988.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios as Mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

MARTINO, L. M. S; LOBATO, J.A.M. **A diversão que informa ou a informação que diverte?** *In: Líbero – São Paulo – v. 14, n. 28, p. 141-150, dez. de 2011*

MARTINO, L. M. S. **Comunicação e Identidade: Quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

MARTINO, L.M.S. **Comunicação: Troca Cultural?** São Paulo: Paulus, 2005.

MARTINO, L. M. S. **Mídia e Poder Simbólico.** São Paulo: Paulus, 2003.

MARTINO, L. M. S. **Teoria da Comunicação.** Ideias, conceitos e métodos. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARTINO, L. M. S. **Três hipóteses sobre as relações entre mídia, entretenimento e política.** In: Revista Brasileira de Ciência Política, nº 6. Brasília, julho - dezembro de 2011, pp. 137-150.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicações como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1996.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano.** São Paulo: Summus, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, Um produto à venda.** São Paulo: Summus, 1988.

PAIVA, C. **Blatter faz elogios ao polêmico amistoso Brasil x Zimbábue.** Terra, 2010. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/copa/2010/noticias/0,,OI4476641-EI15647,00-Blatter+faz+elogios+ao+polemico+amistoso+Brasil+x+Zimbabue.html>> Acesso em: 06 de janeiro de 2011.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2005.

PEREIRA JUNIOR, A. E. V. **Decidindo o que é notícia: Os bastidores do telejornalismo.** Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

RIAL, Carmen. **Televisão, Futebol e Novos Ícones Planetários: aliança consagrada nas Copas do Mundo.** In: XII Compôs, Recife: 2003.

RODRIGUES, Luiz Paulo Alves. **Telejornalismo Vespertino: A violência na mídia.** Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2010.

SCHWARTZ, Tony. **Mídia: O Segundo Deus.** São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SIGELMAN, Lee; TUCH, Steven. **Metastereotypes: Blacks' Perceptions of White' Stereotypes of Blacks.** The Public Opinion Quarterly, Vol.61, Nº1, Special Issue on Race. Spring, 1997.

SILVA, Carlos Eduardo Lins Da. **Muito Além do Jardim Botânico.** São Paulo: Summus Editorial, 1985.

SILVA, T. T da, (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOARES, A.J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. *In*: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUSA, J. P. **As notícias e seus efeitos**. Coimbra: Minerva, 2000.

SOUSA, J.P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

TOLEDO, L.H. de. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: Questões, Teorias e “Estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: Volume II. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1999.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença**: Uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T da, (org.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2009.

Audiovisual

LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **Copa do Mundo na TV**. Programa Ver TV de 09/06/2010. TV Câmara. Acesso em 16/06/2010. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/internet/tvcamara/default.asp?selecao=programas&programa=153>

PEREIRA, Leonardo. *In*: LEAL FILHO, Laurindo Lalo. **Copa do Mundo na TV**. Programa Ver TV de 09/06/2010. TV Câmara. Acesso em 16/06/2010. Disponível em:
<http://www.camara.gov.br/internet/tvcamara/default.asp?selecao=programas&programa=153>

Telejornais (11/06 a 05/07/2010)

Jornal Nacional
Jornal da Record

7. ANEXOS

7.1. Transcrições Jornal Nacional

Jornal Nacional - 15 de junho - Brasil e Coréia do Norte		
	TEMA	CONTEÚDO
1	Narrativa Tino Marcos - Brasil e Coréia do Norte	Sobre o jogo
2	Narrativa Mauro Naves - Brasil e Coréia do Norte (jogadores)	Sobre o jogo
3	Narrativa jogo Portugal e Costa do Marfim	Sobre o jogo
4	Narrativa jogo Eslováquia e Nova Zelândia	Sobre o jogo
5	Narrativa jogo Espanha e Suíça	Sobre o jogo
6	Narrativa jogo Honduras e Chile / África do Sul e Uruguai	Sobre o jogo
7	Resajuste aposentados	Editorial
8	Eleições	Editorial
9	Tempo	Editorial
10	Trânsito causado pela copa nas cidades brasileiras	Extra campo
11	Narrativa de Mônica Sanches sobre a torcida brasileira no Brasil	Extra campo
12	Narrativa Eric Faria sobre a torcida brasileira na África do Sul	Extra campo
13	Narrativa Marcos Uchôa - Brasil e Coréia do Norte (Dunga)	Sobre o jogo
14	Refugiados políticos no Brasil	Editorial
15	1º Ministro da Grã Bretanha	Editorial
16	Mercado financeiro	Editorial
17	Narrativa Tadeu Schmitd - Brasil e Coréia do Norte (Maicon)	Sobre o jogo
18	Conversa entre Tino Marcos e Fátima Bernardes sobre o jogo do Brasil	Sobre o jogo

1 - Tino Marcos: A emoção no choro de Tae-se (jogador da Coréia do Norte) certamente não era menor que a dos brasileiros. Estrear é lidar com isso. O estado de espírito da Seleção está claro. Na agonia de Lúcio dando bronca em Robinho. Ou quando Maicon resmungou. A expressão enfezada de Kaká. O pedido de clemência de Luís Fabiano. É isso. a Seleção foi lenta, carente de movimentação, previsível. Imprevisível, era esse 0 x 0. Kaká foi um dos destaques dessas sequências de infelicidades. Robinho era pedalada destoante, era quem tentava algo diferente. No mais, chutes distantes e de destinos equivocados. O Brasil não acertava o gol dos norte-coreanos, que começavam a sentir confortáveis, chegando até onde estava Júlio César. Zero grau. Congelaram o futebol brasileiro. Tem microondas no vestiário? A Seleção voltou para o segundo tempo com o mesmo time. Luís Fabiano se desentendendo com o juiz, e com a bola também. A falta em Kaká animou. Era uma posição muito boa. Michel chutou pra fora. Seria pela direita. Seria ali, no passe carinhoso de Elano a Maicon. Chutou ou cruzou? Ah, chutou. Usou os três dedinhos do lado externo do pé. O primeiro gol do Brasil. Beijou a aliança, foi abraçado por todos, perdeu o fôlego. Fechou os olhos,

agradeceu. Ai o domínio passou a ser mais claro. 63% de posse de bola do Brasil. Luís Fabiano limpou, chutou, pra fora. Daniel Alves estava pronto para entrar, ainda bem que esperou um pouquinho. Era hora de uma jogada, gerada nos tempos de Santos, 8 anos atrás. Robinho deu um lindo passe e Elano, deu uma tacada de sinuca, precisa, 2 a 0. E ai, deixou o campo. Deu passe pra gol, fez gol. Substituído e feliz. Ramirez entrou no lugar de Felipe Melo e levou o primeiro cartão amarelo do Brasil na Copa. E quando se esperava mais um gol do Brasil, Ji Yun-Nam, dominou fora da área, evitou o bote de Gilberto Silva, passou por Lúcio e chutou antes do carrinho de Juan. Pra eles, gol histórico. 2 a 1, uma derrota para ser festejada. O primeiro passo foi dado. Curto, bem menor do que se esperava. Era um jogo programado para fazer uma boa vantagem no saldo de gols. Pelo menos, foram duas grandes alegrias, as duas aqui [rede do gol]. Maicon e Elano. Eles salvaram o Brasil na estreia. Eles mereceram todos os abraços.

2 - Mauro Naves: A tensão causada por uma estreia, aquela ansiedade que teima em não passar logo. Esses foram os principais argumentos utilizados pelos jogadores para justificar o placar tão reduzido. Ainda assim, todos asseguram que foram dormir aliviados porque conseguiram o que realmente importava, começar a Copa vencendo. **Kaká:** Querendo ou não cria essa ansiedade do primeiro jogo, e ai, acaba errando alguns passes, mas depois o time foi se soltando, segundo tempo já foi muito melhor, tivemos várias oportunidades, fizemos os dois gols e criamos várias outras oportunidades. **Gilberto Silva:** Hoje é um jogo que é importante vencer. Acho que a forma de vencer talvez na nossa cabeça não era o mais importante. Até porque a ansiedade sempre muito grande, a dificuldade na estreia. **Luis Fabiano:** O importante é sempre vencer ainda mais em uma estreia, sabemos que tinha aquela ansiedade, tinha o adversário que ia complicar muito e eu acho que daqui pra frente a tendência é melhorar porque eu acredito que a Costa do Marfim e Portugal não vai jogar assim e jogando de igual pra igual com o Brasil é mais fácil. **Elano:** Eu tó muito feliz, impressionante esse momento que eu to vivendo, meu nome tá gravado em Copa do Mundo com um gol, o gol que eu fiz até agora. Então o que é que eu vou dizer? Mas o objetivo da gente aqui é conquistar o título mundial, é levar esse título pra torcida brasileira, pra esse povo brasileiro porque agente saber que eles tão torcendo pela gente. **Mauro Naves:** E o espetacular Kaká, a gente vai ver quando? **Kaká:** Aos poucos eu já estou melhorando, eu acho que você que estão acompanhando por ai já viram a minha evolução dos dois amistosos pra essa estreia da Copa. Então aos poucos eu estou melhorando, meu segundo tempo acho que já foi muito melhor também, então aos poucos eu to crescendo e durante a Copa com certeza as coisas vão acontecer. **Robinho:** É, tá só começando. É só a estreia, tem muitos jogos ainda pela frente, e eu vou me preparar e eu quero ir subindo de produção até o final da Copa.

10 - William Bonner – A estreia da seleção na África do Sul deu um nó no trânsito por aqui nas maiores cidades brasileiras. Na hora do almoço, no Rio de Janeiro, quando milhares de pessoas saíram do trabalho pra assistir a partida os engarrafamentos se multiplicaram. Também foi difícil circular pelas avenidas de Belo Horizonte. Em São Paulo os pontos de ônibus lotaram. Às 3 da tarde 203 Km de ruas e avenidas estavam congestionadas. Recorde para o horário. Mas depois, com a bola rolando, uma tranquilidade rara no trânsito paulistano.

Na hora do jogo quase todo mundo parou na frente da televisão, ou do telão, nas grandes festas de rua e até a beira mar.

11 – Mônica Sanches - A torcida brasileira gosta de ir para a rua, reúne a turma e faz a festa nas praças, nas praias. Ocupa os espaços com gente vestida pra felicidade. Na arena da Fifa Fun Fest, em Copacabana o público chegou fantasiado, representando figuras bem brasileiras. Carmem Miranda e Ronaldo estavam na platéia. **(anônimo)**: “Aqui é pra todo mundo e quem quiser vir ainda tem vaga ainda. Cabe milhões e milhões, tá muito bom.” Mas o começo do jogo foi só ansiedade, o coração de São Paulo pulsou acelerado no Vale do Anhangabaú. O centro da cidade, sempre tão barulhento, se calou no nervosismo do primeiro tempo. Expectativa também, entre os dez mil mineiros que foram a praça da estação. Antes do gol sair, mãos juntas em sinal de preze. **(anônimo)** “tô rezando aqui pros santos.” E parece que deu certo. Aqui em Copacabana o primeiro gol do Brasil na Copa foi comemorado com muita emoção e os torcedores acompanharam tudo do telão de 120 metros quadrados tudo em alta definição. Com a benção do anjo da guarda, o Brasil marcou mais um. A torcida ainda não estava satisfeita, não. Os tambores pediam mais gols no Pelourinho, em Salvador. Mas quem marcou foi a Coréia do Norte. A torcida protestou, e até chorou. E no final, a chuva da vitória sobre o Recife e a vontade de continuar festejando. A seleção vai seguir abençoada por esta torcida que ainda promete muitos espetáculos.

12 – Eric Faria: A bandeira brasileira é tremulada com orgulho. Na Copa do Mundo o verde e amarelo se torna universal (estrangeiros anônimos gritando Brasil). Do Brasil com z ao Brasil com s. Na Copa do Mundo o verde e amarelo reúne todos os sotaques. No formigueiro dos torcedores, teve claro a tradicional combinação de tamborim, samba, sorriso. Mas teve também, em volta do Elis Park uma homenagem ao ex-presidente sul-africano Nelson Mandela. **(Anônimo)** “Rapaz, a gente tem o reboletion e a gente criou o mandelation pra fazer uma homenagem ao Nelson Mandela e a Copa a galera já até pegou quer ver? Canta comigo assim o mandelation tion tion o mandelation.” Mandelation? Reboletion? E por que não barulhetion? Não teve jeito, antes e durante o jogo, o som ambiente do estádio foi esse. Mas por um instante as *vuvuzelas* se calaram, e o que se ouviu foi a emoção dos brasileiros. Na Copa do Mundo o hino brasileiro toca diferente. As lágrimas de Maria da Glória e Raquel Pina, são o ponto final de um conto de fadas. Lá no campo os filhos Luis Felipe e Carlos Eduardo marcaram seus gols na Copa do Mundo carregando a bandeira do Brasil. E se não houve lá muitos momento de emoção pelo menos a Copa do Mundo começou com vitória. Daqui a cinco dias tem mais.

13 – Marcos Uchôa: Jogador, capitão, agora técnico. Para Dunga, era tudo conhecido e ao mesmo tempo, desconhecido. A tensão da estreia é claramente para todos. Para ele também. Mas Dunga como toda a seleção no primeiro tempo se mexeu pouco. A sonolenta atuação do time se refletia nele. Contido, calmo. Mas talvez Dunga já intuísse, que pela direita, com Maicon, a seleção poderia criar algo. Primeiro tempo acabou e era hora de ir para o vestiário dar instruções, broncas, mudar? O time voltou o mesmo. A Coréia do Norte mostrava um time, um grupo, unido fechado, a defesa, idem. Até que com a inestimável cooperação do goleirinho coreano, Maicon fez o gol que fez Dunga abrir um sorriso pela primeira vez. Que sufoco, que alívio. Pouco depois Dunga mostrou uma característica que sempre o

acompanhou. Preparava Daniel Alves para substituir Elano, e o que fez Elano? Um gol. Logo antes de sair. Dunga tem sorte e o recebeu comemorando o acerto dessa jogada com o passe em diagonal. 2 a 0 e curiosamente é a partir daí que a seleção de Dunga se solta. Ele botou em campo Nilmar, Ramirez, e mostrou também o lado competitivo, irritado. Com erros, com o juiz, com a atuação da seleção que está aquém do que ele quer. O gol da Coreia do Norte encontrou Dunga bem passível. Dunga tem o hábito de ver o jogo com a língua de fora. A linguagem do futebol o domina e todo o vocabulário, até para explicar uma vitória pouco convincente. **Dunga:** A estreia é uma das coisas mais difícil que tem. Tem a ansiedade o nervosismo depois de um período longo de treinamento, nê, e iniciar ganhando. É lógico que não só eu como todos os jogadores a princípio a gente quer fazer gol e não quer tomar, nê. Então se perguntar pro Júlio César, ele não tá feliz. Consequentemente eu também não, mas é normal do futebol. **Marcos Uchôa:** Esse era o adversário mais fraco que a seleção podia ter nesta Copa, um time inexperiente. Mas contra uma defesa fraca a seleção fez apenas dois gols e um deles, falha do goleiro. Contra um ataque fraco, a seleção levou um gol. Contra Costa do Marfim e contra Portugal os jogos serão bem mais difíceis.

17 – Tadeu Schmidt: Qual desses uniformes iria deixar uma marca na estreia do Brasil? Num time de tanta gente boa, quem seria o destaque? O astro (Kaká), o artilheiro (Luís Fabiano), o endiabrado (Robinho). Em jogo de estreia com todo o nervosismo envolvido, tudo que se espera é que alguém faça logo um gol pra aliviar a tensão. Quem faz esse gol, merece os agradecimentos de um país inteiro. Quando Elano passou a bola, não deu a impressão de que o passe foi forte demais? Maicon chegou, vigoroso como de costume. Mas se víssemos o lance só até aqui, você diria que uma grande jogada estava por vir? No máximo um cruzamento. Maicon mandou a bola fazer uma curva e nos deu essa grande jogada. Estreante em Copa do Mundo, logo no primeiro jogo fez o primeiro gol da seleção na África do Sul. Imagina o que é isso. **Maicon:** Passa tudo que eu passei pra chegar até aqui. Esse momento de disputar uma Copa do Mundo com a seleção brasileira. Eu não cheguei a chorar, mas fiquei muito feliz com o gol que fiz e beijei a aliança ali pra agradecer a minha esposa, por tudo que ela vem passando comigo nesse longo de um bom tempo. **Tadeu Schmidt:** Era um jogo enjoado que ele respirou mais fácil depois do golaço. Sem ângulo, sem chance. Sem querer? **Maicon:** Eu já tinha feito contra Portugal lá em Brasília, eu já cheguei quase meio sem perna lá no final da área falei a vou chutar pro gol seja o que Deus quiser e graças a Deus acabou entrando. **Tadeu Schmidt:** O cara é reincidente tá acostumado a fazer jogadas que as pessoas duvidam. Maicon começou patriota, cantando [o hino nacional] com orgulho. No hino norte coreano já tava agoniado querendo jogo. No primeiro tempo tentou um chute forte que já poderia ter antecipado a história. Mas seu grande momento veio no segundo tempo. No segundo gol do Brasil ele ajudou o Elano ô o chutezinho e saiu em disparada para ser o primeiro a cumprimentar o companheiro. Maicon Douglas Sizenando, 28 anos. Quando garoto foi atropelado, teve que reaprender a andar, parece que aprendeu direitinho. Quando falarem do Brasil na Copa da África do Sul todos devem lembrar que essa campanha começou com o pé direito. Pé direito e surpreendente de Maicon.

Jornal Nacional - 25 de junho - Brasil e Portugal		
	TEMA	CONTEÚDO
1	Narrativa Tino Marcos - Brasil e Portugal	Sobre o jogo
2	Narrativa Mauro Naves - Brasil e Portugal (jogadores)	Sobre o jogo
3	Narrativa Abel Neto sobre a torcida brasileira na África do Sul	Extra campo
4	Enchentes no NE/Copa Solidária	Extra campo
5	Copa Solidária	Extra campo
6	Tempo	Editorial
7	Divulgação Globo Repórter	Editorial
8	Narrativa jogo Espanha e Chile	Sobre o jogo
9	Narrativa sobre seleções da América	Sobre o jogo
10	Aviação (TAM)	Editorial
11	Michael Jackson (1 ano de morte)	Editorial
12	Pedofilia - Vaticano	Editorial
13	EUA	Editorial
14	Lula no G20	Editorial
15	Mercado financeiro	Editorial
16	Eleições	Editorial
17	Fracasso seleção italiana	Sobre o jogo
18	Narrativa jogo Uruguai e C. do Sul	Sobre o jogo
19	Narrativa EUA e Gana	Sobre o jogo
20	F1 - com clima de copa de mundo	Extra campo
21	Argentina - Messi/Maradona	Extra campo
22	Narrativa Tadeu Schmitd sobre o jogo Brasil e Portugal - defesa	Sobre o jogo

1 - Tino Marcos: Que perna era essa que indicava ansiedade? Podia ser de qualquer um desses rostos, travados, densos de rivalidade. Não acredite em verdades do tipo zero a zero é jogo de times desinteressados. Foi duro, foi disputado em cada trecho do campo. O Brasil foi melhor no primeiro tempo e Nilmar, o melhor do Brasil. Botou no currículo a primeira bola na trave em Copa do Mundo. Goleiro e trave impediram o gol. Nilmar driblou, arriscou acreditou sempre, e fez dois portugueses trombarem. Foram muitos chutes de longa distância, alternativa brasileira a retranca portuguesa. Foi o clássico da intimidação e de claros duelos. Pepê contra Felipe Melo, que levou pancada, levou cartão amarelo e ascendeu o alerta. Antes que o sinal ficasse vermelho foi rapidamente substituído por Josué e ainda saiu mancando. Foram sete amarelo, só no primeiro tempo. Duelos, Cristiano Ronaldo e Lúcio, que entrou rasgando e pediu desculpas. Cristiano e Lúcio. Jogada de velocidade e tão difícil para o capitão do Brasil que ele se esticou para tirar e acabou sobrando para Meireles. O Brasil precisou do rápido atendimento de Julio César. Depois foi ele que precisou, rasgou até a camisa e revelou a proteção que usa para proteger a região lombar. Cristiano e Lúcio. Falta e mais tensão. Não houve fartura de lances agudos, mais de gritos e gestos. O Brasil precisa

jogar mais rápido, sinalizava o auxiliar Jorginho. Juan falhou, Dani é que foi veloz perigoso. Júlio César foi com tudo, dividiu, e salvou mais uma vez. O 0 a 0, tenso e equilibrado, se desfez imediatamente após o apito final. Lúcio e Cristiano pós duelo, cordialidade total. E já que o clima pesado terminou, logo surgiu um cartaz que dizia: “Cristiano Ronaldo, estou livre esta noite”. Pela primeira vez em três jogos a seleção não sofreu gols, pela primeira vez, também não marcou. Fica a satisfação do primeiro lugar alcançado e a frustração de não ter feito um grande jogo.

2 - Mauro Naves: Num estádio belíssimo um espetáculo que não correspondeu a grandiosidade do palco. O 0 a 0 frustrou o torcedor, mas nem tanto os jogadores da seleção brasileira. Afinal, o objetivo foi conseguido, o primeiro lugar no grupo. **Luís Fabiano:** Futebol, o bonito é fazer gol, infelizmente hoje não deu mas tem que valorizar o primeiro lugar no grupo, Portugal dificultou muito o nosso trabalho veio jogar pelo empate, os onze atrás. **Josué:** Portugal veio com uma formação muito defensiva, tirando o contra ataque como um dos pontos fortes, então isso daí criou um pouco de dificuldade para a nossa equipe. **Julio Baptista:** Eles não queriam perder, essa é a verdade, então eles vieram assim praticamente com cinco homens no meio de campo um jogo muito travado, muito parado eles praticamente tentando jogar no erro do Brasil eu acho que isso dificultou muito mais o jogo. **Daniel Alves:** O objetivo foi conseguido que era acabar a primeira fase na primeira colocação e sem perder que eu acho que é sempre importante. **Grafite:** Nós esperávamos um jogo mais aberto, mais disputado, com mais chances de gols, mas Portugal veio com uma postura mais defensiva, tentando sair no contra ataque e dificultou bastante ali pra nós na criação de jogadas. **Dunga:** Não só eu como o jogador nós não tamo feliz. Nós jogamos pra ganhar, nós queremos ganhar sempre, mesmo com o resultado a nosso favor. Faltando cinco minutos para acabar o jogo, nós tentamos atacar e a equipe adversária não queria atacar. Jogou a maior parte do tempo no nosso erro, mas eu não tenho que me preocupar muito com a equipe adversária, tenho que me preocupar com a minha. **Mauro Naves:** Na segunda-feira, a seleção terá três retornos: o de Robinho que foi poupado, Kaká que estava suspenso e Elano que se recuperou da pancada na canela. **Dunga:** O Elano é seguro que joga, tá tranquilo.

3 - Abel Neto: Brasileiros (anônimos BR cantam “o campeão chegou”), e portugueses, no mesmo idioma, diferentes formas de mostrar a paixão. **Anônimo BR:** Brasil, é hexa, não tem pra ninguém, essa taça é nossa. **Abel Neto:** O otimismo lusitano parecia maior, **Anônimo PT:** vai ser um grande jogo, e Portugal vai ganhar. **Abel Neto:** Foram mais de 62 mil pessoas no estádio Mosses Mabida e um desfile de cores e de presenças ilustres, Gustavo Kuerten, Elano e Kaká reforçavam a esperança brasileira, numa tarde em que sobrou alegria, só faltou o grito de gol. Portugueses e brasileiros já pensam nas oitavas de final, cada um com um segredo, uma receita para que as equipes tenham sucesso na Copa. **Anônimos PT:** Eu acho que estas a crescer o jogo de Portugal e acho que vai continuar a subir mais por fim. **(B):** É preciso ter muita sorte para jogar bem e jogar o melhor jogo que é possível. **Anônimos BR:** O Kaká vai voltar, Elano também vai voltar. **(B)** Vamos chegar até a final, se Deus quiser, estaremos lá em Johannesburgo na final.

4 - Beatriz Castro: Na rodoviária de Murici, um dos poucos lugares com energia elétrica, uma trégua no sofrimento. Muitos moradores abrigados aqui, viram a seleção brasileira entrar em campo. A pequena TV, atraía todos os olhares. A maior paixão dos brasileiros, aliviou as preocupações enquanto a bola rolou.

5 - Fátima Bernardes: Os torcedores brasileiros entregaram donativos para as vítimas da enchente nos locais onde a Globo fez transmissões públicas do jogo contra Portugal. 70 mil pessoas participaram do Fifa Fun Fest no RJ e 4,5 toneladas de donativos foram arrecadadas lá só hoje. Em SP, 2,5 toneladas, no Recife, 5 toneladas e 1 tonelada em BH. Você também pode ajudar o flagelados, visite a página do JN na Internet: g1.com.br/jn – participe dessa Copa solidária.

22 - Tadeu Schmidt – E lá se vai o gol embora, redes intactas. Em todo jogo a gente tem que procurar um lado positivo. Hoje, o Brasil não jogou tão bem, mas também não levou gol, pela primeira vez na Copa do Mundo. O que o Lúcio disse para o Cristiano Ronaldo no fim eu não sei, mas poderia ter sido “amigão, fica pra próxima, hoje não deu pra você”. Quando o lançamento deixou o Cristiano Ronaldo sozinho, o Lúcio parecia longe demais, demais foi a recuperação. Se Cristiano Ronaldo foi eleito o melhor da partida, o que dizer do marcador que não deixou o português fazer nada de relevante? **Lúcio:** eu saio muito feliz do campo de poder ter feito um bom trabalho, ter feito um bom futebol e infelizmente somente a Fifa viu que ele que foi o melhor em campo. **Tadeu:** O Lúcio ainda foi daquele jeito que a gente conhece, aponta o nariz pra frente e vai se embora. Em certo momento ele era quem mais queria jogo no Brasil, fora que os toques mais bonitos da partida, foram do Lúcio, foram ou não foram? Então quer dizer que a defesa jogou uma partida memorável? Não exatamente. Em certos momentos só deu pra parar o adversário apelando. Lúcio se fingiu de parede e fez sua única falta na partida. Juan fez sua única falta na Copa, com a mão. Com os pés a ficha continua limpa. O Lúcio também meteu o braço na bola, e dentro da área. Ainda bem que fora o português que reclamou, ninguém viu. Hoje os nossos zagueiros usaram todas as suas cartas. E quando a última cartada não funciona? Quando Juan perdeu a bola e deu a chance pro adversário, quando Lúcio ia perdendo para o Cristiano Ronaldo foi no limite e a defesa virou passe para o adversário, como é bom saber que depois de tudo ainda há Júlio César. **Júlio:** Quando eu vi uma camisa vermelha chegando, ai eu falei, tem que dar a vida aqui agora (risos). **Tadeu:** Pensando bem, o 0 a 0 daqui pra frente nem é tão ruim assim. Depois da prorrogação vem os pênaltis. Depois de tudo sempre há Júlio César.

Jornal Nacional - 28 de junho - Brasil e Chile		
	TEMA	CONTEÚDO
1	Narrativa Tino Marcos - Brasil e Chile	Sobre o jogo
2	Narrativa Regis Rösing sobre a torcida brasileira na África do Sul	Extra Campo
3	Narrativa Mauro Naves - Brasil e Chile (jogadores)	Sobre o jogo
4	Narrativa sobre o jogo Holanda e Eslováquia	Sobre o jogo
5	Narrativa Eric Faria - Brasil e Chile (Dunga)	Sobre o jogo
6	Argentina - Concentração	Extra Campo
7	Uruguai - Concentração	Extra Campo
8	Caso Bruno	Editorial
9	EUA	Editorial
10	Golfo do México	Editorial
11	Irã	Editorial
12	Narrativa sobre o jogo Portugal e Espanha	Sobre o jogo
13	Narrativa sobre o jogo Paraguai e Japão	Sobre o jogo
14	Enchente NE	Editorial
15	Copa Solidária	Extra Campo
16	Tempo	Editorial
17	F1	Editorial
18	Narrativa Tadeu Schmitd - Brasil e Chile (grupo)	Sobre o jogo

1 - Tino Marcos: O delegado da Fifa deu a informação: faltam 50 segundos. Era a contribuição mais decisiva para instalar a tensão no Ellis Park. Os chilenos já viram ali com quantas caras de mal se cumprimenta o adversário, bonzinho, só o Kaká. Já dizia Luís Fabiano, “fazer uma cara feia é bom pra saber que tem que ter um respeito e que o bicho vai pegar pro lado deles”. As oitavas começavam carrancudas, mas o primeiro chute de Luís Fabiano provocou o primeiro sorriso, amarelo. Gilberto Silva, chute perigoso, cara de quase. Quem salvou, não tem cara de bravo, bravo é o nome do goleiro chileno. Bravo, Bravo, ele encaixou o arremate de Ramirez. Cara de que? De tentei. E se alguém tem patente de cara de mal, é o Lúcio. Que também sabe fazer cara de dor. Foi pênalti de Contreras Senhor Juiz. Ele não marcou. Mas na cobrança do escanteio, subiu a auto-estima, subiu o Juan, subiu. Um gol construído com a fraterna retaguarda do parceiro de zaga, Lúcio. Brasil em vantagem. Ai o Luís Fabiano se enrolou todo. Pra quem quer ter cara de mal, pega mal. Problema nenhum. No lance seguinte, jogada de quem nunca perdeu jogando junto. Quando Robinho iniciou uma partida com Kaká e com Luís Fabiano, a seleção sempre venceu. Drible no goleiro, cara e jeito de artilheiro. Luís Fabiano, três gols na Copa. Não estava impedido não, posição legal. O super tira teima confirma. Nem precisava mais da cara de mal no segundo tempo. 2 a 0 contra um adversário que a seleção de Dunga já havia derrotado cinco vezes. E quando Ramirez interceptou uma bola, e partiu, passou pelo meio dos chilenos, e ofereceu a Robinho o primeiro gol dele em Copas do Mundo. Ramirez, franzino, cara de bom menino, ele varreu as pernas de Sanchez, levou amarelo, não joga contra a Holanda. O melhor resultado da seleção

nesta Copa até agora foi construído com jogadas que são a cara da seleção de Dunga nos últimos anos. Bola parada e contra ataque. 3 a 0. Isso tem cara de que? De abraços e sorrisos. Isso sim, é cara de futebol brasileiro.

2 - Regis Rösing: Vuvuzela, fraquinha, sem força? Só diante do acordeon brasileiro. A bateria de um homem só, anuncia, é carnaval em Joanesburgo. Mas tem que tirar os atravessadores do samba do caminho. Um sopro sutil, avisa: chegou a hora de soltar o grito de gol. Era esse o objetivo da torcida aqui no estádio Ellis Park. Torcedores brasileiros, de vários lugares do mundo, assim, pura emoção. Olha a cara do chileno em meio a festa verde e amarela, deu até sono. Mas como dormir com um barulho desses? Enquanto o torcedor do Chile tinha pesadelo acordado, o brasileiro sonhava alto. Agora, Holanda nas quartas, mas a torcida brasileira já pensa mesmo é numa final contra ela (Argentina).

3 - Mauro Naves: O Brasil agora vai mudar de estádio, vai mudar de cidade para enfrentar uma seleção contra a qual sempre fez jogos muito difíceis em Copas do Mundo. Mas curiosamente para esta seleção do técnico Dunga, que nos últimos 4 anos realizou 59 jogos, será a primeira vez contra a Holanda. **Maicon:** Um poder defensivo muito grande, muito forte, jogadores que chegam forte, chegam duro, então vai ser uma partida difícil, vamos dizer assim uma final antecipada. Mas a gente vai estudar certinho aí, pra que a gente não posso ser surpreendido em nada e fazer uma grande partida novamente pra passar mais essa fase. **Robinho:** A gente conhece o futebol holandês, são grandes jogadores, muitos jogam com a gente na Europa, quando eu tava na Europa eu joguei com alguns, uma seleção encorpada, mais forte fisicamente, mas eu acho que o Brasil tá preparado para jogar contra qualquer seleção. **Kaká:** Uma seleção diferente, vem bem na Copa, uma seleção que tem jogadores que tem condições de decidir um jogo a qualquer momento e acredito que vai ser um jogo diferenciado. **Gilberto Silva:** é uma equipe jovem de qualidade, gosta de jogar também e o que a gente espera é um jogo difícil como foram outros confrontos entre Brasil e Holanda em Copa do Mundo. **Luís Fabiano:** A gente acompanhou alguns jogos da Holanda, viu que é uma seleção muito forte, viu que tem jogadores de muita qualidade mas eu acredito que a Holanda vai jogar da mesma maneira que jogou o Chile, atacando o Brasil e atacando o Brasil sobra espaço sobra oportunidade de armar os contra ataques e dessa maneira o Brasil é muito perigoso.

5 - Eric Faria: Estádio Ellis Park, e Dunga repetiu o casacão da estréia. Fazia frio e Marcelo Bielsa (técnico do Chile) optou pelo traje esportivo, afinal, ele abaixou, levantou até de cócoras ficou. Bielsa sempre rendeu uma boa foto. O argentino, apelidado de El loco, dividiu com a comissão técnica os momentos de aflição. Dunga preferiu conversar com os jogadores ao pé do ouvido. **Dunga:** O jogador passa pra nós a sensação que ele tá dentro do campo e aí a gente tenta sugerir alguma coisa, orientar ele pra que ele possa ter o melhor rendimento. **Eric:** Deu certo, dois gols no primeiro tempo, duas vibrações. No outro banco, expressão séria, fechada, as vezes até o ar faltou para o treinador do Chile. Esse é um confronto que lhe dá pesadelos, as vezes, arrepios. Traduzindo esse duelo entre os técnicos para os números: 3 jogos, 3 vitórias de Dunga. 10 gols a favor e só dois contra. Bielsa é ou não é um bom freguês? “A partida hoje mostrou que ainda existem muitas diferenças entre as grandes

seleções e a nossa equipe”, disse Bielsa. e freguês merece tratamento vip. Aguinha? Será que tinha açúcar? Pelo jeito não. Outro golpe duro. Gol de Robinho, e Dunga relaxou de vez. **Dunga:** Esse jogo de hoje não é esse jogo de hoje, esse jogo é de três anos e meio e o próximo vai ser a mesma coisa. **Eric:** Dunga avançou, 3 a 0, conta fechada e por favor, um cafezinho pro freguês Bielsa, ele bem que merece.

18 - Tadeu Schmidt: Pois é, o Brasil venceu, dominou o jogo, avançou na Copa e quem foi o grande responsável por isso? Quem foi o nome do jogo? Duvido que todo mundo tenha pensado no mesmo nome. Hoje o grande destaque foi o nome mais defendido por todos por aqui, uma entidade conhecida como: o grupo. (montagem jogadores da seleção dizendo “o grupo”). Nenhum jogador teve o nome tão citado nesses dias de Copa. No dia de hoje não seria possível falar no nome apenas de uma pessoa, nos lances decisivos cada um contribuiu com um pedacinho, da para contar a história da partida passeando pelos nomes. Ramirez, Robinho, Júlio César, Kaká, Luís Fabiano, Maicon, Juan, fora a “mão misteriosa”, foi decisiva. De quem será essa mão que tirou o Luís Fabiano da jogada para não atrapalhar Juan? Lúcio é o homem da mão misteriosa. E você nem imaginava que era possível contribuir dessa forma. É claro que Juan jogou uma ótima partida, com a elegância de sempre na defesa. Robinho foi eleito o melhor do jogo. Mas dá pra citar só um? **Robinho:** Eu acho que eu não mereci. Outros jogadores jogaram melhor que eu. Juan jogou muito bem, Daniel Alves correu bem, o próprio Gilberto Silva também foi melhor. **Kaká:** Essa é a receita dessa seleção, então não tem aquele grande astro, tem muitos jogadores com grande responsabilidade, mas o grupo tem pesado muito mais do que a individualidade. **Tadeu:** Dunga botou em campo dois que ainda não haviam jogado, Kleberson e Gilberto. Dos 23 da seleção, apenas 4 ainda estão por estreiar. Os dois goleiros e os dois zagueiros reservas. **Dunga:** Aquilo que eu falei desde o início lá, que eu confio em todos que estão aqui, é justamente pra nesses momentos você poder colocar os jogadores e da o mesmo resultado. **Tadeu:** Kaká foi pro banco e fez questão de cumprimentar um por um. No banco, o astro ficou de papo com Luís Fabiano, dando risada, jogo decidido, alguém poderia dizer que eles não tão nem ligando pro que os amigos fazem em campo. Até parece, eles jogam junto. Acaba a partida e o maior ídolo não sai correndo para o vestiário, cumprimenta um por um outra vez. Tudo dividido, abraços compartilhados em doses iguais. São 23 em nome de 190 milhões. O nome dele é Grupo da Silva Santos, esse cara é o orgulho nacional.

Jornal Nacional - 02 de julho - Brasil e Holanda		
	MATÉRIA	CONTEÚDO
1	Narrativa Tino Marcos - Brasil e Holanda	Sobre o jogo
2	Narrativa Mauro Naves - Brasil e Holanda (jogadores)	Sobre o jogo
3	Narrativa Bruno Laurence - torcida brasileira na África do Sul	Extra Campo
4	Narrativa Sandra Moreyra sobre a torcida brasileira no Brasil	Extra Campo
5	Eleições	Editorial
6	Lei Ficha Limpa	Editorial
7	Mercado Financeiro	Editorial
8	Enchente NE	Editorial
9	Copa Solidária	Extra Campo
10	Tempo	Editorial
11	Narrativa Tadeu Schmitd - Brasil e Chile (Felipe Melo)	Sobre o jogo
12	Narrativa Marcos Losekann torcida Brasil e Holanda na Holanda	Extra Campo
13	Narrativa sobre o jogo Uruguai e Gana	Sobre o jogo
14	Narrativa Argentina - Pré Jogo	Extra Campo
15	Narrativa Alemanha - Pré Jogo	Extra Campo
16	Narrativa Paraguai - Pré Jogo	Extra Campo
17	Narrativa Espanha - Pré Jogo	Extra Campo
18	Narrativa Eric Faria - Brasil e Holanda (Dunga)	Sobre o jogo
19	Divulgação Globo Repórter	Editorial

1 - Tino Marcos: A mulher, o homem, a criança, Júlio César. Era o fim da tarde em Porto Elizabeth, era o fim. Júlio César: Eu acho que, futebol são onze contra onze e eu acho que no segundo tempo eles mereceram. Tino: Doeu mais porque não parecia que ia ser assim. Os olhos esbugalhados de Robinho gritando era a cara de uma seleção que tinha pressa e vontade. Já no primeiro contra ataque, gol de Robinho, anulado porque Daniel Alves estava impedido. Então dois minutos depois, em outro contra ataque, um momento espetacular de Felipe Melo. A bola foi quicando até a conclusão enxuta, perfeita de Robinho. Felipe Melo, quase tão saudado quanto Robinho. Um toque pra dominar, outro pra passar, um santo passe. Não sabia que a passagem dele pelo céu duraria pouco. A defesa, exuberante. Juan, absoluto. E o trio que jamais havia perdido junto uma partida, aprontando na frente. Robinho, Luís Fabiano, Kaká. E se Robbin se atrevia, uma blitz brasileira tomava a bola. Isso era o primeiro tempo. Infelizmente houve o segundo. E na saída de bola brasileira, bola pra fora? 40 segundos depois, firula perigosa de Felipe Melo. Era o herói começando a transição para vilão. Schneider não esperava fazer o gol mas Felipe e Julio, ajudaram. A bola quase passou direto, raspou na cabeça de Felipe. O céu não existia mais. O primeiro gol contra do Brasil em uma Copa do Mundo. A seleção que começou mal o segundo tempo, piorou. Vítima do próprio desequilíbrio emocional. Numa chance rara Kaká soltou a perna e a voz. Na Copa em que ele se programou pra ser protagonista o gol não saiu. Schneider, o Zidane da vez, o carrasco

versão 2010 mede 1,60 M. Jamais fez um gol de cabeça, até hoje. Gol do baixinho Schneider em cima da zaga mais badalada do mundo. 2 a 1. Menos um. Com o pé em Robbin Felipe Melo pisava de vez sobre o destino infeliz que vai marcar a despedida dele desta Copa. Expulso. Ao desespero brasileiro, somavam-se contra ataques holandeses. A seleção estava mais perto de sofrer o terceiro gol do que empatar. Não mereceu chegar na semi final. O projeto do hexa ganhou longas férias. Em 70 anos, em 19 participações em Copas do Mundo, foi a terceira derrota de virada que a seleção sofreu em um mundial. Falta ainda o anúncio oficial, mas o apito final do juiz encerrou também a passagem de Dunga como técnico da seleção depois de quatro anos e sessenta partidas.

2 - Mauro Naves: Difícil imaginar que no final do jogo a cor laranja iria dar o tom da festa. Principalmente depois de um primeiro tempo em que a seleção além de vitoriosa, foi tão envolvente. Apesar dos erros no segundo tempo, os jogadores do Brasil vão pra casa frustrados e inconformados. A vitória foi merecida da Holanda? **Juan:** Pra mim não. Acho que o primeiro tempo que a gente fez praticamente a gente anulou o time deles, eles não deram um chute pro gol. Fizeram dois gols porque botaram duas bolas na área e foram felizes, tiveram sorte. **Maicon:** Não, como eu falei, dominamos a partida e em duas bolas paradas acabamos tomando dois gols. **Robinho:** A gente jogou melhor o primeiro tempo, poderia ter feito mais gols não fizemos, acho que entramos no segundo tempo um pouco desatentos e infelizmente estamos fora. **Júlio César:** Em dois lances que decidiram a partida, naquele lance em que eu fui com o Melo na mesma bola e ela acabou entrando e depois no segundo gol um lance de escanteio, uma jogada ensaiada deles eles acabaram aproveitando também. **Mauro Naves:** Você teme ser mais marcado do que os outros por causa da expulsão? **Felipe Melo:** Não. É diferente você ser expulso porque você deu um soco na cara do jogador, porque você cuspiu na cara de alguém ou por uma jogada normal, num lance de jogo. Uma jogada dura, uma jogada onde eu queria ganhar a bola porque naquele momento ele tava no chão e a gente podia puxar um contra ataque e o juiz interpretou que tinha que me dar cartão vermelho, paciência. **Júlio Baptista:** Uma competição como a Copa do Mundo, que é muito rápida, você não pode errar. **Lúcio:** quando você perde uma competição com certeza o seu coração fica destruído. **Júlio César:** Pronto, acabou. Acabou o sonho, aquilo que a gente tava imaginando pra gente pra nossa família, pro torcedor brasileiro agora é voltar pra casa. **Luís Fabiano:** No momento é muito difícil, pra levantar a cabeça é difícil. **Kaká:** Dói e dói, porque uma Copa são detalhes e eu acho que as duas bolas paradas foram detalhes que acabaram tirando a gente de uma Copa onde a gente acreditava que poderia chegar até o final, pelo grupo que a gente tinha, pelo trabalho que a gente tinha feito. Então dói, dói bastante.

3 - Bruno Laurence: Um dia com cara de Brasil, muito sol, calor, até um samba improvisado saiu. A festa verde e amarela começou cedo, os laranjas também estavam lá. Mas rivalidade rimou com amizade. Fotos juntos, entrevistas juntos. Brasileiros e holandeses sabiam que só uma lado iria voltar pra casa sorrindo mas antes da bola rolar por que não sorrir juntos? No estádio não existia divisão e cada um teve a hora de fazer a sua festa. O apito final determinou quem iria continuar sorrindo. Como convencer a criança de que tudo era apenas um jogo de futebol? Na saída do estádio era difícil encontrar o que falar. O jovem parado, perdido, cercado de holandeses, fazer o que, dizer o que? **Anônimo:** Podia ter sido melhor, nê? Podia

ter sido melhor. **Bruno:** A poucos quilômetros do palco da derrota brasileira a festa holandesa continuava. Em um hotel eles celebravam. Esse senhor em especial, o pai do Robben. Ele disse que no primeiro tempo chegou a se imaginar no avião de volta pra casa, mas ganhar do Brasil é incrível, o que mais eu posso desejar(?), ele disse. Para os holandeses fica a festa, para os brasileiros, a decepção. É hora de arrumar as malas e voltar pra casa. Ainda no estádio era hora de já pensar no futuro. **Anônimo:** A gente podia ser hepta em 2014, vamos ter que ser hexa em 2014, fazer o que?

4 - Sandra Moreyra: Parecia um dia perfeito. O hino nacional no ritmo da bateria da mangueira. Copacabana, pronta para mais um espetáculo. No Rio a torcida verde e amarela fez a parte dela. Compareceu colorida, alegre, vibrante e, sobretudo, com imensa confiança na seleção brasileira. Na Fifa Fun Fest, gente de todos os cantos do país. No meio da multidão, um grupinho de laranja. Yang, com seus óculos de coração parece adivinhar “o Brasil vai chorar depois do jogo”, ele diz, “eu vou consolar todo mundo aqui”. Do nosso lado, também tem profeta. **Anônimo:** Se passar hoje é campeão, o mais difícil é hoje. **Sandra:** O colorido do frevo na praia do Pina no Recife. Em Salvador, no Pelourinho, o batuque e a fé. O fervor da torcida mineira em Belo Horizonte. No Vale do Anhangabaú em SP, a força da multidão. Por todo o país a torcida canarinho cumpriu seu papel. Sonhou, gritou, viveu 45 minutos de felicidade. Achou que ia papar o adversário. Nossa gente, prendeu a respiração, fez mandinga, acreditou até o último minuto. **Anônimo:** Dá tempo de virar o jogo ainda. **Sandra:** E se desmanchou. Lágrimas, tristeza, decepção. **Anônimo:** Brasil, é isso ai cara, ganha perde, nós estamos ai. Não desiste nunca. **Sandra:** Taça na mão e aquela cara de fim de festa que não deu nem pra disfarçar. Você veio com a laranja? **Anônimo:** Vim mas azedou, tava azeda, muito azeda. Mas ai 2014 nós tamo ai, Brasil na cabeça.

11 - Tadeu Schmidt: E lá esta ele em campo, Felipe Melo. No primeiro tempo, excelente, insuperável na marcação, sua função principal. Mas mesmo naquilo que não se esperava dele, foi brilhante, uma assistência linda. Robinho nem tá na imagem, mas Felipe o enxergou lá na frente. Um dos passes mais espetaculares da Copa. Terminou com o gol do Brasil e o caminho aberto para a classificação. De repente uma bola viaja pelo campo, amaldiçoada, para estragar tudo. É uma piscadinha apenas, mas o pior toque na bola na carreira do jogador três brasileiros marcavam três holandeses, Felipe era o único que não marcava ninguém. Era o destino dele que estava marcado. Talvez nem tenha sido culpado no lance, mas acabou fazendo o primeiro gol “contra” brasileiro em uma Copa do Mundo. E como se isso já não fosse cruel demais, quando o adversário fez o gol da virada, era ele quem estava na marcação. Felipe chegou a encostar a mão nas costas do holandês mas desistiu. O nervosismo que tomou conta de todos os brasileiros, jogadores ou não, se revelou mais forte nele. Um gesto impensado, intempestivo e a expulsão. Nesse momento é como se o estádio ficasse vazio, o jogo não existisse mais e um longo filme passasse rapidamente pela cabeça dos jogadores. Pela cabeça de todos. Quatro anos de uma doutrina tantas conquistas. E a alegria maior não vai acontecer. Pela primeira vez na história das Copas, um jogador fez um gol contra e foi expulso na mesma partida. E Felipe Melo, perdeu, pela primeira vez, com a camisa da seleção em 22 jogos. **Felipe Melo:** Eu como homem, como ser humano peço desculpa ao torcedor brasileiro por essa eliminação assim como milhões de brasileiros eu tó muito chateado é

difícil ligar pra casa e ver um filho chorando enfim a gente vai tentar se recompor pouco a pouco. **Tadeu:** Felipe não merece ser considerado culpado, apenas personagem central de um jogo muito ruim. Do outro lado sim, um trauma para a torcida brasileira. Sempre que houver um carequinha, bom de bola, camisa 10 no time adversário. O homem que chutou a bola que terminou no gol contra. O homem que fez o gol da virada, vamos guardar esse nome Wesley Sneijder, como um dia guardamos o nome de Zinedine Zidane. E que tenha sido o último a atrapalhar a nossa festa.

12 - Marcos Losekann: Antes do jogo até eles achavam que iam levar um banho. A lâmina d'água em frente ao museu Van Gogh serviu pra espantar o calor tipicamente brasileiro, 35°. O gol do Brasil já no primeiro tempo prometia azedar a laranjada que inundou o parque onde a prefeitura de Amsterdã instalou o telão. A pequena torcida brasileira já comemorava o que parecia óbvio, mas veio o segundo tempo, e o leão, um dos principais símbolos da Holanda, rugiu. A coroa, outra marca holandesa, já não servia mais na cabeça dos brasileiros. O reino da bola, virou cor de laranja. O até então comedidos torcedores puderam soltar o grito entalado na garganta. Os holandeses precisam ainda vencer dois jogos pra conquistar a Copa do Mundo e um título inédito pra Holanda. Mas a vitória hoje sobre o Brasil é um sinal pra eles de que esse sonho já não é impossível. Se ganharmos da seleção brasileira então podemos nos considerar muito bons, vibra o holandês fantasiado de viking. Este outro diz que enxerga longe, dia 11 vamos erguer a taça, agora nem o céu é limite pra nós. Pra terminar esse dia de glória holandesa, música: Aquarela do Brasil.

18 - Eric Faria: 90 minutos, durou 90 minutos o último capítulo de Dunga como técnico da seleção. Segundo ele o contrato com a CBF terminava nessa Copa do Mundo. **Dunga:** Quanto ao meu futuro, já se sabe bem quando eu cheguei na seleção que eram quatro anos que eu ia ficar. **Eric:** Hoje foram dois Dungas, o alegre o contente o entusiasmado. Antes dos 10 minutos, gol brasileiro. Mas a partir daí a irritação foi tão grande, tão grande, que até o quarto árbitro tentou controlar a situação. Dunga não sentou no banco o jogo inteiro. Curioso foi o comportamento de Bert van Marwijk. Gol do adversário? Ele pouco reagiu. Levantou algumas vezes, o traje social esportivo não amassou. O técnico holandês realmente é bastante discreto, calado ali a beira do campo, mas no vestiário, ele deve ter falado muito. No segundo tempo observou atentamente a um dos primeiros ataques holandeses. Foi o tempo de se sentar e levantar de novo, pra comemorar o empate. Dunga incorporou o espírito zen do adversário no gol contra de Felipe Melo. Bert van Marwijk, estava tão preocupado com a sua defesa que nem percebeu a agora carequinha mais famosa da Holanda passar. Minutos depois, o segundo gol. A virada com Sneijder e nada de amarrotar a roupa. O homem se quer suou. “Quando assumi há dois anos, disse que a gente poderia ser campeão mundial e não acreditaram em mim”, desabafou o técnico. Os últimos minutos foram torturantes nos dois bancos no lado laranja o sofrimento se transformou em alívio, felicidade. Dunga e o Brasil caíram para o melhor adversário que enfrentaram aqui na África do Sul. **Dunga.** Sem dúvida todos nós estamos muito tristes porque não esperávamos, trabalhamos para ter um resultado diferente. **Eric:** Bert van Marwijk segue, e pode ser o primeiro técnico holandês campeão do mundo. E, diga se passagem, com muita elegância.

7.2. Transcrições Jornal da Record

Jornal da Record - 15 de junho - Brasil e C. do Norte		
	MATÉRIA	CONTEÚDO
1	Narrativa Roberto Thomé - Brasil e C. do Norte (torcedores)	Sobre o jogo
2	Narrativa torcedores na África do Sul	Extra campo
3	Comentário atuação jogadores da seleção - Roberto Thomé	Sobre o jogo
4	Narrativa torcedores no Brasil	Extra campo
5	Torcida no Brasil, comércio fechado	Extra campo
6	Comércio popular produtos copa	Extra campo
7	Comércio/produção camisetas seleção/emprego	Extra campo
8	Narrativa Portugal e C. do Marfim	Sobre o jogo
9	Carros incendiados	Editorial
10	Fogos festa junina	Editorial
11	Roubo a banco	Editorial
12	Roubo TV's LCD	Editorial
13	Discriminação professores	Editorial
14	Lei trabalhista	Editorial
15	Dicas Compras Atacado	Editorial
16	Dicas Compras Pagamento	Editorial
17	Restituição IR	Editorial
18	Tempo	Editorial
19	Reajuste aposentados	Editorial
20	Violência contra Idosos	Editorial
21	Eleições (copa)	Extra campo
22	Perigo fogos de artifícios	Editorial
23	Congresso (copa)	Extra campo
24	Narrativa história do Brasil nas copas	Extra campo
25	Torcedores brasileiros pelo mundo	Extra campo
26	Comidas exóticas na África do Sul	Extra campo

1 - Roberto Thomé: Ah se o futebol da seleção fosse alegre como a torcida. Brasileiros, de muitos amores a pátria e de apenas duas cores na Copa. Faltou no gramado do Ellis Park a criatividade verde e amarela que sobrou nas ruas de Joanesburgo. **Anônimo:** Você vai no teatro como? De terno, vai um cara elegante, não pode avacalhar. O brasileiro vem aqui, fica igual um malaco aqui, não pô. **Thomé:** A estreia da seleção não correspondeu a tanto entusiasmo. Mas como dizem o técnico Dunga e os jogadores, o que importa é vencer. E a vitória por 2 a 1 começou num chute improvável de Maicon, da linha de fundo, um golaço. 16 minutos depois, Robinho descobriu um espaço na defesa da Coréia do Norte, e Elano

completou de primeira. No fim do jogo, Ji Yun-Nam entrou na área e venceu Júlio César. A seleção cumpriu o que tem feito desde 82 na Copa da Espanha. Vencer na estreia alivia a tensão e dá confiança ao time para os próximos jogos e ai, quem sabe venha aquele algo mais que todos esperam do futebol brasileiro. **Anônimos:** O Brasil jogou bem, mas podia ter jogado melhor. (B) O resultado positivo é o que interessa pra nós. (C) Não dá pra jogar com 3 volantes contra Coréia do Norte. (D) A gente tava esperando pelo menos um 3 a 0 foi uma pena a Coréia do Norte ter completado lá, feito o gol. Mas estamos ai, Brasil sempre, confiamos em você Brasil.

2 - Luiz Fara Monteiro: Antes do jogo a brasileira casada com um sul-africano foi com as duas filhas pintar o rosto. **Anônimo:** Claro, o futebol brasileiro é o mais bonito do mundo. **Monteiro:** Até o maior jogador de todos os tempos de Camarões botou fé na seleção. “Acho que o Brasil vai vencer porque tem o melhor time”, disse Rogé Mila. Os argentinos bem que tentaram abafar a festa. Alguns torcedores preferiram não ir ao estádio e acompanhar o jogo com conforto e comodidade neste restaurante. Além de evitar a fria noite de Johannesburgo eles acompanharam o jogo saboreando um verdadeiro churrasco brasileiro. **Anônimo:** Não dá não, tá muito frio lá fora, não tem nada melhor do que comer uma picanha, uma feijoada. **Monteiro:** Fim de jogo no Ellis Park, vitória do Brasil. Aqui não falta carvão, nem calor humano. Até quem tinha cara de coreano vibrou. E no próximo domingo, pode esperar, vai ter mais picanha na brasa.

3 - Roberto Thomé: Olha Milena, basicamente a atuação abaixo do nível de alguns jogadores. No meio de campo por exemplo o Kaká não atuou bem e no ataque o Luís Fabiano também deixou a desejar. [...] A alternativa seria o técnico Dunga promover pelo menos duas mudanças na equipe uma no meio de campo, talvez com a entrada do Ramirez pra dar mais leveza e no ataque apostar talvez ai na velocidade e na habilidade do atacante Nilmar. [...] Não é muito do perfil do Dunga ele tem apostado em dar confiança aos jogadores, deve começar o próximo jogo com a mesma equipe.

4 - Ana Paula Gomes: Na estreia da seleção brasileira, até a estátua do poeta Carlos Drummond de Andrade vestiu verde e amarelo. No RJ, a festa da turma do Alzirão foi um programa pra toda a família. **Criança:** Basil, Basil, Basil. **Ana Paula:** Pedro, de apenas um ano e meio fez sua estreia na Copa. **Anônimo:** Entrar no clima nê, é bom isso, nê? brasileiro, Brasil acima de tudo. **Ana Paula:** Paquito já é um veterano, pé quente, o galo costuma dar sorte a seleção. **Anônimo:** Ele já começou a cantar, quando ... olha aê, cantou mais um! **Ana Paula:** A vuvuzela africana, também fez barulho por aqui mas ganhou a companhia de outros ritmos. **Anônimo cantando:** “Bota a bola pega a bola tira a bola do lugar, prende a Coréia na gaiola que o Dunga vai passar”. **Ana Paula:** E olha quem a gente encontrou por aqui, mesmo no meio da torcida, o técnico Dunga manteve a seriedade. Como é que anima essa galera? Mas depois não resistiu e caiu na festa . O tradicional encontro de torcedores aqui na Zona Norte do Rio começou tímido, com um grupo de amigos. Hoje, 32 anos depois a rua parece pequena para tanta gente. São mais de 30 mil pessoas. A mobilização da torcida tomou conta do Brasil. No Recife a concentração foi a beira mar. 15 mil torcedores cobriram de verde e amarelo as areias da praia do Pina. ? torcedores e vuvuzelas, invadiram o centro da cidade

atenção voltada pra a África e muita gente nervosa antes dos gols. Em Salvador, o farol da Barra e os bares da cidade ficaram cheios de torcedores, que acompanharam apreensivos a seleção. 50 mil pessoas lotaram o Vale do Anhangabaú no centro de SP, formando uma multidão de verde, amarelo e azul. Muita gente apareceu fantasiada e até o angolano torcia para o Brasil. A demora nos gols, fez o torcedor sofrer. **Anônimo:** Tá meio difícil, tá complicado, mas nós vamos fazer, no mínimo dois, no mínimo. **Ana Paula:** Acertou em cheio, para a alegria da torcida de todo o país. E no alzirão, a festa do próximo domingo já está marcada.

5 - Emerson Ramos: É um trabalho de equipe em SP. Alberto e Gil correm para terminar a pintura antes da estreia na Copa. **Alberto:** A gente faz isso aqui porque gosta, e todo ano a gente faz isso aqui. **Emerson Ramos:** Um dia de ansiedade, de presa pra não deixar nada pendente. Pagar aquela continha no banco por exemplo, sem atraso era só até o início da tarde. **Deusdete:** Se não pagar ai tem multa, correção, tudo isso aí. **Emerson Ramos:** Os cariocas também não tinham tempo a perder e já acordaram vestidos para a festa. Paulistanos como Manuel, levantaram mais cedo, às 5 da manhã, ele já estava dirigindo o táxi e com hora programada pra parar. **Manoel:** Até às 14h, depois recolhe, pra casa, talvez depois do jogo ou só amanhã. **Emerson Ramos:** Com fome de gol, o vendedor de coco decidiu não matar a sede de mais ninguém na hora do jogo. Quem tiver com vontade de tomar uma água de coco depois das 2? **Damião:** Não vai ter, vai ter que aproveitar agora. **Emerson Ramos:** Em Copa do Mundo, não tem negociação. Posso voltar pra comprar uma revista lá pelas 4 da tarde? **Joaquim:** Não, hoje não vai dar. Não tem jeito porque hoje nós vamos assistir o jogo. **Emerson Ramos:** Na hora marcada, nem um minuto a mais, o comércio fecha, fecha pelo Brasil inteiro. E se falta pouco, tem que acelerar. Quem não quer chegar em casa antes do jogo começar? Muitos paulistanos trabalharam menos hoje, mas não escaparam dos tradicionais congestionamentos da cidade. Pouco depois do meio dia, o trânsito, já ficou com jeito de fim de tarde. Virou mesmo uma retranca. O segundo pior congestionamento do ano em SP com 200 Km de lentidão. Mas isso não foi privilégio do paulistano. Em BH os mineiros também sofreram. **Anônimos:** Tá demais, faz 30 minutos que eu tó aqui parada. (B) Não pode estressar não. **Emerson Ramos:** E o trânsito em Brasília, deu um nó. As duas horas da tarde, parou. Só mesmo levando na esportiva. Como num jogo, cada minuto fazia diferença. Correria para embarcar no metro e para conseguir um lugar no ônibus super lotado. Pra torcer pela seleção, valia o sufoco. **Anônimo:** Tá lotado, pendurado na porta, mas vamos, não tem problema, nós vamos assistir o jogo de camarote. **Emerson Ramos:** E pra festa ser completa, Emilson arrumou um tempinho para passar no mercado e se preparar para a estréia com um belo churrasco. **Emilson:** Tem que ser uma comemoração positiva e farta de gol.

6 - Natália Leite: No centro de SP é difícil até chegar perto dela. **Anônimo:** É R\$ 25, essa aqui da Copa passada é R\$ 20 do Ronaldinho. **Natália Leite:** Nas ruas e nas lojas, as camisas nas cores da seleção vão embora num instante. **Anônimo:** Preço bom, dá pra comprar pra todo mundo, pros filho pro marido, pra família toda. (B) Vou mandar pra Bahia pros meu parentes e meus amigos. **Natália Leite:** A oficial, custa quase R\$ 240. Mas por aqui, tem modelo de R\$ 5 de R\$ 10. As mais procuradas, são as parecidas com o uniforme da seleção e entre elas, a mais pedida é: **Anônimo:** Camisa 10 do Kaká é a preferida o pessoal pede mais.

Natália Leite: Para quem quer torcer sem abrir mão do estilo: **anônimo:** Baby look feminina, aqui também, lançamento bonito. Amarela, tem a branca. **Natália Leite:** Assim como em boa parte dos escritórios do país, nessa agência de publicidade, todos vieram exibindo as roupas novas. Em dia de jogo não importa o tipo e nem o preço da camiseta. Pode ser assim de coração como a da Priscila, com a bandeira como a da Geisa, ou assim, com o Brasil estampado no peito. O importante é usar as cores da seleção pra se sentir mais perto, empurrando mesmo os jogadores pra vitória. Ela não é nenhuma expert em futebol, mas em tempos de Copa. Juliana: Eu acho que mais do que tudo faz parte da torcida e da brincadeira, nê, porque eu não entendo nada de futebol mas em época de Copa do Mundo parece que eu entendo tudo. **Natália Leite:** Pelo sim pelo não Ricardo apostou na camisa da Copa de 2002. **Ricardo:** Eu acho que você se sente parte, nê, aquela coisa de falar o meu time, nê, agente ganhou, a gente perdeu, nê, você se sente meio parte daquilo. **Natália Leite:** Minutos antes da estréia do Brasil na Copa ainda tinha gente atrás de uniforme para a torcida. **Anônimo:** Brasileiro, nê? A gente sempre deixa pra última hora. **Natália Leite:** E quem foi atrás da camisa aos 45 do segundo tempo “R\$ 18 por R\$ 15, é a promoção relâmpago”. A procura movimentou as fábricas de roupa no país inteiro como mostra o repórter Mauro

7 - Mauro Wedexin: As máquinas não param desde o ano passado. Cinco mil confecções da região de Santa Cruz do Capibaribe, no agreste de Pernambuco, produzem camisetas do Brasil. Mais de 500 mil peças já foram vendidas para todo o país. Este ano as fábricas já aumentaram a produção de camisetas do Brasil em 50% na comparação com a Copa passada. Agora, todos torcem para que a seleção brasileira. Vitórias significam mais encomendas, mais trabalho e gols para comemorar. Jânio: Nós estamos trabalhando com produção total, 24 horas e que o Brasil ganhe mesmo pra gerar mais emprego, aumentar nossa produção e obviamente o lucro, nê. **Mauro Wedexin:** A Copa também abre oportunidades para quem estava sem trabalho. Joanildo foi contratado para ser o Robinho da seleção do bordado. **Joanildo:** Um material bom que a gente tá fazendo e com a seleção ganhando vai ser melhor pra gente ai.

21 - Celso Freitas: Em dia de jogo do Brasil a atenção dos candidatos a presidência se voltou, pra seleção. O candidato do PSDB assistiu a estréia da seleção brasileira num restaurante da zona sul do Rio de Janeiro. José Serra ganhou da presidente do Flamengo, Patrícia Amorim, camisas do time com o número de campanha do candidato, que vibrou com cada lance da seleção de Dunga. **José Serra** – “O time jogou bem, tranquilo e tá esquentando os motores, não tá ainda acelerado, mas tá esquentando os motores”. **Celso Freitas** – A candidata do PT, Dilma Rousseff chegou a Paris onde deverá se encontrar com Nicola Sarkozy. Ela acompanhou o jogo da seleção em uma casa de espetáculos brasileira. Marina Silva, candidata do PV, não teve compromissos públicos mas assistiu ao jogo.

23 - Alessandro Saturno: A debandada começou na quinta feira passada quando deputados e senadores deixaram Brasília e voltaram aos Estados. Ainda no aeroporto eles prometeram que mesmo com a seleção em campo, voltariam para trabalhar. **Ibsen Pinheiro** – Eu volto pra assistir na Câmara. Radinho de ouvido acompanhando a votação e o Brasil no telão no salão verde. **Fernando Gabeira** – Eu acredito que todos devem trabalhar, mas na hora do jogo, todos devem assistir ao jogo. **Alessandro Saturno** – Mesmo que eles quisessem, hoje foi dia

de pouco trabalho no Congresso. A votação do projeto pré-sal foi adiada e o expediente reduzido no Senado e na Câmara. A duas horas do início do jogo, os servidores apertaram o passo para ir embora. Até os seguranças estavam apressados, fecharam as portas de acesso e quase ninguém podia entrar. No Senado, o expediente só foi até as duas da tarde, já aqui na Câmara, os funcionários também foram dispensados, só que pra retornar as 6h30 da noite pra uma sessão extraordinária. Alguns deputados até que voltaram a Brasília e assistiram ao jogo em casa e nos gabinetes. Depois, até teve muita gene em plenário. Agora, votação que é bom mesmo, nada. Se o congresso é o retrato do país ... **Raul Jungmann** – Eu não acredito que ninguém durante o tempo do jogo consiga trabalhar, não tem cabeça.

24 - Celso Freitas: Expectativa imensa, estreia do Brasil em Copa do Mundo tem disso. A nação do futebol parou pra ver pontapé inicial da seleção na África. Nos 18 mundiais anteriores o Brasil estreou com vitória 14 vezes, empatou duas e foi derrotado em duas. A última vez na Copa da Itália em 1934, derrota para a Espanha por 3 a 1. Na Argentina em 1978 o Brasil sofreu com um empate e uma das frustrações mais marcantes da história das Copas. Mar del Plata, tempo regulamentar esgotado, escanteio para o Brasil, Helinho cobra e Zico marca de cabeça, mas o juiz anula o gol, alega que havia apitado o fim da partida com a bola no ar. Aos 45m08s. De lá para cá o Brasil sempre se deu bem mas nem sempre com folga. A seleção iniciou a Copa da Espanha com dois lances de talento de Sócrates e Eder, 2 a 1 contra a URSS. (Copa 94) O Brasil se impõe, 2 a 0 contra a Rússia, Romário, o gênio do nosso time, o gênio da grande área. Romário foi o grande jogador daquela seleção brasileira que pôs fim a um jejum de 24 anos sem vencer a Copa do Mundo.

25 - Herbert Moraes: Olhos grudados nos telões. A torcida capricha no figurino e na animação. Os brasileiros que assistiram ao jogo em NY vibraram com os gols da seleção, mas esperavam mais. **Anônimo** – É bem típico de primeiro jogo de Copa do Mundo, o Brasil ainda tá precisando se entrosar muito mais, eu achei fraco. **Herbert Moraes** - Em outros lugares do mundo também teve torcida. O nome desse restaurante já diz tudo e o som também. Na churrascaria os israelenses vieram torcer pela seleção predileta, a brasileira. O dono do local até criticou o técnico Dunga e disse que queria ver Ronaldinho jogar. Para os brasileiros, bate a saudade de casa. **Anônimo** - Não é a mesma coisa que estar no Brasil, nê, mas em qualquer lugar do mundo Brasil vai ser sempre Brasil. **Herbert Moraes** - A paixão pelo futebol canarinho não fica só no lado israelense. Em Belém, na Cisjordânia os palestinos trouxeram até a bandeira brasileira. O dono do bar, que reuniu a torcida aprovou e garantiu que se a seleção de Dunga chegar a final, vai enfeitar a rua inteira com as cores do Brasil. Esse torcedor diz que o esporte é união. Quando vemos o Brasil jogar, pelo menos por 90 minutos esquecemos do conflito. Israelenses e palestinos, torcem pelo mesmo time, coisas, do futebol.

Jornal da Record - 25 de junho - Brasil e Portugal		
	MATÉRIA	CONTEÚDO
1	Baloeiros criminosos	Editorial
2	Narrativa Roberto Thomé - Brasil e Portugal (torcedores)	Sobre o jogo
3	Comentário atuação jogadores da seleção - Roberto Thomé	Sobre o jogo
4	Narrativa torcida brasileira na Á. do Sul	Extra campo
5	Torcida multiétnica do Brasil na África	Extra campo
6	Movimento bares/restaurantes no Brasil	Extra campo
7	Torcida brasileiro no Brasil	Extra campo
8	Folga nas empresas para ver os jogos	Extra campo
9	Narrativa C. Marfim e C. do Norte	Sobre o jogo
10	Narrativa Espanha e Chile	Sobre o jogo
11	Tabela da Copa	Sobre o jogo
12	Brasileiros que não estão nem aí para a copa	Extra campo
13	Brasil e Argentina em Cannes	Extra campo
14	Jogador brasileiro na seleção alemã	Extra campo
15	Nada impede os torcedores de acompanhar os jogos da copa	Extra campo
16	Aldeia indígena acompanha a copa	Extra campo
17	Eleições	Editorial
18	Acidente Ultraleve	Editorial
19	Tempo	Editorial
20	Vendas Inverno	Editorial
21	Chuvas NE (Copa)	Extra campo
22	Michael Jackson	Editorial
23	Incidente TAM	Editorial
24	Acidente Estrada	Editorial
25	Violência P.Alegre	Editorial
26	Criança desaparecida	Editorial
27	Domingo Espetacular	Editorial
28	Especial Ouro	Editorial

2 - Roberto Thomé – (torcedores cantando “o campeão chegou”). Por enquanto chegou o campeão do entusiasmo. A seleção deu só os primeiros passos em busca da taça e Portugal foi a terceira pedra no caminho. O jogo bonito, que todos esperavam, não apareceu no estádio Moses Mabhidá. Brasil e Portugal produziram poucos lances de emoção e o 0 a 0 foi o resultado lógico. O empate garantiu o primeiro lugar no grupo G e não há muito mais o que festejar. As vaias da torcida, no final da partida, servem de alerta para a Seleção, porque melhorar é preciso. Tanto quanto Portugal, o Brasil escondeu o jogo. Alguns torcedores ficaram irritados com o mau futebol, outros, apenas conformados. **(Anônimo BR)** Nenhum dos dois times estavam interessados, foi bom pros dois, o jogo tinha tudo pra ser o melhor da

Copa, acabou, pra mim, sendo o pior. (**Anônimo PT**) Foi um jogo muito amigável, sem briga, muito justo para os dois. (**Anônimo BR**) A coisa ficou ruim pros dois lados eu achei. (**RT**) eles estão felizes? (**Anônimo BR**) Eu acho que sim. Pra eles empatar com o Brasil depois daquele 6 a 2 lá em Brasília, tá ótimo pra eles.

3 - Roberto Thomé – Os três jogadores que começaram o jogo foram Júlio Baptista, Daniel Alves e Nilmar. Eles substituíram Kaká, Elano e outro jogador que também estava com problema, o Robinho. Essa foi a grande surpresa do jogo. Robinho sentiu dores musculares e foi poupado. Durante o jogo outros três jogadores tiveram oportunidade, Josué no lugar de Felipe Melo, Ramirez no lugar de Júlio Baptista e Grafite no lugar de Luís Fabiano. Agora nenhum deles teve uma atuação destacada capaz de ameaçar os jogadores que não atuaram, ou seja, nas oitavas de final voltam os titulares e a Seleção retoma a escalação dos dois primeiros jogos. **Adriana Bittar** – E por falar em oitavas de final, o nosso adversário é o Chile, é um adversário que pode dar trabalho pro Brasil? **Roberto Thomé** – Olha, a estatística recente ela é amplamente favorável ao Brasil. Nas eliminatórias foram dois jogos, em Santiago vitória do Brasil por 3 a 0 e em Salvador vitória tranquila da Seleção por 4 a 2. E neste confronto uma coincidência. Na Copa da França as seleções se enfrentaram nas oitavas de final e a vitória foi fácil do Brasil por 4 a 1. E Adriana, nada indica que dessa vez essa superioridade não vá se confirmar.

4 – Adriana Bittar – A África do Sul tem onze idiomas. Só que hoje em Durban, um outro quase se tornou oficial. O português tomou conta da cidade. Brasil e Portugal falaram a mesma língua para saldar o encontro e claro para as provocações, ô pá. Eles até falam a mesma língua, mas os palpites são diferentes. (**Anônimo BR**): “Vai ser 4 a 1 pro Brasil”. (**Anônimo PT**): Eu penso que Portugal vai ganhar hoje. (**Anônimo BR**): “3 a 0 tá bom, já tá de bom tamanho”. Adriana Bittar: Nada que estrague a união entre dois povos que se identificam. Brasil já foi colônia de Portugal, mas o encontro entre as duas seleções foi festejado hoje em Durban. A facilidade na comunicação também ajuda na hora de provocar. (Brasileiros dançam o roda “roda roda vira, roda roda vem, esse time da Maria, tem um belo de um bigode mas não ganha de ninguém”.) A proximidade no restaurante ajuda na hora da brincadeira. O sul africano enfrenta um dilema conjugal. Ele torce para o Brasil, mas a mulher é portuguesa. “Vai ser um problema hoje a noite, não?”. Dentro de campo claro que todos querem levar a melhor, mas aqui do lado de fora do estádio o que a gente vê é uma grande festa, uma confraternização entre dois povos diferentes, mas que tem muito em comum. Em alguns momentos, brasileiros e portugueses nem parecem adversários. “Aqui fora somo amigos, PT”. Mas se tiverem oportunidade os brasileiros roubam a cena. Hoje o verde e amarelo se misturou ao verde e vermelho. Nem mesmo na época do Brasil colônia as duas nações estiveram tão próximas.

5 – Mylena Ciribeli – Essas são imagens de uma praça conhecida como Melrouse. Em outros jogos da copa, o lugar só ficou cheio nos fins de semana. Mas hoje mais de 3 mil pessoas pararam para ver Brasil e Portugal. E o curioso é que a maioria das pessoas com camisa da seleção brasileira, eram de sul africanos. É claro que os portugueses também estavam por lá.

No país do futebol, quando a seleção brasileira entra em campo, muitos ganham uma oportunidade de emprego. Bares e restaurantes reforçam as equipes para receber os torcedores. O movimento aumenta em até 50%.

6 – Ana Paula Gomes – O carioca lotou os bares da cidade. Para quem está procurando trabalho, a torcida maior é pelo emprego. Esse bar teve que reforçar a equipe para o Mundial. “Cada vez que o Brasil ganha a nossa casa enche mais ainda”. O grupo de samba também comemora a agenda lotada. – Se o Brasil ganhar dá pra ganhar um dinheirinho a mais, é mais animado..” Ai duplica o cachê, nê? Final supervaloriza, o chop aumenta, o músico tem que ganhar mais”. A partida já começou, difícil encontrar um lugar vazio, o bar está lotado, alegria para os torcedores e também para os comerciantes. Segundo o sindicato de bares e restaurantes aqui do Rio de Janeiro, o movimento em dias de jogos da Copa aumenta em até 50%. E se o jogo é na hora do almoço, muita gente corre para o ataque. O esquema é um só, um olho no jogo e o outro no prato. “A gente come mais, fala mais, do que vê o jogo” Mas gasta mais também, nê? “É, tem isso também. risos”. Levantar a taça ajuda a descontrair. “é o calor humano, a nação brasileira, Brasil campeão”. Calor humano, que facilita a paquera. Assim como o jogo, Luciana também ficou no 0 a 0. A consultora planeja mudar de tática e partir para um corpo a corpo nas próximas rodadas “de repente vir na final com alguém, nê, acompanhada”.

7 – Nyelsen Martins – Em São Paulo, corações divididos, pelo menos nas padarias, onde o que não falta é portugueses. “Joaquim, não se esqueça (risos)”. Os fregueses provocaram. “A gente vai comer os portugueses, a bacalhoadá”. Mas seu Carlos queria mesmo era o empate. “Tá ótimo, os dois pra mim tá ótimo”. “Português e Brasil é tudo uma família, nê? Então não tem problema” E não é que o palpite dos padeiros era forte? “Um jogo de irmãos, eu preferi assim. Assim nem sofro de um lado nem sofro do outro”. No trânsito de Belém, o motorista brasileiro que resolveu torcer também por Portugal. Torcida de parar o trânsito. “Esse motorista é doido” “Como eu sou cheio de alegria eu quero dar isso pra todo mundo. Fala pros companheiros também, te amo”. Longe do barulho, esse torcedores preferiram assistir ao jogo em casa, ao lado do chefe da família. “Eu sou português e como português estou torcendo para Portugal”. Ele é casado com uma brasileira há 51 anos, mas na hora de torcer, o coração de Dona Celeste, já tem dono. “Meu coração é pro Brasil, claro”. Mesmo em família, a rivalidade é grande, mas entre tantos brasileiros, o neto do casal vestiu a camisa portuguesa. “É pra dar um equilíbrio aqui na torcida”. Há doze Copas do Mundo é sempre assim, torcer em família virou tradição aqui na casa do seu Baltazar e da Dona Celeste. Mas depois da rivalidade no futebol, no final tudo acaba em festa.

8 – Emerson Ramos – Nesta multinacional, dia de reunião pra torcer. Pausa no trabalho pra lotar o auditório. Duas horas de preocupação só com o jogo e olha que tem gente ai de vários países. Mas hoje era uma torcida só pela nossa seleção. “É muita emoção, nós já estamos classificados mas queremos sair em primeiro. Tem gente de muitos países trabalhando com a gente, Venezuela, Filipinas, México, Portugal, Espanha, Argentina. então nessa hora todo mundo é brasileiro”. Já na montadora de automóveis até parece torcida organizada. Camisa, bandeira, corneta e muita confiança. Linha de produção parada durante o jogo, mas antes, era

expediente normal, ou quase normal. “Não dá pra concentrar muito não, você fica pensando, todo mundo gritando”. Em vez de roupa de trabalho, o uniforme do dia. “Hoje é a vez do Brasil, hoje não é a vez da empresa, agora é o coração que fala mais alto”. A empresa montou oito telões, teve lanchinho pra dar uma força mas a fome mesmo era outra. “Daqui a pouco nós vamos ter fome de gol”. Na estreia do Brasil, os funcionários foram liberados mais cedo pra ver o jogo em casa. A segunda partida foi no domingo de folga. Mas hoje não teve jeito de ficar com a família. Pra compensar, a fábrica, ganhou um clima de arquibancada. Chefes e subordinados, juntos, viraram simplesmente torcedores. E se o jogo é complicado aparece sempre um torcedor que nem aguenta ficar sentado. “Melhor assistir em pé mesmo. Porque o Brasil tá jogando mal”. No fim, mesmo sem um golzinho, tem comemoração, rápida, porque é hora de voltar ao trabalho, mas sem esquecer da próxima partida, lá na África. “Tomara que eles se preparem melhor e o próximo jogo o Brasil ganhe, nê?”.

12 - Ana Paula Padrão – Olha, jogo de futebol é quase sempre um sofrimento. 45 min, aí aquele intervalo, mais 45 min quase duas horas as vezes de muito pouca alegria. É sempre sofrido. Agora tem muita gente, eu acho que é por causa desse sofrimento todo que aproveita esse tempo de uma maneira diferente. Celso Freitas: a repórter Cristiana Gomes foi em busca de brasileiros que não tão nem aí, que não dão nenhuma bola pra Copa do Mundo. **Cristiana Gomes** – Santos. “o tempo tá bom, a praia tá boa pra pescar”. Recife. “Prefiro mais refletir algumas coisas do que assistir o jogo”. “Já que não pode ir lá, aproveita pra bater um futebolzinho com a rapaziada aí”. Em cidades grandes, com paisagens bonitas, tem sempre alguém que prefere fazer exercícios quando a seleção está em campo. Durante 90 minutos, ruas vazias. Quem não gosta de futebol, descobre que o silêncio é valioso. “É melhor, nê? Tomar um solzinho e aproveitar”. No Rio o sol forte tirou muita gente da frente da TV na hora do jogo. Com o mar assim, deu 1, 2, 3 a 0 para a pescadora. “Eu sou apaixonada pela pesca, desde criança”. Terminou o primeiro tempo e o pessoal que tá aqui na praia não tem ideia de como que tá o placar. Será mesmo que alguém consegue ficar assim tão indiferente a uma Copa do Mundo? Richard consegue. E mais, despreza a Copa. Finge que nem existe. Você não se acha meio estranho assim de ter essa postura? “Muito, eu sou muito estranho, muito estranho”. Ele acha que a vibração dos brasileiros por futebol é um pouco exagerada. “O brasileiro ?” Se é dia de jogo o ator passeia e lê na maior tranquilidade. “Sexta feira e tá vazia a rua, o Brasil parou”.

14 – Rodrigo Vianna – A concentração alemã fica nesse hotel elegante, perto de Pretória. Diferente do que acontece com o Brasil, não há aqui nenhum atropelo no contato com a imprensa. O capitão Philipp Lahm conversa calmamente com o jornalista. A nossa frente passa o jovem craque Tomas Muller, que acabou de dar entrevista. Aquele outro, é o zagueiro Mertesacker. Mas nós não viemos aqui para falar com nenhum deles. O nosso entrevistado é Claudemir Jerônimo Barreto, um alemão nascido em Santo André e criado em Mogi das Cruzes, estado de SP. Na hora de definir a sua nacionalidade, o simpático Cacau, fica em cima do muro. “Eu gosto de falar que eu sou 100% alemão e 100% brasileiro”. Naturalizado alemão há um ano, ele chegou a Copa como coadjuvante mas já fez até gol e no último jogo começou como titular. Cacau diz que não se intimida por disputar uma vaga num time com jogadores como Klose ou Podolski. “Não eu não estranho mais. Eu já estou 10 praticamente

jogando profissionalmente na Alemanha a gente já foi campeão Alemão, já jogou Champions League com grandes craques também, então é rotina”. Cacau foi pra Alemanha muito cedo pra jogar num time da quinta divisão mantido pela comunidade Turca de Munique. Logo chamou a atenção de times importantes e há sete anos atua no Stuttgart. Eu pergunto se agora, na elite do futebol mundial ele ainda se lembra dos tempos de Mogi das Cruzes. “A gente passa tudo, todo o sofrimento toda a luta de treinar e ir para um time, fazer teste, não passar, tentar de novo correr atrás. Então tudo isso passa como um filme na cabeça principalmente num momento especial desse como é a Copa”. E como vai ser se tiver que enfrentar o Brasil? “Com certeza seria algo muito especial, seria um momento de muitas emoções, onde viriam muitas lembranças”. O encontro entre Cacau e os brasileiros só deve acontecer em uma hipotética final a exemplo do que aconteceu na final de 2002. Mas para chegar lá, as duas seleções tem que vencer vários desafios. No caso da Alemanha, o próximo já é um clássico mundial. O jogo de domingo contra a Inglaterra. E tudo indica que deve ter um brasileiro dentro de campo. [...] Cacau sonha em trazer a esposa brasileira e os filhos Ligia e Levi para assistir uma possível final da Copa e manda um recado. “Manda um abraço pro meus familiares e meus amigos ai no Brasil”. Manda sorte pra seleção brasileira ou não muito? “Sorte pra seleção brasileira até encontrar a gente”.

15 – Mylena Ciribeli – Assistir o jogo do Brasil é sagrado. Nada impede o torcedor de acompanhar as partidas onde quer que ele esteja. E com o jeitinho brasileiro tudo dá certo. **Carlos Magno** – Na baía do Guajara, em Belém, todos os barcos procuram uma televisão. Gabriel tem uma TV na própria embarcação. Ele para mas mantém o motor ligado, afinal, é o gerador que mantém a televisão. “O jogo do Brasil ninguém perde aqui”. Quem não tem gerador, tem bateria Edmar, picado de cobra, ganha um lugar privilegiado na platéia. Bem longe dali, em Brasília ao lado do Palácio da Alvorada improvisam uma barraca pra ver o jogo. Na Barra da Lagoa em Florianópolis pescadores tiram o último barco da água, minutos antes da bola rolar. O vento sopra forte e todos se abrigam num barracão de madeira. O cheiro da comida domina o ambiente. Em Goiânia, Bruno e Divino, empregados de uma fazenda, trabalham numa pressa fora do comum. “Nóis num pode perdê esse jogo di jeito nenhum num é?”. Manoel é outro apressado, tem que dar comida aos porcos antes das onze. “Nóis tem que ficar aqui assistindo na fazenda”. Enquanto isso, Neto, um adolescente da fazenda tenta um lugar pra instalar a televisão. “Tem que dar um jeito”. Anália prepara o almoço. Na África os times já estão em campo. O rádio ligado aumenta a expectativa. Tudo para, nada mais se meche. O jogo vai começar. Em fazenda, quase ninguém usa relógio mas todo mundo sabe quando dá onze horas. É que o estômago avisa, é hora da bóia. E hoje além do almoço, tinha jogo da seleção. E o Neto finalmente arrumou um lugar onde instalar a TV, na varanda da casa. A torcida está otimista, mas sofre com o mau desempenho da seleção. O gol do Brasil não sai e o jogo termina. Ninguém comemora, mas também não desanima. “0 a 0 tá bom pros dois times”. “Os dois precisava do empate, ai, tá bom demais”. O resultado foi bom que tá ainda no primeiro lugar do grupo, e agora vamos pras oitavas”.

16 – Mylena Ciribeli – Hoje numa aldeia indígena perto de Manaus, até o pajé torceu pela seleção. **Cassiano Rolim** - Os pajés cuidam (...) em dia de jogo da seleção, só entra quem trás bons pensamentos. E a maloca, principal casa da tribo vira uma concentração. Os índios não

esquecem que os adversários de hoje, Portugal, no passado conquistou os povos da floresta. “No começo, no início, os portugueses maltrataram os povos brasileiros”. E em criatividade a tribo não quer perder nem para a torcida sul africana. “Uma vuvuzela pra mim torcer para o Brasil”. Ela é feita com que essa vuvuzela? “Feita de palha de inajá”. Mas com o jogo equilibrado, nem sobra tempo para cornetar. Só lamentar a falta de gols. Pelo menos a tribo ainda vai se reunir para torcer de novo pelo Brasil, só esperam que da próxima vez a dança seja a da vitória. “Hoje teve empate porque faltou o Robinho, Kaká. Mas próximo jogo a gente espera mais ainda”.

21 - Ana Paula Padrão – Chega a 51 o número de mortes provocadas pelo temporal dessa semana em Pernambuco e Alagoas. A energia elétrica já foi restabelecida na maioria das cidades. **Celso Freias** – Nas áreas atingidas pela chuva também houve torcida para a seleção brasileira de futebol. Mas depois da enxurrada que destruiu casas e eletrodomésticos foi difícil encontrar uma televisão. Destruição e esperança. A enxurrada destruiu casas e os eletrodomésticos da maioria do moradores de Murici, no interior de Alagoas. Gilvan assistiu o jogo no meio da praça. Da zona rural onde ele mora até o centro da cidade foram 20 min pedalando. Mas Gilvan chegou a tempo de ver a seleção do Brasil entrar em campo. O jogo você não podia perder? “Não, podia perder não. É importante, né?”. São onze horas e cinco minutos, o jogo do Brasil acabou de começar e apesar de toda a destruição provocada pela enchente aqui na cidade de Rio Largo, as pessoas conseguiram parar e acompanhar a seleção. Os torcedores não tiveram escolha. A torcida foi num abrigo, onde vivem dez famílias. O lugar não tem nenhum conforto, mas ver o Brasil em campo aliviou o sofrimento de Fábio. “A gente não pode viver também só pensando no que aconteceu, temos que pensar num futuro mais pra frente, né?”. Na cidade encontramos uma bandeira. Foi o que restou da festa programada para hoje. “Nem jogo de Brasil nem nada mais, pra mim acabou. Sofrimento de mais, a situação é grave. Meus irmãos perdeu as casas”. Um temporal fez o rio Mundau transbordar. Cerca de 1300 casas desabaram ou ficaram danificadas. Os donativos começam a chegar. A prioridade é para as regiões onde o acesso é mais difícil. Ainda não há prazo para o início das obras de reconstrução das pontes e estradas. Depois da enchente, água potável é que mais faz falta. As pessoas andam nas ruas usando máscaras para suportar o mau cheiro provocado pela mistura de lama e lixo. Dona Antônia nem lembrou que tinha jogo do Brasil. A casa dela foi completamente inundada. Agora é preciso cuidar da limpeza. “Eu não sei nem dizer o que foi que a gente passou por que só de você ver...isso daqui não é roupa minha não, isso é dos outros”. Nos pontos de arrecadação de donativos ninguém parou pra ver a seleção jogar. Maria José até se vestiu de verde e amarelo mas a prioridade era outra. “Tem mais gente sofrendo nessa ... lamentável o que aconteceu né? Mas junto com as minhas colegas a gente tá fazendo o que pode”.

Jornal da Record - 28 de junho - Brasil e Chile		
	MATÉRIA	CONTEÚDO
1	Narrativa Roberto Thomé - Brasil e Portugal (torcedores)	Sobre o jogo
2	Comentário atuação jogadores da seleção - Roberto Thomé	Sobre o jogo
3	Torcida brasileira na África do Sul/Turismo	Extra campo
4	Narrativa Holanda	Extra campo
5	Torcida brasileira no Brasil	Extra campo
6	Roubo Aeroporto	Editorial
7	Bingo Clandestino	Editorial
8	Assassinato	Editorial
9	Comentário sobre Brasil e Holanda	Sobre o jogo
10	História Brasil nas copas	Extra campo
11	Torcida brasileira no Brasil	Extra campo
12	Torcida: interesse feminino pelo futebol	Extra campo
13	Cães adestrados brasileiros - ação social na África do Sul	Extra campo
14	Tempo	Editorial
15	Monte Sião	Editorial
16	Chuvas NE	Editorial
17	Eleições	Editorial
18	Narrativa torcida brasileira pelo mundo	Extra campo
19	Torcida brasileira/chilena no Brasil	Extra campo
20	Violência no México	Editorial
21	Marlin Monroe	Editorial
22	baloeiros	Editorial
23	Caso Bruno	Editorial
24	Indios também acompanham a copa	Extra campo
25	Especial Namíbia	Editorial
26	Torcida brasileira em SP: Vale do Anhangabaú e Jockey	Extra campo

1 - Ana Paula Padrão – O único país pentacampeão do mundo mostrou o que 190 milhões de brasileiros queriam, esperavam ver desde o início dessa Copa. **Celso Freitas:** É, se o time fez a parte dele imagine então a torcida que não falha. **Mylena Ciribelli** – O Chile foi o velho e bom freguês que todos nós esperávamos. Mas na verdade a seleção chilena começou pressionando e criando dificuldades mas o gol de Juan mudou tudo [...] nós acabamos vendo uma vitória fácil da seleção brasileira. **Roberto Thomé** – Os chilenos queriam fazer história e entraram numa roda bem brasileirinha. Para o Brasil, freguês que é bom freguês nunca tem razão ainda mais em Copa do Mundo. “Não tem como dá Chile, é Dunga na cabeça meu irmão, de novo, é no mínimo 3”. A tradição nesta hora pesa e o Chile não resistiu. Aos 35 minutos do primeiro tempo, Maicon cobrou o escanteio e Juan, de cabeça, fez 1 a 0. Três

minutos depois um ataque letal com Robinho, Kaká e Luís Fabiano terminou em goloço. Eleito pela Fifa o melhor jogador da partida, Robinho completou arrancada de Ramirez e fechou o placar: Brasil 3, Chile 0. A seleção melhorou em relação ao empate com Portugal e quase não correu riscos. Foi uma vitória segura que encheu de confiança os torcedores. O Brasil foi bem hoje? **Anônimo:** (A) Foi muito melhor que o Chile. (B) Adeus Chile! (C) Nós vamos para a final. (D) Agora pegar a laranja mecânica e fazer um suquinho. **Roberto Thomé:** Da euforia as provocações adivinha só pra quem sobrou o canto da torcida? **Torcida:** “O Argentina, pode esperar, a sua hora vai chegar”. [...]

2 - Roberto Thomé - Olha Milena, foram 5 destaques. Lúcio mais uma vez foi um grande jogador, Juan, companheiro dele, muito seguro, abriu o caminho da vitória brasileira. Ramirez substitui Elano com qualidade, e completando o trio ofensivo Kaká e Luis Fabiano jogaram muito bem. Com tantos destaques, o Brasil só podia mesmo atropelar o Chile.

3 – Rodrigo Vianna – Um castelo em estilo italiano. Arquitetura suntuosa, mas alguns detalhes de gosto duvidoso. Monte Cassino é um gigantesco complexo turístico, com hotéis, lojas, teatros, cinemas, e claro, muita jogatina. Desde 94, com o fim do apartheid, o jogo é liberado na África do Sul, mas nesta noite o jogo aqui é outro. O futebol atrai para cá, endinheirados de Johannesburgo e turistas do mundo inteiro. Um lugar onde se encontra os vencedores e os derrotados dos últimos confrontos das oitavas de final. O mexicano relaxa depois da batalha de ontem. O esforço para vencer a Argentina foi em vão, mas ele mantém o bom humor “A copa continua, é bom estar aqui, e que p Brasil seja o campeão”. O holandês está no Monte Cassino pra ver pela TV quem será o adversário deles nas quartas de final. Brasil ou Chile? Ele jura que prefere os brasileiros. Já perdemos em 94, 98. Eu quero enfrentar o Brasil porque dessa vez a vitória será nossa. A autoconfiança holandesa parece verdadeira num lugar em que quase tudo é artificial. As casas, as fachadas, até o céu não é de verdade. Quase tudo aqui em Monte Cassino é cenográfico, inclusive as árvores, olha essa aqui. [...] Desse lado aqui o céu é de verdade essa imensa área dentro do Monte Cassino foi reservada. Só entra quem pagou ingresso para ver o jogo no telão. Uma torcida vip. Há poucos brasileiros, mas os que estão aqui são fervorosos. Os fogos não são cenográficos, mas o telão parece de mentira, falha no início do jogo. Quando a imagem volta o verdadeiro futebol brasileiro logo aparece, 1 a 0. Festa dos sul africanos e também dos brasileiros legítimos. Comemoração em dobro no segundo gol da seleção. “Meu coração tava na mão, ainda bem que saiu o gol brasileiro os dois gols brasileiros pra gente ficar mais tranquilo”. No segundo tempo 3 a 0, jogo decidido, os brasileiros já pensam lá na frente. “A Argentina é mais medonha. aquilo não vai ser jogo, vai ser guerra”. Mas antes de falar da Argentina e da final é preciso ganhar da Holanda na sexta feira, só então será possível sonhar com a taça. Não essa, mas uma de verdade.

4 – Luiz Fara Monteiro – Narrativa Holanda [...] Uma orquestra conhecida como laranja mecânica, um maestro dentro de campo chamado Rooben, um conjunto que toca a bola com facilidade e determinação. A seleção que está dando um baile na Copa e colocando os adversários pra dançar, chama-se Holanda. [...].

5 - Ana Paula Gomes – Para esta família da zona norte do Rio a concentração para o jogo começa na cozinha. [...] Partir para o ataque com tanta voracidade é considerado falta grave pelos nutricionistas. Qual a cor do cartão hoje que ele leva? (vermelho). Sexta feira foi a festa pela classificação em primeiro lugar do grupo. A comemoração entrou pelo fim de semana. Mas que resiste acompanhar os jogos da seleção sem beliscar alguma coisinha? Até a Copa do Mundo virou desculpa para adiar o regime. [...] Não importa o lugar, quando a seleção entra em campo, o apetite fica insaciável. Para comer sem culpa, Helena tem uma tática infalível. “beijar muito, comemorar bastante os gols pra poder queimar as calorias do pastel”. Se recuperar de tantos excessos exige sacrifícios, não tem jogo fácil. [...] Mesmo com força de vontade a alimentação saudável só deve durar três dias. Na sexta feira, a seleção entra em campo mais uma vez.

10 – Celso Freitas – Quem não se lembra desse chute do lateral Branco? Quem pode esquecer o gol que levou o Brasil a uma semifinal de Copa do Mundo depois de passar anos longe das primeiras posições? Romário e Bebeto também marcaram naquela tarde em Dallas, nos Estados Unidos. O Brasil vingava uma derrota de 20 anos antes para a mesma Holanda. Uma semana depois o capitão Dunga levantava a taça do tetra. Em 1974 na Alemanha, a laranja mecânica revolucionou o futebol europeu e mundial com um jeito novo de jogar. Toque de bola, movimentação intensa consagraram um time que ficou conhecido como o carrossel holandês. Cruyff comandou a vitória contra o Brasil nas semifinais, 2 a 0. Em 98 na França, pegamos a Holanda, de novo. No tempo normal, empate, 1 a 1. Na disputa de pênaltis, Tafaél brilhou. A vitória por 4 a 2 levou o Brasil para a sexta final de Copa do Mundo de sua história.

11 - Cristiana Gomes – Lugar de torcer é ao ar livre, junto dos amigos e perto da música. No Morro Dona Marta a Copa do Mundo desta vez está sendo diferente, é a primeira com a presença permanente da polícia na comunidade. Festa assim, no meio da rua, sempre houve em todas as copas do mundo. O que não havia antes da pacificação, eram tantos visitantes a começar pela nossa equipe de reportagem. Os moradores não estão acostumados a ver a televisão chegar assim, para registrar um momento de paz. “Só vinham aqui quando tinha gente morrendo, desastre, casa caindo”. Em dia de jogo vem mais gente de fora. Pedro e Bruno moram desde pequeno no bairro vizinho. Só agora tiveram coragem de subir o morro. “É uma coisa mais brasileira aqui, mais perto do povão e tudo mais” “Tó sendo bem recepcionado”. Este senhor do interior de SP também estava curioso. “Falei ah, eu vou lá, eu quero conhecer. Ai acabei vindo, fiquei ali embaixo tinha uns policiais parados, vi que tava tranquilo”. Melhor para seu Antonio. Quando a seleção joga, o movimento no bar, dobra. “Se o Brasil continuar assim tá bom”. É bom para a cidade toda, que fica menos dividida.

12 – Natália Leite – Torcida é com elas mesmo. “Elas são piores que as vuvuzelas, mas elas dão tempero aos jogos”. Produção, não falta. Maquiagem unha só pro jogo? “Maquiagem, unha, preparação perfeita para o jogo”. E conversa durante o jogo, também não. Mas o que as mulheres tanto falam numa partida decisiva como a de hoje? “Vai Júlio César, lindo”. Esse grupo normalmente não está nem ai para futebol. Elas não vão aos estádios, não acompanham os campeonatos, nem sabem os nomes da maioria dos jogadores da seleção. Mas quando

chega a Copa elas ficam assim, vidradas. E desse interesse repentino, de quem não entende lá essas coisas do esporte vai sair cada uma. Olha como é a hora do gol. Quem fez? “Ah, não sei”. Como é que foi o lance? “Não sei, eu tava conversando sobre outra coisa, não vi”. Os nomes dos atacantes, ninguém por aqui sabe, o que faz um volante, muito menos. “Sei aquele negócio que tem no carro”. O que é um tiro de meta então...”Eu sou bancária, meta eu sei o que que é, agora tiro eu já não sei”. Já pra responder quem são os bonitões da seleção a mulherada não precisa nem pensar. “Eu sou fã do Kaká e do Júlio César”. “Além do Kaká, Júlio César e Robinho, os outros são umas pessoas a mais ali em campo jogando bola pra lá e pra cá”. Mas em tempos de Copa não precisa mesmo entender muito das regras, dos lances. Palavra de quem já se acostumou a torcer de 4 em 4 anos. “Se encontrar, se divertir tá valendo. Eu acho que a Copa é exatamente isso”.

13 – Adriana Bittar – Eles (cães) vestem a camisa da seleção e vieram do Brasil para fazer bonito na Copa da África. Fenômeno e Garrincha, eles são o máximo com a bola nos pés, quer dizer, nas patas. Os cães da raça Border Collie são de André Rosa. O adestrador faz trabalhos sociais com os animais em SP. Os três trouxeram alegria as crianças pobres. O lugar escolhido foi o Soweto, uma das maiores comunidades carentes de Johannesburgo. Este campo de terra, no meio da favela, serve de espaço para as crianças brincarem. Mas a pelada de hoje é completamente diferente de tudo que eles já viram. Os cães fazem jus aos apelidos. Esse fenômeno ai, está mesmo em forma. Manda bem até no gol. As crianças ficam encantadas e se divertem com as habilidades desses craques de quatro patas. Mais do que saber fazer truques e obedecer aos comandos, Fenômeno e Garrincha usam uma simples bola para mostrar que a felicidade está nas pequenas coisas. São dois cachorros que trazem uma mensagem: O futebol tem o poder de trazer alegria e esperança pra qualquer um em qualquer lugar. Todos podem jogar futebol, diz o garoto. Este conta como está feliz hoje. Me sinto alegre e com esperança, eles trazem paz, fala este outro. “Isso existe dentro deles os cachorros acabaram só despertando isso. E eu também, eu fui criança, morei na periferia de SP e aprendi muito com isso”. André bancou a própria viagem. Tudo por um ideal, mostrar que é possível vencer a vida, com dignidade e respeito ao próximo. “Eu choro de alegria de estar aqui, olhar pra eles, então é muito mais gratificante pra mim”. Brincando de jogar bola com cães, essas crianças descobriram que pequenas atitudes podem melhorar o mundo. Fenômeno, Garrincha e André [...] pelo menos por um dia a infância no Soweto foi mais feliz.

18 – Camila Busnello – Os pubs na Inglaterra ficaram verde e amarelo. Brasileiros e britânicos torceram juntos. A turista Daniela parou tudo para acompanhar a seleção. Turista: “Tem que parar compra, tem que parar a viagem, tem que para tudo e vir aqui torcer pro Brasil. Vim a caráter de brinco chinelinho amarelo a camiseta ô e vamo que vamo Brasil, é isso aí hein”. E a empolgação era tanta que até o gari inglês deixou o dever de lado e se juntou a torcida a comemoração teve música típica do futebol brasileiro. Muito orgulho e amor também e m Portugal. Os brasileiros mostraram que sabem fazer barulho antes e na hora do jogo. O bom desempenho da seleção deixou a torcida otimista. Torcedor “Vai ficar Brasil e Argentina na final e nós vamos ganhar em cima da Argentina, de 3 a 0”. Em New Jersey no EUA a comunidade brasileira montou um grande esquema pra acompanhar o jogo. A seleção brasileira marcou dois gols no primeiro tempo, mas para Vicente ainda não era bom. Torcedor

“3 a 0”. E a previsão dele se confirmou para a alegria de todos os torcedores. Mesmo longe de casa os brasileiros deram um jeitinho de comemorar como gostam. Música, churrasco e animação extra depois da goleada contra o Chile. Torcedor “Que venha a Holanda e a taça é nossa.

19 – Ogg Ibrahim - A decoração tem o vermelho branco e azul mas também tem o verde e o amarelo. Por aqui a torcida assim como em campo é metade brasileiro metade chileno. Gente que começo do jogo também dividiu nervosismo até o primeiro gol. Juan balança a rede, gol brasileiro. A torcida verde e amarelo comemora forte no território adversário. Menos de 5 minutos depois, Luís Fabiano diminui as chances do Chile. E o primeiro tempo termina com a torcida contrária roendo as unhas. Torcedor: “Vamo virar e a esperança de ganhar ainda tá aqui no coração”. Começa o segundo tempo Robinho mal da chance dos adversários se recompem: 3 a 0 Brasil. Nova comemoração para calar ainda mais a calada torcida tricolor. O filho busca consolo no colo do pai mas é tarde. Para os chilenos a taça ficava ainda aís distante. O jogo termina com o Chile fora da Copa, que se despede. É não teve jeito. No duelo sul-americano prevaleceu a supremacia brasileira mas isso não incomodou muito essa turma aqui não. Afinal a rivalidade durou só 90 minutos. A partir de agora, os corações que eram vermelho, branco e azul, passam a ser verde e amarelo. Torcedor: “Desculpa, (imita choro), sou chileno mais vivi minha vida inteira no Brasil e graças a Deus tamo lá mais uma vez”. “Tenta torcer, continuar torcendo para o Brasil, rumo ao hexa agora”.

24 – Cassiano Rolim – Um adulto guia os indiozinhos durante uma hora pela floresta. Eles procuram a matéria prima usada para fazer o instrumento que agita a torcida indígena. Quando se chaga ao ponto de coleta da planta, quem não está habituado a mata, como nós não esconde o forte calor. Quanto aos índios, nem parece que eles acabaram de fazer uma longa caminhada. E aqui está, a palha que é usada pra fazer a vuvuzela da tribo. Aqui, Diakuru (líder indígena), explica que as folhas estão escondidas nesta parte da planta. Enquanto cortavam essas palmeiras para construir as casas da aldeia, os índios descobriram que a palha podia se transformar num instrumento. Ensinararam aos curumins como enrolar a palha e fazer um barulho daqueles. Diakuru “Adulto enquanto ele dança dentro da oca as crianças estão brincando com esse tipo de cornetinha do lado de fora. Agora que a tribo está assistindo a uma Copa do Mundo pela primeira vez, a corneta, que aqui é chamada de Pepoli, reforça a torcida pelo Brasil. Só quem não deve estar gostando são os outros moradores da mata. Índio: “Faz mais barulho do que o da África”

26 – Emerson Ramos - Uma multidão a caminho do centro de São Paulo. Para o Vale do Anhangabaú vieram torcedores de todas as regiões da cidade. Para aproveitar essa festa não precisava tirar nada do bolso, só gastar sola de sapato. E por aí Rafael? **Rafael Ribeiro** – Pois é Emerson, aqui no jockey a multidão era de carros importados e já mostravam bem o tipo de torcedores que vinham assistir o jogo. R\$50 de estacionamento, R\$200 só pra entrar. Tem lá suas mordomias. Pra relaxar a tensão das oitavas, uma sala de massagens. Emerson – É, por aqui, não tem massagem. Mas nem precisa, o torcedor está tranquilo. A aposta é numa vitória sem stress. E o barulho das vuvuzelas faz parte da festa. Até uma versão nacional (senhor tocando um berrante). Rafael – No jockey vuvuzela foi coisa rara de encontrar mais olheiro

tinha bastante. Em campo um desfile de moda. Torcedora: “É só gente linda que vem pra cá, você pode ver que a galera é bem vestida, bem arrumada, é bem legal. Emerson – No Vale do Anhangabaú, também tem gente chique e capricho no visual. Torcedora – “Toda mulher se arruma para ficar num local cheio de homem bonito”. Bonito mesmo era usar verde, amarelo, azul e inventar alguma coisa mais. Rafael – Já a coleção de inverno 2010 do jockey também tinha as cores do Brasil. O importante não era apenas ver o jogo, mas ser visto. Parece que estamos numa balada. Torcedor: “O pessoal vem mesmo acho que é pra pegação”. Emerson - 0 a 0, que nada. Aqui o pessoal parte logo para o ataque. Torcedora: “Aqui tem mais movimento, tem pessoas bonitas igual a você, igual nois, dá licença...rsrsrs?”. Rafael – Olha no jockey também não dava pra reclamar não viu? Se você passasse mal, por exemplo, seria muito bem atendido. E se precisasse de uma alívio, você nem saberia qual escolher. E por aí Emerson? Emerson – Ah, era respirar fundo e caminhar para encontrar a única opção. Rafael Ribeiro– Você acha que essa galera aqui é vip? Você não viu nada. Aqui estão os vips dos vips. Uma área reservada e exclusiva onde os felizardos pegam a bebida muito mais perto não tem fila e ainda ficam bem mais próximos ao palco. Emerson – Olha Rafael, comida aqui, era melhor trazer de casa, pra não passar fome. E camarote no centro, era o viaduto. O privilégio deles: assistir tudo lá do alto. Emerson Ramos – No Vale do Anhangabaú eram esperados 50 mil torcedores e com tanta gente assim, não dá mesmo pra dizer que alguém teve conforto pra ver o jogo. Mas também, o que é passar um pouquinho de aperto para participar de uma comemoração tão grande? Muita euforia aqui. Rafael – Aqui, igualzinho. Emerson – Deu pra ver que na hora de vibrar em todo lugar, o amor pela nossa seleção só muda de endereço, a festa é sempre a mesma.

Jornal da Record - 02 de julho - Brasil e Holanda		
	MATÉRIA	CONTEÚDO
1	Narrativa Roberto Thomé - jogo Brasil e Portugal (torcedores)	Sobre o jogo
2	Comentário atuação jogadores da seleção - Roberto Thomé	Sobre o jogo
3	Narrativa torcedores brasileiros na África/trajetória Dunga	Extra Campo
4	Torcida brasileira no Brasil	Extra Campo
5	Torcida holandesa na Holanda	Extra Campo
6	Narrativa Uruguai e Gana	Sobre o jogo
7	Cemitérios RJ	Editorial
8	Assalto a banco	Editorial
9	Incêndio RJ	Editorial
10	Tempo	Editorial
11	Petrópolis (Turismo)	Editorial
12	Rotina "serviço público" durante a copa	Extra Campo
13	Aumento lucro/consumo no comércio	Extra Campo
14	Torcida holandesa em Holambra-SP	Extra Campo
15	Câmera Record	Editorial
16	Torcida da "paquera" no Brasil	Extra Campo
17	Tristeza no comércio popular no Brasil	Extra Campo
18	Eleições	Editorial
19	Projeto social - Música	Editorial
20	Turismo -brasileiros pelo mundo	Editorial
21	Casal baleado	Editorial
22	Médico Presso	Editorial
23	Caso Bruno	Editorial
24	Especial Namíbia	Editorial
25	D.Espetacular	Editorial

1 - Roberto Thomé – O jogo bonito, que todos queriam ver no estádio Mandela Bay, em Porth Elisabeth, apareceu. Laranja foi a cor desta quarta de final. Se bem que no primeiro tempo, o verde e o amarelo, ou melhor, o azul, predominou. Foi a melhor atuação do Brasil na Copa. E Robinho, aos 10 minutos, completou pro Gol, o belo passe de Felipe Melo. A seleção perdeu chances para aumentar o placar e tomou a virada no segundo tempo. Júlio Cesar, errou na falta cobrada por Sneijder e Felipe Melo, fez o gol contra. Em um escanteio, o segundo gol da Holanda. Sneijder de cabeça, decretou a eliminação do Brasil. Felipe Melo prometeu uma possível reação ao ser expulso, depois de pisar Robben. Foi ele o jogador mais visado pela torcida na volta. (jogadores xingando Felipe Melo). Felipe Melo e todos os integrantes da delegação entraram rapidamente no hotel e ninguém mais foi visto pelos torcedores. Cinco jogos, 3 vitórias, um empate e a derrota fatal. Os erros individuais superaram o futebol

coletivo e o projeto do hexa, virou sonho para 2014. Torcedor: “No Brasil com certeza vamos dar a volta por cima e vamos ser hexa campeão”. “Esta é a tua seleção Dunga, a seleção que tu botou em campo”. Não queremos aceitar isso mas é a verdade. A Holanda jogou melhor e ganhou”. “Foi morte anunciada. Sabíamos. O Dunga infelizmente morreu abraçado com o seu grupinho”. A sexta-feira, que poderia ser gloriosa para o futebol brasileiro terminou em Porto Elizabeth com a cara triste, melancólica e cheia de lágrimas.

3 - Rodrigo Viana – A beira mar os holandeses pareciam mais numerosos e mais barulhentos. Mas o Brasil tinha o reforço de uma inesperada cavalaria. O que se via em Porto Elizabeth não era apenas uma disputa entre duas torcidas vibrantes, de otimismo exacerbado. A cidade inteira parou para ver o animado desfile a caminho do estádio Nelson Mandela Bay. Os brasileiros acostumados aos últimos jogos em cidades muito mais confusas como Johannesburgo até estranham a facilidade com que tudo acontece aqui em Porto Elizabeth, uma cidade menor, muito mais acolhedora onde hoje, todos os caminhos levam pra cá, o belíssimo estádio que tem o nome de Nelson Mandela. A torcida aprendeu a confiar em uma seleção que tem um comandante polêmico. Dunga nunca havia dirigido outro time antes de virar o treinador em 2006, mas calou os críticos ganhando quase tudo. A Copa América em 2007 e as Confederações no ano passado. Nas eliminatórias o Brasil terminou em primeiro. Com bons resultados Dunga resistiu as pressões e deixou Ronaldinho Gaúcho fora da convocação pra Copa do Mundo. Não trouxe os xodós da torcida Neymar e Ganso. Fez as coisas do jeito dele. Sem meias palavras, sem concessões, bateu de frente com a imprensa. Dunga: “Cada um faz todo tipo de pergunta que quiser. Algumas respostas também você não vai gostar que eu dê mas é seu direito também. Agora é o meu direito também, acho que é uma democracia. Cada um pergunta o que quer e pode ouvir o que não quer”. E Dunga apelou para o patriotismo. “O torcedor pode ter certeza, a gente tá fazendo tudo o que for o melhor pra seleção brasileira, que é a melhor mercadoria que o Brasil tem, que expande pelo mundo todo é a seleção”. Como jogador ele já tinha vivido o céu e o inferno. Depois do fracasso na Copa de 1990 Dunga virou um símbolo do futebol feio apresentado pelo Brasil. Nos tempos da era Dunga, muito carrinho, muita marcação e pouco resultado. Quatro anos depois volta por cima. Ele foi o capitão do time e ao lado de Romário e Bebeto conquistou a Copa dos EUA. Ao levantar a taça desabafou xingando meio mundo. Dessa vez como técnico na África do Sul, brigou com quem pedia privilégio na hora das entrevistas. As pesquisas mostraram que a torcida ficou ao lado dele. Dunga não queria o oba oba de 2006, quando a seleção ficou muito exposta. “A nossa seleção não é que ela seja fechada, ela é um pouco mais, tem um controle, uma privacidade melhor pra que todos possam trabalhar. Com eu falei antes eu gostaria que a torcida estivesse sempre junto ali com nós mas tem os momentos que a equipe tem que ter essa privacidade”. O comandante fechou o grupo. As vezes com pouca elegância no trato com a imprensa. Elegância que segundo alguns também faltou na escolha do figurino. Até as roupas de Dunga viraram motivo de polêmica. A torcida não se importa com isso e estava confiante no resultado de hoje. O Brasil que não começou jogando bem nesta Copa, mostrava força e consistência tática. A sorte seria lançada contra um time que joga bonito e tem uma torcida tão divertida como a brasileira. Quando o fim da tarde caiu sobre o Nelson Mandela Bay, nuvens escuras tinham levado Dunga e o Brasil para a derrota. Torcedor: “Hoje é dia do meu aniversário e me deram um presente de grego”. Presente de holandês, que levou Dunga a

pedir demissão já na coletiva após o jogo. O técnico teve personalidade para resistir as pressões mas o time não correspondeu em campo. Parece um exagero culpar apenas o treinador por essa derrota, mas o fato é que a era Dunga como técnico da seleção, está encerrada.

4 - Emerson Ramos - De norte a sul quanta expectativa. O país do futebol parou pra comemorar não pra lamentar. A camisa azul de outras vitórias, deveria dar sorte, mas não desta vez. Um time favorito, um primeiro tempo tranquilo, vantagem no placar, parecia tudo perfeito, mas no fim, adeus a Copa. E no país do futebol, não faltam explicações para a derrota. O time não teve talento? Ou não teve cabeça? Será que precisava atacar mais? Tem torcedor que procura os culpados pelo fracasso. E até sobra para aquele culpado de sempre (o arbitro). Mas pra muito torcedor, a responsabilidade é mesmo do chefe. Tem gente que vai reclamar pra sempre das ausências. Mas olhar para os nossos erros não significa deixar de enaltecer os acertos do adversário.

[...] jornalistas falam sobre erros do Dunga.

5 - Mauro Wedekin – Num dia com a cara e o clima do Brasil, os holandeses aproveitaram o calor de 30° e lotaram a praça do museu, uma das mais bonitas de Amsterdam. A festa da torcida laranja começou com música e confiança. Tá certo, os holandeses estão em casa, mas os brasileiros também sabem fazer barulho. A pequena torcida brasileira se misturou a holandesa para mostrar que também confia ou confiava no verde e amarelo. O gol da seleção logo no início do jogo foi um susto, mas não tirou a empolgação dos holandeses, que um pouco depois comemoraram o empate e a virada. Há 12 anos o país não chegava às semifinais do Mundial. Agora que conseguiram eliminar o Brasil os torcedores holandeses estão ainda mais confiantes e esperam conquistar pela primeira vez a Copa do Mundo. Decepcionados, os torcedores brasileiros só não querem uma coisa. “Agora é torcer contra a Argentina”.

12 - Jean Brandão - Central de serviços públicos, um Poupatempo na zona leste de São Paulo em um dia normal. O mesmo lugar em dia de jogo do Brasil. É o momento que Daiane esperava para encaminhar o seguro desemprego. Durante o jogo a torcida dos funcionários que precisam ser mantidos nos postos de trabalho é que não apareça ninguém para ser atendido e pelo que a gente percebe até por essas cadeiras vazias, é que tem muita gente preocupada mesmo, é com a seleção brasileira. Ontem essa atendente não parou um minuto. Hoje não atendeu quase ninguém. Mas nem assim pôde sair para ver o jogo. Para Cícero atenção dividida, no atendimento e na partida, pelo celular viu o único gol do Brasil. Mas bastaram os dois gols para a Holanda acabar com os futuros momentos de descontração dos trabalhadores brasileiros, unidos para torcer pelo Brasil. No aeroporto de São Paulo, no guichê da Infraero, que teve expediente normal na quinta, hoje o clima era de apreensão entre os funcionários e muita gente nem conseguiu espiar o jogo. Também não viu a derrota brasileira, principalmente quem estava pra lá e pra cá como o Seu Pedro. Ele já acompanhou 13 Copas carregando bagagens em rodoviárias. Seu Pedro lamenta a derrota da seleção e tão esperada taça ficou fora da bagagem dos nossos jogadores. E quando o comércio reabriu as portas depois do jogo, muitos funcionários ainda tiveram um trabalho ingrato: retirar os enfeites que alegraram os torcedores. Tudo que era verde e amarelo perdeu espaço. A

camiseta da Copa entrou em promoção. Com a derrota muita coisa ficou fora de moda. E as vuvuzelas vão ficar silenciosas por algum tempo. O destino por enquanto é o estoque.

13 - Celso Freitas - É o Brasil se despediu da Copa mas a farra nos dias de jogos foi a garantia de vitória, pelo menos para os donos de supermercados e para quem sempre encontra um motivo para comemorar. **Ogg Ibrahim** - Antes do jogo começar, fogo acesso, sal a gosto e cuidado para não passar do ponto. Todo churrasqueiro tem o seu segredinho. Essa turma aqui faz churrasco desde o primeiro jogo da seleção brasileira na Copa. Até agora mais de 100kg de carne foram consumidos. Reuniões como estas em dias de jogo estão fazendo a festa dos comerciantes. Bastava a seleção entrar em campo para as vendas subirem. Associação Paulista de supermercados: “O consumo em Copa do Mundo tem se acentuado no transcórrer do tempo e a gente tá observando na média um valor de 10% em relação ao ano passado”. Só neste supermercado a venda de carne carvão e cerveja aumentou cerca de 15%. O setor cervejeiro deve comemorar seu melhor período entre abril e julho, época em que normalmente o consumo cai por causa do frio. Mas a economia forte, os jogos da Copa e uma temperatura um pouco acima do normal já estão aquecendo as vendas de cervejas e de outros produtos utilizados nas comemorações. Se espera vender agora o mesmo que em um mês inteiro de verão. Segundo estimativas do setor o aumento no consumo de cerveja deve ser entorno de 12% e se depender dessa turma aí, as expectativas devem se confirmar. Mesmo com a saída da seleção brasileira da Copa. Os churrascos vão continuar.

14 - Daniela Boaventura - A cidade amanheceu no melhor estilo holandês. Brasileiros que simpatizavam com o adversário e holandeses que torciam para o Brasil se misturavam. Eles querendo devolver aqueles 3 a 2 que desclassificou a seleção europeia da Copa de 94. Nós, confiantes. No clube da cidade, mais torcedores divididos. Era um tal de roupa de um time bandeira de outro. Olha só o boné do Pablo. Ele disse que era só uma homenagem, queria que a Holanda voltasse para casa, e bravo. Nada me tira da cabeça que a culpa foi dele. (torcedor vestido de argentino) Olha a coragem! A indecisão e o coração dividido só duraram até o início do jogo. Agora, com a bola em campo, ficou claro que Holambra também veste verde e amarelo. Mas de repente os olhares passaram a ser de desespero. Fim de jogo e a festa foi laranja. Mas por aqui nada segue regra. Quem deveria estar 100% feliz estava: “eu fico com um pouquinho de dor no coração pelo Brasil porque afinal de contas a gente mora aqui”. E quem só deveria querer ouvir em Copa daqui quatro anos, vai continuar torcendo. É, pelo menos em Holambra, os dois países vão seguir lado a lado.

17 - Cristiana Gomes - Quadra da Portela, a imagem de uma festa que não houve. Tom de tristeza também no gesto dos vendedores. Recolher as armas, guardar o que antes era exibido com orgulho. Tem gente que reage com raiva. Na Saara, a maior área livre do comércio popular no Rio, assim que o jogo terminou começou uma super queima de estoque. Alguns comerciantes acham que agora nem de graça a mercadoria vai interessar. Às vezes bastam 90 minutos para uma relação de amor acabar e o maior símbolo da seleção (bandeira nacional), perdeu posto aqui na vitrine e vai lá para o estoque agora. E como se recuperar de uma decepção tão grande assim? O brasileiro lança mão de várias estratégias: quem sabe escolher

um outro time ou tentar se reanimar? Ou reconhecer os erros e se conformar. Talvez o melhor seja mesmo pensar no futuro.